



EM EXPANSÃO

Franquias crescem e superam em 30% índice pré-pandemia

Negócios envolvendo turismo e hotelaria lideram em faturamento na PB, com alta de 685%. **Página 17**

Foto: Divulgação



Ingá retoma produção industrial de algodão

Área plantada por agricultores familiares e comunidades quilombolas aumentou de cinco para 46 hectares em um ano. **Página 7**



Foto: Arquivo pessoal

Doenças cardiovasculares respondem por 30% das mortes

Cardiologista Daniel Moura alerta para a redução dos exames preventivos durante a pandemia.

Página 4

Pessoenses aderem ao “mercado de honestidade” em condomínio

Foto: Evandro Pereira



Em busca de praticidade, moradores abraçam os minimercados que funcionam “na base da confiança”, sem funcionários para checar compras ou receber pagamento.

Página 6



Foto: Divulgação/Filmes de Plástico

“Marte Um’ é sobre a complexidade humana”

Diretor do filme indicado para representar o Brasil no Oscar estará amanhã, em JP, participando de debate.

Página 9

Notícias falsas se espalham e ameaçam o processo eleitoral

A campanha de desinformação já está nas ruas e representa um risco para o sistema democrático.

Página 3

Parque Tecnológico já tem startups em pré-incubação

No primeiro ciclo, o programa conta com 14 equipes de empreendedores, totalizando 56 participantes.

Página 19

No Almanaque, o atentado que abalou o Sertão da Paraíba

Em julho de 1975, uma bomba caseira explodiu no Cine Teatro Apolo 11, em Cajazeiras.

Página 25

■ “Chama-nos a atenção, no trecho citado, a caracterização do poeta Augusto dos Anjos como ‘histérico’ e ‘misantropo’, embora de ‘extraordinário talento’”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “O filme ‘Parahyba’ (...), explora muito bem a questão da resistência local aos invasores, quer sejam eles os estrangeiros portugueses, holandeses ou franceses...”.

Alex Santos

Página 11

Aos 21 anos, piloto paraibano treina para chegar à Fórmula 1

Desde os 15 anos, Léo Barbosa se dedica ao automobilismo e, competindo na Fórmula 3, vem colecionando troféus nacionais e internacionais.

Página 21



Foto: Kairelphoto/Divulgação

Editorial

Lições da pandemia

Os cuidados com a pandemia de Covid-19 pouco a pouco vão sendo esquecidos pela população brasileira. Diminui o número de pessoas que, no espaço público, usam máscaras e fazem a higienização dos membros superiores com álcool. Vale lembrar, no entanto, que, no país, dezenas de pessoas ainda morrem, por dia; milhares se contaminam e, o mais importante: somam quase 700 mil as vítimas fatais da doença.

É natural que o esvaecimento da pandemia implique na suspensão gradual e progressiva das medidas profiláticas adotadas pelas instituições de saúde com o objetivo de impedir ou pelo menos diminuir ao máximo a propagação da doença. Um dos equipamentos mais usados e eficazes foi, sem dúvida, a máscara de proteção, de modo especial, nos ambientes fechados e com grande concentração de pessoas.

Ocorre que o surto de coronavírus deixou lições sobre prevenção sanitária que não deveriam ser esquecidas. Seria recomendável, por exemplo, a manutenção da higienização diária dos transportes coletivos, como também o uso de máscaras dentro dos ônibus e nos estabelecimentos potencialmente transmissores de doenças. O saguão das casas de saúde seriam uma espécie de modelo de local de risco.

As campanhas de educação sanitária não deveriam ser negligenciadas, por exemplo, na rede bancária, como também nos estabelecimentos comerciais que lidam com alimentos orgânicos ou industrializados – supermercados, quitandas, feiras livres, padarias etc. –, conscientizando a clientela para a importância de se praticar procedimentos de higienização, antes e depois da manipulação dos produtos.

É necessário bom senso, para evitar restrições desnecessárias à população. Porém, do mesmo modo que, dentro de casa, recomenda-se lavar as mãos antes das refeições, também no ambiente externo não custa nada exercitar certas lições de profilaxia, legado da pandemia. Agindo assim, com certeza irão cair os índices não só de Covid-19, mas de várias outras doenças transmitidas por vírus ou bactérias.

Enfim, o que se quer enfatizar aqui é que certos hábitos sanitários, adquiridos ou que vieram à baila durante a pandemia de coronavírus, não deveriam ser esquecidos quando finalmente for declarada encerrada a pandemia de Covid-19. Até porque, como se sabe, o coronavírus tornou-se companheiro de jornada da espécie de humana, do mesmo modo que aconteceu com os microtransmissores de antigos males.

Artigo

Contradições

Vejam essas contradições, aparentes ou claríssimas, e tirem suas conclusões:

País com uma das maiores cargas tributárias do mundo, mas com péssima prestação de serviços públicos, especialmente os essenciais, como saúde e educação para sua população que enfrenta filas para atendimento médico em postos desprotegidos e desabastecidos.

Celeiro capaz de produzir alimentos baratos e com uma qualidade que o credencia a exportar para nações em todo o mundo, mas não consegue dar condições para que sua própria população tenha condições mínimas de nutrição.

Agronegócio exemplar para o Planeta, com alta produtividade na produção de commodities agrícolas, como soja, milho, algodão e cana-de-açúcar, para ficar em poucos exemplos, mas ineficiente por causa de infraestrutura arcaica e deteriorada, de levar aos seus principais mercados internos os produtos com a eficiência com que exporta.

Detentor do maior rebanho pecuário da Terra, com criações aos milhões, mercados em todos os países, com agências reguladoras de importação muito exigentes e eficazes na fiscalização, mas incapaz de colocar na mesa de seus filhos carne para uma dieta rica em proteínas.

Autossuficiente na produção de petróleo, detentor de tecnologias patenteadas e utilizadas em todas as plataformas de exploração em alto-mar construídas nos sete mares, mas ineficiente ao fornecer combustível para seus próprios consumidores a preços justos e, por isso, gasolina, diesel e até o álcool, desenvolvido da pesquisa à produção no próprio território, são tão caros.

Dono da maior biodiversidade do planeta, com fauna e flora sequer catalogadas, muito menos pesquisadas para se descobrir a utilidade científica, seja na produção de remédios ou para a indústria mecânica, eletrônica, especial ou qualquer outra. Mas maior destruidor de reservas, com queimadas, exploração de terras protegidas por lei e contaminação de mananciais.

Maior reserva de água doce do mundo, quer em rios quer em aquíferos, mas sem decisão política para assegurar os investimentos necessários para levar essa água para populações longe das grandes cidades, aliás, nas metrópoles já há ameaça de

desabastecimento em poucos anos, ou por causa da poluição dos lençóis ou por falta de novos investimentos em barragens, adutoras e estações de tratamento.

Riquíssimo em cultura e nações indígenas, com povos que sequer tiveram contato com a civilização, mercedores da curiosidade de pesquisadores de instituições de ensino internacionais, mas negligente com a saúde, com a educação, com os cuidados necessários para manter a preservação da cultura e da diversidade desses povos.

De subsolo com riquezas raríssimas, onde são encontrados minérios que perpassam a História da humanidade como símbolo de riqueza, como o ouro, a outros tão ou mais nobres, atuais, indispensáveis à tecnologia moderna, como o nióbio, da indústria eletrônica, ou urânio, da energia nuclear.

Soberano em uma das maiores extensões territoriais do planeta, quinto maior, com o detalhe de dispor de terra fértil, de água em abundância e de sol, o que possibilita a exploração o ano inteiro, mas sem decisão e força políticas para promover uma reforma agrária que garanta a cada família agrícola em seus rincões uma gleba para produção de alimentos para o próprio sustento.

E há muito mais contradições. Faça um exercício pessoal, liste as que você identifica e tente descobrir onde estamos.

Maior destruidor de reservas, com queimadas, exploração de terras protegidas por lei e contaminação de mananciais

Luiz Carlos Sousa

Foto Legenda

Marcos Russo



Arte para o Criador!

Artigo

Maria Quitéria, a heroína da Independência

Algumas mulheres se destacaram no movimento nacional pela independência do Brasil. A História que nos é ensinada nas escolas não registra, como deveria, a participação feminina na consolidação da nossa independência. Dentre elas, Maria Quitéria se distinguiu pela coragem e bravura, desempenhando papel importante nesse momento decisivo da nossa História.

Após o 7 de setembro de 1822, quando Dom Pedro I cancelou a “declaração de independência” assinada pela Princesa Leopoldina, cinco dias antes, houve muita resistência a aceitar que deixássemos de ser uma colônia de Portugal. Militares portugueses que moravam no Brasil, organizaram várias manifestações contrárias à decisão anunciada pelo Príncipe Regente.

Dom Pedro se viu obrigado a reagir para assegurar a nossa recém-conquistada liberdade em relação a Portugal e colocar com vigor seu governo em todo o território nacional e se afirmar como monarca brasileiro. Para isso decidiu formar um exército pró-independência, com o intuito de expulsar de vez os portugueses rebeldes. Enviou mensageiros às fazendas para recrutar voluntários e angariar recursos financeiros. Numa dessas fazendas, no interior da Bahia, vivia Maria Quitéria.

Foi a primeira mulher a sentar praça em uma unidade militar brasileira. Pouco afeita aos trabalhos domésticos, Maria Quitéria gostava de montar cavalos e aprendeu a atirar, algo fora dos padrões da época. Ao tomar conhecimento de que estavam à procura de combatentes dessa causa, fugiu de casa e se alistou nas tropas, assumindo a identidade masculina, usando o nome de um irmão.

Ao ser informado da fuga da filha, o fazendeiro Gonçalo Alves de Almeida, foi à Cachoeira, cidade onde ela estava atuando como militar, e revelou para o major José Antônio Castro que o soldado Medeiros era uma mulher. Maria Quitéria não aceitou as ameaças do pai e resolveu permanecer na tropa, fortalecida pela decisão do major no sentido de que ela continuasse incorporada ao Batalhão que comandava, por reconhecer suas habilidades com armas de fogo, independente da descoberta de que não se trata de um soldado e sim de uma soldada. Passou a se vestir como mulher, por permissão dos superiores na unidade militar a

“
Maria Quitéria se distinguiu pela coragem e bravura

Rui Leitão

que estava servindo.

Teve participação efetiva em, pelo menos, três combates. Os dois primeiros nas regiões de Pituba e Itapoã. Em abril de 1823, comandou um grupo de mulheres civis que se uniram para lutar contra os portugueses na Barra do Paraguaçu, no litoral do Recôncavo, passando a ser considerada uma heroína da pátria. A vitória sobre os portugueses resistentes ocorreu em 2 de Julho, na Bahia, quando foram expulsos do país.

Em agosto de 1823, já alçada ao posto de Cadete do Exército, foi recebida pelo Imperador e condecorada com a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Na oportunidade Dom Pedro declarou: “Querendo conceder a Dona Maria Quitéria de Jesus o distintivo que assinala os serviços militares que com denodo raro, entre as mais do seu sexo, prestara à causa da Independência deste Império, na porfiosa restauração da capital da Bahia, hei de permitir-lhe o uso da insígnia de cavaleiro na Ordem Imperial do Cruzeiro”.

Foi reformada com o posto de Alferes (segundo tenente). Em 1853, esquecida pela História, veio a falecer. Cem anos depois, o Exército, na figura do Ministro da Guerra, rendeu-lhe uma homenagem: ordenou que todas as unidades militares passassem a ter um retrato de Maria Quitéria. Em 1996, por decreto presidencial, recebeu o título de Patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército.

Maria Quitéria se tornou um símbolo da emancipação feminina e exemplo para mulheres de todo o país.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

FAKE NEWS

Risco a processo eleitoral e ataques se intensificam

Na Paraíba e no Brasil, a desinformação é ferramenta contra adversários

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

■ Notícias falsas, pelo poder de impacto que possuem na opinião pública, são usadas como armas de “guerra” na campanha

Eleição é democracia, debate de ideias e busca incessante pelos votos dos eleitores para a consolidação no cargo pretendido. No entanto, há alguns anos, o período é também marcado por intensa disputa com o objetivo de atingir e deslegitimar o concorrente, como uma verdadeira guerra contra um ou mais inimigos. A principal ferramenta nesse processo é a desinformação, propagada através de notícias falsas. Para as eleições gerais deste ano, as *fake news*, mais uma vez, se tornam uma ferramenta de ataques no processo eleitoral. Na Paraíba, por exemplo, o primeiro debate entre os candidatos ao Governo do Estado foi um prato cheio de desinformação. Um dos candidatos, Nilvan Ferreira (PL), levou para a TV aberta a informação de que a Paraíba representava 56% do PIB Nacional e teria caído para 43%. O valor percentual, no entanto, é de 0,9%. São Paulo, estado com



Foto: Arquivo pessoal

maior expressividade de participação no PIB do Brasil, tem 32,1%, seguido pelo Rio de Janeiro, com 11,5%. A notícia falsa serviu de apoio para os seguidores do candidato compartilharem nas redes sociais, mas repercutiu nacionalmente através do portal de notícias Metrôpoles. Outras notícias falsas

se multiplicam na Paraíba e em todo o país. De acordo com o educador Leonardo Tavares, que desenvolve pesquisas sobre notícias falsas e eleições, as *fake news* possuem um padrão que se baseia, primeiramente, em um fato verídico noticiado pelos meios de comunicação.

“As *fake news* foram se modificando com o tempo. E isso acontece porque a sociedade já passou a entender que existem inverdades circulando nos meios digitais. Algumas desinformações são disfarçadas de opinião para conseguir manipular as pessoas, fazendo com que elas acreditem mais naquela notícia falsa. Nesse contexto, a gente percebe que utilizam de uma informação originada de algo verídico para que as pessoas rapidamente a associem à verdade, ou seja, aproveitam uma informação que saiu na mídia, que é verdadeira, para manipular essa informação e fazer com que as pessoas acreditem que ela é verdadeira”, descreveu o pesquisador. Elas se tornam uma ferramenta e até arma contra os adversários no processo eleitoral por conta do poder de impacto que possuem na opinião pública. Ainda de acordo com o educador, as notícias falsas podem impactar diretamente no voto da população.

“As *fake news* possuem essa intenção de persuadir e influenciar a decisão do voto. Por exemplo, para se escolher um candidato a gente geralmente analisa sua proposta, procura se informar mais, assiste debates... e assim a gente traça um perfil do candidato que mais se destaca com os ideais que acreditamos. E as *fake news*, em sua maioria, criam o perfil de um candidato que não existe, e isso acaba afetando todo um sistema eleitoral, influenciando o eleitor a se distanciar de um suposto outro voto”, avaliou.

Majoria dos eleitores vê perigo de impacto

Dados da pesquisa Ipec divulgados terça-feira apontam que 85% dos eleitores brasileiros acreditam que as *fake news* podem impactar na eleição deste ano. Em contraponto, apenas 12% acreditam que as notícias falsas não devem influenciar, e outros 3% não sabem ou não responderam. Desse montante, pessoas de 16 a 24 anos são os que mais acreditam que as notícias falsas podem impactar o resultado do pleito, com 91% dos entrevistados demonstrando preocupação. Com o avanço da idade dos entrevistados, esse temor cai gradativamente, chegando a 75%. O Ipec também avaliou a frequência com que os entrevistados se deparam com as notícias falsas. Apenas 8% informaram que nunca receberam; 9%, raramente. Em contraste, 33% afirmaram receber sempre, outros 22% quase sempre e 24%, às vezes. Outros 4% não sabem ou não responderam. Um total de 43% dos eleitores sempre busca checar os fatos recebidos, 27% às vezes verificam, 12% raramente e 15% nunca verificaram. O número se concentra entre os eleitores com 60 anos ou mais. “Plataformas jornalísticas, geralmente associadas à grande mídia, são fontes confiáveis

que compartilham, em sua maioria, informações verdadeiras. Então, se informar através delas acaba sendo um dos meios de se distanciar das desinformações. Acontece hoje um fenômeno que chamamos de pós-verdade. As pessoas se apegam àquela notícia que rodeia sua bolha, seu candidato favorito, e acabam compartilhando uma desinformação sem saber que aquilo é uma notícia falsa. As pessoas que recebem desinformação muita das vezes nem chegam a clicar, mas acabam compartilhando porque favorece o seu candidato”, declarou Leonardo Tavares. Na disputa presidencial deste ano, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) recebeu 30 ações de denúncia de *fake news*. A maioria das ações movidas é contra bolsonaristas, seja o presidente Jair Bolsonaro (PL) ou seus apoiadores e aliados. As denúncias se baseiam na legislação sobre propaganda irregular. A maioria delas, no entanto, são as divulgadas em canais oficiais, excluindo as centenas de notícias falsas compartilhadas nas redes sociais que se multiplicam dia após dia. Segundo o TSE, o Partido dos Trabalhadores (PT) moveu 18 das 30 ações contra Jair Bol-

“Bolhas”

Especialista diz que as pessoas se apegam às notícias nas quais navegam através de suas “bolhas” e as compartilham como se fossem verdadeiras

sonaro. Já o Partido Liberal (PL) enviou duas representações por *fake news* contra o ex-presidente Lula. O Partido Democrático Trabalhista (PDT) enviou outras oito. Visando o combate à desinformação nas redes sociais, o PT enviou propostas para as plataformas Facebook, Instagram, YouTube, Twitter e TikTok, onde há a maior veiculação de *fake news*, principalmente contra o candidato do partido, solicitando a derrubada dos conteúdos com ameaças e incitações à violência em caráter de urgência. Antídoto O antídoto para combater

o veneno da desinformação é, justamente, o seu oposto: a informação. Além dos meios jurídicos, é necessário que a população possa ser conscientizada e que a mídia de jornalismo sério e ético esteja comprometido com a verdade, com incentivo e investimento em uma educação midiática. “Precisamos criar essa rotina de pesquisar, ver uma segunda fonte, procurar portais jornalísticos de confiança para que a gente consiga se informar e combater essas desinformações. Como educador, percebemos que é necessário que estratégias jornalísticas e de educação midiática possam estar mais presentes no ensino aprendizagem, na TV, no jornal... para que a população, enfim, possa ter uma maior conscientização sobre a desinformação”, finalizou o pesquisador. Para o enfrentamento, agências de verificação de informações se multiplicam no Brasil, oferecendo um serviço independente e comprometido com a verdade. A Agência Lupa é a que mais se destaca neste meio, compartilhando a verificação de forma massiva na internet.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

QUEM VAI PAGAR A CONTA? BARROSO ALERTA PARA “RISCOS À AUTONOMIA FINANCEIRA DOS ENTES FEDERATIVOS”



Foto: Nelson Jr./STF

É justa a luta dos profissionais da enfermagem pela efetivação do piso salarial de R\$ 4.785 aprovado pelo Congresso, mas cuja implantação foi suspensa por decisão do ministro Luís Roberto Barroso (foto), do STF. No setor público, essa é uma opinião pacífica entre aqueles terão que pagar essa conta: governadores e prefeitos. A questão levantada pelo ministro não é quanto à legitimidade do aumento salarial e sim pela forma como o Congresso aprovou a matéria, sem definir os recursos que serão utilizados para cobrir tais custos. Na sexta-feira, Barroso confirmou sua decisão liminar anterior, durante julgamento pelo plenário virtual da corte, ressaltando esse argumento: “De um lado, encontra-se o legítimo objetivo do legislador de valorizar os profissionais de saúde, que, durante um longo período de pandemia, foram exigidos até o limite de suas forças. De outro lado, estão os riscos à autonomia e higidez financeira dos entes federativos, os impactos sobre a empregabilidade no setor e, por conseguinte, sobre a própria prestação dos serviços de saúde”. Em todo o país, os profissionais do segmento promoveram manifestações contra a decisão do ministro, com o apoio de congressistas que votaram pela aprovação sem definir a fonte pagadora.

ATÉ O DIA 16 DE SETEMBRO

O julgamento, pelo plenário virtual do STF, se estenderá até o dia 16 de setembro. Até agora, só foi proferido o voto do relator, ministro Luís Roberto Barroso, pela suspensão da lei que estabelece o piso da enfermagem. Barroso criticou a aprovação da regra, porque o Legislativo e o Executivo “teriam querido ter o bônus da benesse sem o ônus do aumento das próprias despesas, terceirizando a conta”.

PACHECO QUER ENCONTRAR FONTE

O presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD) já anunciou: irá se reunir com a equipe econômica do governo para tratar sobre uma fonte de financiamento para o pagamento do piso da enfermagem. Ele pretende discutir essa pauta com os ministros da Economia, Paulo Guedes; da Saúde, Marcelo Queiroga, e da Casa Civil, Ciro Nogueira.

“VÍTIMA DA GUERRA FRATRICIDA”

Após mais um crime motivado por discussão política, desta vez no interior do Mato Grosso, onde um apoiador de Bolsonaro (PL) matou um eleitor de Lula (PT), o candidato Ciro Gomes (PDT) culpou a polarização entre os dois candidatos: “Mais uma vítima da guerra fratricida, semeada por uma polarização irracional e odienta que pode inundar de sangue o nosso solo. Abaixo a violência política!”

R\$ 100 MIL PARA O FEST ARUANDA

“Reafirmo o compromisso de continuar investindo para fortalecer essa iniciativa, que já se tornou uma atração importante para João Pessoa e para o Estado”. Do deputado Frei Anastácio (PT), referindo-se à emenda de R\$ 100 mil que destinou para o 17º Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, a ser realizado de 1º a 7 de dezembro, na capital paraibana.

13 CANDIDATOS JÁ DESISTIRAM

Dados do TSE mostram que 13 candidatos da Paraíba desistiram de disputar a eleição deste ano, sendo cinco que concorriam a vaga na Câmara Federal e nove a vaga na ALPB. Na lista, estão Queiroguinha (PL), filho do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, e o deputado estadual Buba Germano (PSB). PL, PMB e PMN foram os partidos que mais perderam candidatos.

CMJP ENCERRARÁ SABATINAS COM MAIS TRÊS CANDIDATOS AO GOVERNO

A Câmara Municipal de João Pessoa encerrará as sabinas com os candidatos a governador da Paraíba nesta próxima semana. Na segunda-feira, às 9h, a sabatina é com o governador João Azevêdo (PSB). Na quarta-feira e na sexta-feira, respectivamente, serão ouvidos os candidatos Pedro Cunha Lima (PSDB) e Antônio Nascimento (PSTU).

Foto: Arquivo pessoal



Daniel Moura
Cardiologista

Infarto levou a óbito 13 mil paraibanos de 2017 a julho deste ano

Pandemia agrava situação de cardíacos no estado com a forte redução de consultas médicas e exames de prevenção

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Cuidar da saúde do coração deve ser uma máxima desde cedo com uma dieta saudável e prática de exercícios físicos. A falta desse cuidado pode acarretar sérios problemas cardíacos que, além de deixarem sequelas, podem levar à morte. Dados da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB) indicam que, de 2017 a julho de 2022, o infarto agudo do miocárdio levou a óbito mais de 13 mil pessoas na Paraíba. O mais grave é que, se somadas todas as patologias associadas ao coração, foram mais de 44 mil vidas perdidas no mesmo período. É um número assustador, especialmente considerando que algumas dessas doenças poderiam ser evitadas com a adoção de hábitos alimentares saudáveis, atividades físicas, evitando o tabagismo e o excesso de álcool. O cardiologista Daniel Moura explica que a doença cardiovascular é a principal causa de morte no mundo e que sua proporção aumentou nas últimas duas décadas. O Dia Mundial do Coração é lembrado em 29 de setembro.

Entrevista

■ *O que tem causado tantos óbitos?*
Não há um fator único e isolado que justifique a mortalidade cardiovascular. No mundo, a doença cardiovascular é a principal causa de morte e a sua proporção aumentou nos últimos 20 anos. Para analisar esses dados temos que ter em mente quais são os principais fatores de risco para doenças cardiovasculares, são eles: dislipidemia (colesterol alto), hipertensão arterial sistêmica (pressão alta), obesidade, diabetes, sedentarismo, tabagismo, sexo masculino e, o principal deles, idade. As doenças cardiovasculares aumentam significativamente com a idade e, tanto na Paraíba quanto globalmente, temos observado um envelhecimento populacional. Além disso, o não controle dos fatores de risco modificáveis, ou seja, os que você pode mudar com o adequado cuidado da saúde (dislipidemia, hipertensão arterial sistêmica, obesidade, diabetes, tabagismo, sedentarismo, dentre outros), geram um grande efeito aditivo ao risco de doenças e mortes cardiovasculares inerentes ao processo de envelhecimento.

■ *É por isso que o número de mortes tem aumentado ao longo dos anos?*
Quando olhamos dados do DataSUS, no período de 2011 a 2020, último ano disponível na plataforma, vemos que o número de mortes por causa cardiovascular tem se mantido relativamente estável. Mas, assusta saber que no último ano antes da pandemia, as doenças cardiovasculares foram responsáveis por quase 30% das causas de morte e que o controle dos fatores modificáveis pode alterar significativamente esse panorama.

Óbitos
Doença é a principal causa de morte no mundo e situação agravou-se nos últimos 20 anos, segundo dados de pesquisas científicas

■ *Pessoas jovens têm morrido por patologias cardíacas. Por que esses problemas do coração têm afetado a população cada vez mais jovem?*
Segundo a OMS, os países que possuem renda baixa ou média - o Brasil é considerado renda média pelo Banco Mundial - não possuem acesso a serviços de saúde que permitam o diagnóstico e tratamento precoce das doenças cardiovasculares. Em última análise,

a ausência de diagnóstico e tratamento precoce gera um agravamento das doenças cardiovasculares culminando na morte nessa faixa etária. Contudo, dados do DataSUS, no que tange à Paraíba, têm evidenciado uma tendência de redução da mortalidade cardiovascular nos últimos 10 anos em adultos com até 60 anos.

■ *Quais as principais doenças cardiovasculares que podem ser prevenidas ou, ao serem identificadas, podem ser tratadas?*
Hipertensão arterial sistêmica, angina, insuficiência cardíaca, infarto agudo do miocárdio. Do ponto de vista prático, podemos afirmar que virtualmente todas as doenças cardiovasculares podem ser tratadas e, quanto mais cedo e eficaz for este tratamento, maior o benefício ao paciente. No que tange à prevenção, ela pode evitar o aparecimento delas e, mesmo que surjam, isso irá ocorrer numa idade mais avançada e, possivelmente, numa gravidade menor.

■ *Quais as principais características das doenças cardiovasculares?*
Os principais sintomas das doenças cardiovasculares são dor no peito, palpitações, cansaço, falta de ar e até mesmo desmaios. Além disso, é importante lembrar que a mais comum delas, que é a hipertensão arterial sistêmica, é habitualmente assintomática. Porém, é possível detectar precocemente essas doenças. Avaliações médicas permitem o diagnóstico precoce da hipertensão arterial sistêmica, que é fator de risco importante para infarto, acidente vascular cerebral e para insuficiência cardíaca.

■ *Há algum estudo ou avaliação dos médicos sobre o comportamento das doenças cardiovasculares após a Covid-19? A doença trouxe agravamentos, algum impacto para o que já se apresentava aqui no país, ou no Estado?*
Há pequenos estudos que geralmente apontam para algumas direções: a perda do acompanhamento médico regular, ganho de peso, piora do controle pressórico, do colesterol e da diabetes. A doença trouxe, sim, impactos.

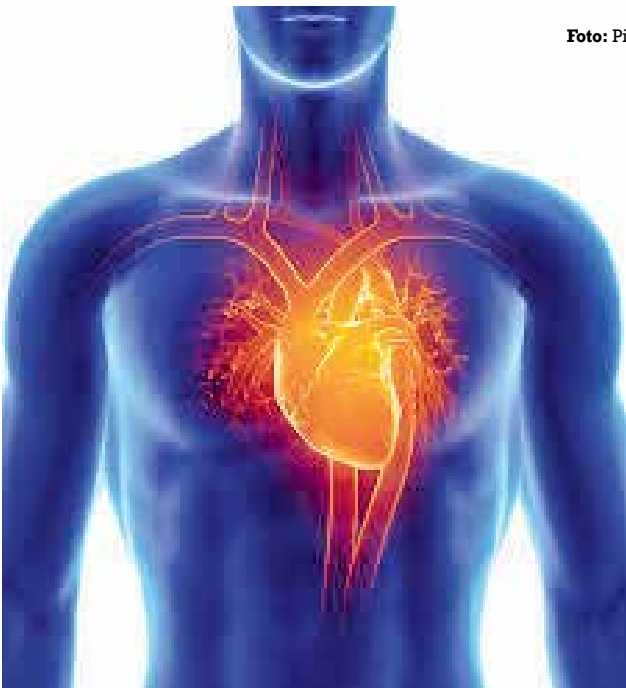


Foto: Pixabay

■ **Principais sintomas são dores no peito, palpitações, cansaço, falta de ar e até desmaios, alerta médico**

Houve uma redução dramática na realização de consultas e avaliações com foco na prevenção e diagnóstico precoce das doenças, não só das doenças cardíacas, como no câncer, notadamente no de mama e próstata, que são os mais comuns. Um dado quantitativo disso foi a redução de 58% a 80% no número de mamografias realizadas.

■ *Em que momento uma pessoa que não tem histórico de problemas cardiovasculares deve se submeter a um check-up cardiológico? Quais os exames essenciais, com que frequência e a partir de que idade devem ser realizados para prevenção?*
A partir dos 35 anos o check-up cardiológico é recomendado em pacientes saudáveis, assintomáticos e sem história familiar de doenças cardíacas genéticas. Não há uma lista de exames mínimos essenciais. A escolha dos exames deve ser feita de maneira individualizada e se valendo de calculadoras de risco cardiovascular que utilizam dados clínicos pessoais e familiares.

■ *Há algum indicativo ou sinal que chame a atenção para buscar ajuda nesse sentido, independentemente da idade? E em relação ao histórico familiar, como ele afeta a saúde pessoal?*

Qualquer sintoma de doença cardiovascular, tais como dor no peito, palpitações, cansaço, falta de ar, tonturas, desmaios, inchaço nas pernas, deve direcionar para que o paciente procure ajuda médica. Sobre o histórico familiar, além dos pacientes com familiares de primeiro grau com doenças cardíacas hereditárias, como miocardiopatia hipertrófica, síndrome do QT longo, hipercolesterolemia familiar, todos os pacientes que possuem familiares de primeiro grau com história de infarto, angina, insuficiência cardíaca que se iniciaram antes dos 55 anos em homens e 65 anos nas mulheres possuem um risco de doença cardiovascular aumentado, devendo realizar prevenção cardiovascular de maneira mais rigorosa.

■ *O que é o Setembro Vermelho e a importância para a prevenção de doenças cardiovasculares?*
O Setembro Vermelho é um mês dedicado a levar conhecimento sobre as doenças cardiovasculares, seus sinais, sintomas, como tratar e, principalmente, como prevenir. A campanha culmina no dia 29 de setembro, quando é comemorado o Dia Mundial do Coração. A importância dessa data se dá na capacidade de gerar prevenção cardiovascular.



Foto: Pixabay

SAÚDE MENTAL

É preciso falar sobre a psicofobia

Preconceito atinge pessoas que apresentam transtornos mentais e necessitam de acesso a terapias

Nalim Tavares
Especial para A União

Psicofobia é o preconceito voltado para pessoas que apresentam transtornos mentais. A discussão ao redor do termo, que ganhou mais força durante a pandemia, tem mostrado como alguns comportamentos da sociedade impedem que essas pessoas procurem ajuda ou tratamento apropriado, assustadas com a possibilidade de serem menosprezadas, excluídas ou estigmatizadas por aqueles com quem convivem.

Uma universitária, que prefere não ser identificada, percebeu as consequências deste estigma desde a infância. Ela conta que, por volta dos 12 anos, começou a sentir que precisava de ajuda, mas não sabia como pedir e nem a quem recorrer. “Chegou um ponto da minha vida que eu simplesmente sabia que tinha alguma coisa errada. Eu maximizava tudo, me preocupava ao ponto de ter dores de cabeça e noites sem dormir”, explica. “Era tudo muito desproporcional, e me diziam para ter calma, que eu precisava relaxar, mas eu não conseguia e sofria. Todo mundo dizia que eu só era ‘muito tímida’. E eu fui na onda, querendo acreditar.”

Ela lembra do medo que sentia de preocupar as pessoas. Ela notava os pais inquietos porque não fazia amigos, não era convidada para sair com os outros jovens da escola e passava muito tempo no quarto, sem vontade de interagir. Uma das poucas pessoas com quem ela se relacionava era uma amiga dos primeiros anos de escola, com quem estudou até o fim do Ensino Médio. Um dia, essa amiga contou que tinha sido diagnosticada com ansiedade. “Acho que essa foi a primeira vez que alguém realmente falou comigo sobre isso. Eu tinha uns 14 anos. Fiquei com aquilo na cabeça e resolvi pesquisar na internet. Lembro de ter encontrado listas de sintomas em alguns sites, e eu ia me identificando e reconhecendo cada um deles”, relembra. “A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi ‘como eu digo isso aos meus pais?’ Com receio da reação da família, ela não contou para ninguém.

No começo deste ano, a mesma amiga que falou sobre ansiedade com a estudante a chamou para conversar, e disse que ela também precisava de terapia. “Essa amiga já vinha me dizendo isso há um tempo, mas eu não queria ouvir. Ser realmente diagnosticada, falar sobre isso em voz alta, tudo me assustava muito”, conta a universitária. “E aí eu tive uma crise de ansiedade na frente dessa amiga, e ela me chamou para conversar sério, falar que eu precisava me cuidar. Foi quando eu finalmente agendei uma consulta com uma psicóloga.”

Da psicóloga, ela foi encaminhada para um psiquiatra e recebeu, de fato, o diagnóstico de ansiedade. “Agora, vou na psicóloga toda semana, tomo ansiolítico... Não é mágico, mas, de verdade, mudou a minha vida. E eu nem sempre estou bem, às vezes sinto que estou regredindo, mas consigo ver que estou melhorando.”

Hoje, a estudante se sente mais tranquila. “Antes, eu tinha muito medo de falar sobre isso com minha família porque ouvia quando eles falavam que era besteira. Minha tia-avó era o tipo de pessoa que dizia que isso é falta de Deus, o que obviamente é um absurdo. Eu não sentia que podia falar com eles.” Ela relata que, no começo, percebeu a descrença dos pais em relação ao diagnóstico. Mas, com o passar do tempo, eles perceberam os efeitos do tratamento.

Para a jovem, é fundamental garantir que as pessoas se sintam seguras para conversar a respeito dos seus problemas. “Se eu não tivesse ouvido de tantas pessoas dizendo que a minha ansiedade era besteira, acho que eu não teria passado por metade dos problemas. Eu teria me tratado mais cedo, buscado ajuda mais cedo e melhorado mais cedo”, conclui.

Falta de apoio prejudica o tratamento

“Falar sobre as doenças psiquiátricas é de grande importância, pois sempre foi um tabu

Camila Franca

A palavra “psicofobia” passou a ser mais discutida a partir de 2012, quando foi criada uma lei que criminaliza qualquer ato de discriminação, abuso ou desrespeito contra pacientes psicológicos. No entanto, apesar das determinações jurídicas voltadas para o assunto, especialistas em cuidados mentais concordam que a temática ainda precisa ser conversada, e que muitas informações falsas circulam pela população.

Para Camila Franca, diretora-técnica do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, “falar sobre as doenças psiquiátricas é de grande importância, pois sempre foi um tabu e informações acerca dessas patologias são escassas na população. Nós, enquanto profissionais de saúde, temos que debater, falar sobre, tirar dúvidas e afirmar, sim, que tem tratamento.”

Camila explica que, entre as formas de psicofobia, estão a “inferiorização, que é quando se constrange quem possui um diagnóstico de transtorno mental; a segregação, que é impedir a socialização, induzindo ao isolamento, e difundir estereótipos, como espalhar que essas pessoas são perigosas ou agressivas.”

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, 10% da população mundial sofre com algum tipo de transtorno mental. “O Brasil é o terceiro país no ranking das doenças mentais, sendo 11,5 milhões de pessoas

com diagnóstico de depressão e 19 milhões, com transtorno de ansiedade generalizado”, completa a diretora técnica.

O médico psiquiatra do Hospital Universitário Lauro Wanderley e do Complexo Hospitalar de Doenças Infectocontagiosas Clementino Fraga, Ricardo Henrique Araújo, explica que “a psicofobia traz prejuízos importantes na busca por cuidados para esses transtornos, pois muitas pessoas ficam com medo de, ao frequentarem um serviço de saúde mental, serem rotuladas com termos pejorativos e, consequentemente, serem excluídas dos meios sociais em que vivem.” Segundo ele, “desa forma, muitas pessoas podem esconder o que estão realmente sentindo, e se abstém da busca por ajuda, o que leva ao agravamento dos quadros.”

Para Ricardo, “a sociedade como um todo pode combater a psicofobia buscando ter um olhar diferenciado em relação aos transtornos mentais e às pessoas que os apresentam. Antes de tudo, trata-se de uma questão de empatia, de respeito e compreensão em relação ao próximo.” Ele continua: “é preciso entender que qualquer

um pode, em algum momento da vida, ser acometido por algum estado emocional adverso, que seja identificado como um transtorno depressivo, ansioso ou psicótico, por exemplo.” Entre as possíveis consequências de não buscar tratamento adequado, o médico psiquiatra destaca a cronificação do quadro, dependência de álcool e outras drogas e o suicídio.

Setembro Amarelo

Em todo o Brasil, começou a campanha do Setembro Amarelo, voltada para conscientizar a população a respeito do suicídio. Este ano, a Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB) trouxe como tema a “Prevenção ao suicídio se faz com fortalecimento de políticas públicas: a interface entre saúde mental e direitos humanos”. Ao longo do mês, debates sobre o cuidado com grupos vulnerabilizados estarão sendo promovidos através da plataforma virtual Google Meet.

As discussões on-line acontecem toda terça-feira, até

o fim do mês. Na última terça-feira, dia 6, a temática foi a saúde mental da população indígena. Na próxima terça, dia 13, o assunto será a saúde mental da população em situação de rua. A saúde mental da população LGBTQIAP+ e da população negra também serão debatidas, respectivamente, nos dias 20 e 27 de setembro.

De acordo com a gerente-operacional de atenção psicossocial da SES, Iaciara Mendes de Alcântara, “a SES decidiu falar sobre esse tema por conta das questões de vulnerabilidade que a gente tem visto se agravar no Brasil. Então, quando a gente fala de prevenção ao suicídio, a gente fala em fortalecimento de políticas públicas.” Iaciara, que também é coordenadora da campanha do Setembro Amarelo no estado, conta que os direitos mais básicos da população vêm sendo ameaçados: “O direito de alimentação, moradia e emprego. Temos visto uma população de rua muito crescente. E, diante deste cenário, é importante que os serviços da rede de atenção psicossocial estejam atentos às necessidades desses usuários, que procuram os nossos serviços, e ofereçam políticas públicas voltadas para cada um deles.”

Além da programação virtual, este ano, o Centro de Atenção Psicossocial Adulto Juvenil III (Caps AD III), realizou a primeira Semana de Práticas Corporais, como uma estratégia de cuidado com o bem-estar da mente. A programação contou com disputas esportivas, oficina de jogos teatrais, capoeira e outras atividades para lazer. Para Iaciara, é importante destacar que, apesar da importância e visibilidade que o Setembro Amarelo traz para essa temática, saúde mental deve ser discutida o ano inteiro.



Foto: Free Pick

■ De acordo com a OMS, o Brasil possui 11,5 milhões de pessoas com diagnóstico de depressão e 19 milhões com transtorno de ansiedade generalizado

É preciso que toda a sociedade combata a psicofobia, tenha um olhar diferenciado em relação aos transtornos mentais e ajude as pessoas que os apresentam

CONDOMÍNIOS

Praticidade na hora da compra

Minimercados de condomínios já são encontrados na Grande João Pessoa e funcionam na base da confiança

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Quadra de esportes, piscina, sala de ginástica e de cinema. Esses são atrativos que alguns condomínios oferecem aos moradores, mas há uma tendência que está se espalhando pelo Brasil e já existe na Paraíba: a implantação de minimercados nesses agrupamentos residenciais. A praticidade de ter produtos sempre à mão, pertinho de casa, sem ter de sair do condomínio ou gastar com deslocamento para comprá-los são um dos motivos que fazem com que esses minimercados sejam bem aceitos onde são instalados.

O Condomínio Village Intermares, em Cabedelo, aderiu à ideia. “O Village está localizado às margens da BR-230 e fica um pouco distante de supermercados, padarias e de outros estabelecimentos. Pela praticidade, buscamos uma empresa de minimercadinho para nos atender”, frisou a síndica Socorro Filgueira.

O curioso é que esses estabelecimentos que funcionam dentro dos condomínios não costumam ter operador de caixa ou qualquer outro funcionário para receber o pagamento pelo produto. Tudo funciona na base da confiança, ou seja, por meio do *honest market* (mercado da honestidade). No Village Intermares, o minimercado oferece desde salgadinhos para crianças, cereais, bebidas, até produtos de limpeza. O morador escolhe o produto, faz o pagamento e envia o comprovante para o WhatsApp da empresa responsável pelo negócio. Os minimercados geralmente funcionam 24h por dia, todos os dias da semana.

No Village, a regra básica é ter idade a partir de 18 anos para poder fazer compras no minimercado. Socorro Filgueira contou que no início, houve uma pequena adesão ao projeto. “Isso ocorreu pela falta de costume, mas depois, não vivemos mais sem ele”, enfocou.

Outro local em João Pessoa que

também possui um minimercado é o Residencial Mais Luxor, nos Bancários. De acordo com Thiago Lins, síndico do lugar, os planos para colocar o minimercado surgiram após ele perceber que havia uma demanda dos moradores que, após o horário comercial, precisavam fazer pequenas compras. Então, pela comodidade que o minimercado traria aos condôminos, foi instalado.

No Residencial Mais Luxor, o empreendimento oferece produtos como pães, queijos, água, refrigerantes e outras bebidas, inclusive alcoólicas. A venda de bebida alcoólica é controlada com uma senha que dá acesso à geladeira, para evitar o consumo por parte de crianças e adolescentes.

O próprio morador que faz a compra é quem faz o pagamento via Pix ou cartão de crédito. A regra diz que o morador só sai com o produto após pagar. “Todos os moradores adoraram a ideia! Tem sido muito positivo”, afirmou Thiago.



Foto: Evandro Pereira

Minimercados oferecem praticidade aos moradores de condomínios

Empresa digital comemora um crescimento de 80%

Uma das empresas que trabalham com minimercado em condomínios em João Pessoa é A Dispensa. Segundo o sócio fundador do empreendimento, Renato Leite, este tipo de negócio é uma forma inteligente de ter tudo que precisa em casa, sem deslocamentos e, principalmente, sem contato com pessoas, por serem autônomos. O projeto parece ser uma tendência que já “pegou” na cidade. Segundo Renato, os principais condomínios da cidade e polos urbanos na Paraíba já buscam essa “facilidade” para seus moradores.

Somente A Dispensa já trabalha com 12 condomínios, entre os já implantados e as novas parcerias. “Estamos em fase de piloto com um modelo totalmente novo, onde o condomínio é sócio e recebe pelas vendas”. E o melhor é que esse ano já houve um aumento de 80% no nú-

mero de clientes, em comparação ao ano passado.

Renato frisou que a empresa é 100% digital e utiliza pagamento exclusivamente via Pix. O consumidor tem autonomia para pagar pelos produtos que adquire e o índice de honestidade é de 90%.

O empreendedor destacou que a empresa se baseia em honestidade e o próprio nome do negócio representa um novo formato na relação com o cliente, “onde tudo que está na prateleira é parte da casa do morador”. “Reinventamos a dispensa, que nos remete à infância. Então, todos respeitam”, completou.

Tendência traz benefícios

O advogado, especialista em condomínios, Inaldo Dantas, afirmou que essa tendência veio do Sul e Sudeste do país e surgiu antes mesmo

da pandemia. Isso porque os aglomerados residenciais de estados como São Paulo são de grande porte e o ritmo de vida dos moradores é muito corrido, por isso necessitam de mais praticidade.

“Aqui não temos condomínios tão enormes, nem uma vida tão corrida quanto lá, mas essa é uma tendência de mercado”, frisou Inaldo. Ele destacou que os minimercados geralmente são implantados em condomínios com muitas unidades, acima de 50 moradias, que dispõem de espaço físico adequado e que todos tenham poder aquisitivo, para o negócio ser viável para ambas as partes.

Também chamado de mercadinho em condomínio, *minimarket* e loja de conveniência condominial, o empreendimento é visto como um bom negócio para ambas as partes. Se de um lado traz comodidade to-

tal aos condôminos, para o empresário há algumas vantagens além do lucro, pois ele não precisa investir em infraestrutura ou alugar uma sede para por os produtos. Os itens, geralmente, são colocados em um local que já existe no condomínio. “Ele também já tem um cliente fidelizado, ou seja, vai ter um gasto mínimo, economia esse que ele pode repassar para o consumidor, fazendo com que os produtos não fiquem tão caros”.

O valor dos itens expostos nas prateleiras costuma ser um pouco mais “salgado” do que os do mercado convencional, por causa da facilidade que oferece ao consumidor e das despesas com o abastecimento do empreendimento. Porém, de acordo com Inaldo Dantas, o preço dos produtos não é tão alto como em uma loja de conveniência de postos de combustível, por exemplo, porque

não há gasto com aluguel do imóvel.

Um dos pontos que o empreendedor ou administrador de um minimercado de condomínio deve ficar atento é no controle da entrada e saída de produtos, uma vez que, na maioria dos casos, a compra é feita pelo próprio condômino, sem intermediador. Ou seja, tudo funciona como um autosserviço: a pessoa chega no local, faz o pagamento automático e leva a mercadoria.

“Todos os minimercados que conheço são automáticos, e funcionam na base da confiança; a pessoa entra, pega a mercadoria e leva. Óbvio que há câmeras no local, e o comprador é monitorado, sendo possível identificar quem está desviando. Mas, segundo algumas pessoas, com quem já conversei, a perda é tão pequena que não vale a pena tomar providência judicial”, declarou Inaldo.

EFEITO PANDEMIA

Serviços de mensagens ressurgem e apostam na descontração

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

O serviço de mensagem, seja ao vivo ou por telefone, faz parte da memória afetiva de João Pessoa, pois esta forma irreverente de homenagear alguém fez muito sucesso no início dos anos 2000. Há quem pense que este serviço acabou, no entanto, ele ressurgiu durante a pandemia da Covid-19. Como as pessoas ficaram dois anos sem se reunir em datas comemorativas, as mensagens ao vivo eram uma forma de se mostrar presente à distância.

Quem nunca ouviu falar do Telejogue, certamente, não morava em João Pessoa nos últimos anos. Pioneiro na capital paraibana, o Telejogue oferece o mesmo serviço que telemensagens. Em vez de carro ou moto, o locutor, caracterizado de Zorro, utiliza uma carroça de quatro rodas impulsionada por seu cavalo. Gilberto da Silva vendia gás de cozinha a cavalo. Certo dia um cliente perguntou se ele poderia ajudá-la a fazer uma brincadeira com a amiga. Ele se fantasiou de Zorro e, desde aquele dia, incorporou o personagem. “Desde o primeiro show fiquei conhecido na cidade. As pessoas começaram a me chamar para animar festa”, contou.

Ele é contratado para animar datas comemorativas levando música e mensagens. “Telejogue é uma car-

roça de mensagem, com tudo brega. O show dá direito a quatro músicas, quatro mensagens e uma hora de show. Eu deixo o cliente bem à vontade”, explicou.

A estudante de Mídias Digitais da UFPB Malu Meneses, 20 anos, e seus amigos decidiram presentear o amigo Caio César em seu aniversário de maneira inusitada. Apesar de ser muito nova, ela lembra que o telejogue mobilizava a vizinhança.

“Receber uma telemensagem era uma surpresa que todos queriam, então sugeri aos nossos amigos para reviver a experiência”, contou Malu Meneses. Como o aniversariante é tímido, os amigos perguntaram aos pais se era um bom presente. “Os pais ficaram empolgados, pois era uma forma do filho perder a timidez”, afirmou.

Caio César Oliveira foi surpreendido com o Telejogue na sua festa de aniversário de 21 anos, no último 20 de agosto. Ele até estava desconfiado que os amigos iriam providenciar alguma brincadeira, mas nunca passou pela cabeça que seria uma surpresa tão inusitada como o Telejogue.

Por ser tímido, Caio ficou encabulado sem saber como reagir a surpresa, mas depois levou na brincadeira. “Meus pais já tinham falado do Telejogue, mas eu nunca presenciei nenhum evento”, contou.

Passado o impacto inicial, Caio gostou bastante do presente. Além

de ser uma brincadeira irreverente, o Telejogue marcou o seu aniversário de 21 anos. “Esse dia ficou na memória e se tornou uma ótima história para contar. Todo mundo deveria viver a experiência de receber um Telejogue, pois é melhor que muito presente”, recomendou.

Para Gilberto, conhecido como Zorro, um momento especial na sua trajetória profissional foi quando o Telejogue ganhou repercussão nacional no quadro “Achamos no Brasil”, na Rede Record. “Eu fiquei muito feliz em apresentar meu trabalho para o Brasil”, lembrou emocionado.

Retomada na pandemia

O locutor Valdeir Dantas, trabalha com publicidade há mais de 10

anos. No entanto, passou a oferecer o serviço de telemensagem “A Voz de Jampa” durante a pandemia. “Uma pessoa me contratou para fazer uma mensagem de aniversário ao vivo na pandemia, pois foi uma forma de se mostrar presente à distância”, declarou.

O serviço de telemensagem seguiu todos os protocolos de prevenção à Covid-19. Um deles, inclusive, foi felicitar o aniversariante por mensagens de voz do WhatsApp para evitar o contato com o microfone. “Eu reproduzia a mensagem na caixa de som por *Bluetooth*. É o serviço tradicional de telemensagem em um minitrio elétrico, com direito a fogos de artifício, locução de voz, carro decorado e música”, detalhou.

Foto: Evandro Pereira



Gilberto da Silva, fantasiado de Zorro, criador do Telejogue, investe na irreverência durante as mensagens

EM ESCALA INDUSTRIAL

Ingá retoma cultura do algodão

Com produtividade elevada, agricultores do município conseguem colher até 1,2 mil quilos por hectare

■ Plantado com contrato de compra garantida, o algodão orgânico tem atraído novos agricultores, saindo de cinco para 46 hectares em um ano

Enraizado na Caatinga, com baixo índice de chuvas, Ingá está colhendo algodão com alta produtividade. O algodão orgânico cultivado pela agricultura familiar e pelas comunidades quilombolas alcança 1.200 quilos por hectare. Plantado com contrato de compra garantida com tecelagens e confecções, o algodão orgânico tem atraído novos agricultores saindo de cinco para 46 hectares de área plantada em apenas um ano. “A retomada da produção em Ingá é um resgate cultural e histórico. Vamos colocar a cidade de volta no mapa do algodão do país”, anuncia Robério Lopes Burity, prefeito da cidade.

Na década de 1940, Ingá era o segundo maior produtor de algodão do Brasil. Denominado ‘ouro branco’ trouxe prosperidade, mas também dissabor. “Nos anos 80, com a praga do bicudo, todos perderam tudo, do fazendeiro ao trabalhador do roçado, sem distinção. Uma tragédia. O algodão foi praticamente extinto. Sem perspectiva de futuro, grande parte dos agricultores foi embora”, lembra Severino Vicente, 70 anos, conhecido como Biu.

Biu desistiu do algodão em 1983, no entanto, hoje, como presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar, tem a missão de convencer os vizinhos a plantar. Para isso, enfrentou o próprio trauma, servindo como exemplo. “Confesso que estava receoso. Plantei somente cinco hectares, mas tive uma ótima safra e ganhei dinheiro. Este ano, já estamos em 46 hectares. Das 43 famílias associadas, 38 já vão colher algodão orgânico em setembro, inclusive a minha família”, comemora.

Com novas perspectivas, o campo vem atraindo mulheres e jovens. Em 2021, havia apenas uma mulher no campo, este ano já são 17. A produção em Ingá envolve as comunidades de Pedra D’água, Distrito de Pontina, Sítio Pontina, Sítio Cutias, Fazenda São Paulo, Sítio Cururu, Fazenda Umatai, Sítio Pedra Lavrada e Sítio Piaba. Todos os trabalhadores são capacitados para a agricultura inovadora e agroecológica pela Empresa Paraibana de Pesquisa Extensão Rural e Regularização Fundiária – Emater. Desta forma, eles aprenderam que é possível enfrentar e vencer o bicudo sem usar veneno.

Os envolvidos no projeto têm como objetivo conseguir suporte do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) que apoia mini e pequenos agricultores de algodão em modalidade de financiamento e custeio associado ou isolado. As conversas estão avançando. No momento, o BNB já apoia o Dia do Campo, “principalmente pelo fato do algodão ter sido atividade pujante e tradicional em passado recente na região, além do forte apoio que a gestão pública do município de Ingá está proporcionando aos participantes da cooperativa”, justifica Nazareno Nascimento Félix, agente de desenvolvimento do BNB.



Fotos: Divulgação

Projeto “Labirinto de Ingá” reúne mulheres e aponta novos caminhos para o uso da técnica artesanal, que estava em decadência por causa do baixo valor

Algodão orgânico e a sustentabilidade local

“

Planejamos restaurar a nossa história e promover a independência dos agricultores, com geração de emprego e renda

Robério Lopes Burity

De acordo com a Textile Exchange, menos de 1% da safra de algodão no Brasil é orgânico. O algodão da Paraíba, além do valor agregado pela certificação, tem produção orientada pelos princípios da sustentabilidade ambiental, social e econômica. O trabalho tem como guia os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da agenda 2030 da ONU, cujas metas envolvem erradicação da pobreza, boa saúde e bem-estar, cidades e comunidades sustentáveis, entre outras. Como consequência, o valor pago ao agricultor pelo quilo do algodão é o maior do país.

O cultivo é consorciado com

milho, feijão e fava. Além de funcionar como barreira de proteção, faz parte da estratégia da segurança alimentar. “Se chover muito, perde o feijão e o milho. Se não chover quase nada, perde a fava. De qualquer forma, o algodão floresce e tem fibra. E com o dinheiro da colheita podemos sustentar a família”, diz Biu.

O arranjo produtivo do algodão em Ingá é cultivado com contrato de compra garantida. Por isso, toda a safra já está vendida para tecelagens e confecções da Paraíba e de outros estados. O processo chamou a atenção da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO/ONU) que veio em comitiva para o Dia de Campo por meio do projeto +Algodão. Trata-se de uma iniciativa executada pela FAO que reúne o Governo do Brasil, representado pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE) com instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e os países parceiros no âmbito do Programa de Cooperação Internacional Brasil-FAO.

“Constatamos em Ingá uma ótima qualidade técnica do algodão. A iniciativa do prefeito ao propor o ‘Dia de Campo’ é uma novidade porque agrega agentes do setor público e do setor privado e uma oportunidade de apresentar para os outros municípios da região novas soluções. Valori-

zamos, sobretudo, os que levam o algodão do pequeno produtor para o mundo por meio de pesquisas que geram novos tecidos e produtos de moda agregando ainda mais valor ao algodão. Nós estamos levando esse conhecimento e esta experiência para outros países da América Latina”, declarou Adriana Gregorin, coordenadora regional do projeto +Algodão.

A meta da prefeitura da cidade é tornar Ingá referência brasileira em algodão orgânico. As ruínas da antiga fábrica têxtil de 10.000m² já foi desapropriada pela prefeitura. A ideia é beneficiar aproveitando todos os subprodutos do algodão. Com a descaroçadeira, o caroço é separado da pluma algodão. A pluma é destinada aos compradores da indústria têxtil. Com a prensa, o óleo de algodão orgânico poderá ser vendido para a indústria cosmética. O resíduo após prensagem pode se tornar ração animal. A ideia é que tudo esteja pronto em dois anos. A fábrica será arrendada por dez anos e gerida pela Cooperativa dos Cotonicultores (Itacoop). O gestor da cidade revela que aguarda a análise do Projeto Cooperar, da Secretaria da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento do Semiárido (Seafds), para a saída do segundo galpão, para a etapa do óleo. “Planejamos desta forma restaurar a nossa história e promover a independência dos

agricultores, com geração de emprego e renda, fomentando a economia da região, tendo em vista que a cidade de Ingá é um município polo”, diz Burity.

Outra iniciativa é gerar valor para o artesanato típico da região. O projeto “Labirinto de Ingá” reúne mulheres em novos caminhos para a técnica artesanal, que estava em decadência na região pelo baixo valor de venda. Reunidas em associação, já estão produzindo para confecções. O “Dia de Campo” inclui a apresentação de produtos indicando um futuro para o labirinto na Indústria Criativa da Moda. “O projeto ‘Labirinto de Ingá’ aproxima as mulheres das áreas rurais que moram distantes umas das outras. Isso fortalece o senso de comunidade e de colaboração entre elas”, justifica Burity, indicando que está atento a outra meta da ODS: realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos.

O Dia de Campo realizado pela Prefeitura de Ingá tem apoio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae Paraíba), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai Paraíba), Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), e Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido (SEAFDS).



Os trabalhadores são capacitados para a agricultura inovadora e agroecológica pela Emater e geram renda com investimento no artesanato típico da região

RIACHO DOS CAVALOS

Uma cidade que nasceu das águas

Município de 8,5 mil habitantes, no Sertão da PB, surgiu ao redor de um sítio e se firmou com a construção de um açude

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Um sítio cujas águas abundantes serviam para matar a sede do gado e de cavalos da região. Assim surgiu o nome de Riacho dos Cavalos, município paraibano localizado no Sertão do estado, mais especificamente na Microrregião de Catolé do Rocha, a 478 quilômetros de João Pessoa. De clima semiárido, com temperaturas que se aproximam dos 40 graus, a cidade tem como vegetação predominante a Caatinga.

Com cerca de 8.500 habitantes segundo dados de 2015 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Riacho dos Cavalos tem como base da economia a agricultura e a pecuária. Mas o lugar se destaca também pela grande quantidade de crediarias, comerciantes informais que andam de porta em porta vendendo os mais diversos produtos à prestação. Não é difícil encontrar um munícipe com parcelas no crediário, fama que fez a cidade virar pauta de programas nacionais, sendo a cadeira de fio, usada em terraços e calçadas, o principal produto comercializado. Em decorrência desse forte comércio, algumas indústrias moveleiras passaram a se instalar na região, gerando mais empregos e recursos.

Riacho dos Cavalos tem como vizinhos os municípios de Catolé do Rocha e Brejo do Cruz, ao norte; Brejo do Cruz e São Bento a Leste; Paulista e Mato Grosso no lado Sul e a Oeste a divisa é com Catolé do Rocha e Jericó. Tem no

açude Cabaibu, com capacidade máxima de 18 milhões de metros cúbicos, um dos pontos turísticos. Mas não é só isso, foi a construção do açude público, decorrente de uma grande seca que assolou a região, o responsável pelo desenvolvimento do lugar. Em 1932, quando o ministro José Américo de Almeida autorizou a construção do equipamento, existiam na localidade poucas casas além da sede do sítio. Foi com a chegada dos trabalhadores da obra que novas residências foram surgindo. Do mesmo modo surgiu a feira livre da cidade, que atualmente acontece aos sábados e reúne centenas de comerciantes da cidade e entorno. Um ano depois, em 1933, com a conclusão do açude, a vila estava formada pertencendo a Catolé do Rocha até a emancipação política em 1961.

Mas não dá para falar de Riacho dos Cavalos sem citar um de seus protagonistas. Francisco Carneiro Vaz, conhecido como ‘Velho Carneiro’ ou ‘Major Velho’, foi o responsável por ceder parte das terras que possuía para a Igreja, sendo mais tarde o local de surgimento da cidade.

Investimentos

Obras estruturantes seguem sendo realizadas no município. No ano passado, a reforma da Escola Daniel Carneiro entregou para alunos e professores um equipamento totalmente reestruturado, investimento de cerca de R\$ 1,6 milhão. Seguem em andamento a construção de um laboratório e ginásio poliesportivo da escola, onde estão sendo investidos R\$ 900 mil.



No passado, Riacho dos Cavalos foi um sítio com águas abundantes onde o gado e cavalos da região podiam matar a sede

Cidade se destaca também pela grande quantidade de crediarias, comerciantes informais que andam de porta em porta vendendo os mais diversos produtos

População valoriza datas festivas e tem até dia para os crediarias

Uma cidade que comemora as datas festivas. Em Riacho dos Cavalos a emancipação política, celebrada em 28 de dezembro, a festa do padroeiro São Francisco de Assis, os festejos juninos e até uma comemoração em alusão aos crediarias costumam reunir moradores e visitantes. Tradicional também é a cavalgada, que reúne dezenas de vaqueiros que se concentram em frente à paróquia e seguem para a comunidade Santana, passando pelas principais ruas da cidade. Outro

evento importante é o Festival dos Violeiros, que com criatividade, raciocínio rápido e muito bom humor, arrancam sorrisos e aplausos. A Praça Aristides Barbosa, a principal do município, é um convite a um bom papo. No espaço o cuidado com o paisagismo chama a atenção, com árvores e flores sempre bem cuidadas. A Igreja Matriz de São Francisco se destaca pela imponência e beleza, reforçando a religiosidade. O professor aposentado Nivaldo Carneiro, riachoense de 69 anos,

conta que as idas constantes de Frei Damião ao município, também contribuíram com a fé local. “Locais que até hoje são visitados. Muito se fala dessas vindas do Frei Damião e sempre que acontecia muitas pessoas se reuniam para vê-lo”. O morador fala com carinho sobre a cidade onde nasceu e vive até hoje. “Bom de se viver, apesar da seca do açude. Houve uma época em que tudo era feito em Catolé do Rocha, hoje temos aqui toda a estrutura. É uma cidade muito especial”.

Igreja Matriz de São Francisco se destaca pela imponência e beleza, reforçando a forte religiosidade que marca os hábitos e tradições da população de Riacho dos Cavalos



Vegetação predominante é a Caatinga; açude é um dos pontos turísticos



Vislumbrando sonhos e problemas de uma família de classe média baixa em uma metrópole, produção mineira é o representante do Brasil para uma vaga ao Oscar de 2003

Foto: Filmes de Plástico/Divulgação

CINEMA

“Um filme de complexidade humana”

Amanhã, em João Pessoa, diretor de ‘Marte Um’ participará de debate após sessão especial no Cine Bangüê

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Entrevista

Uma semana após o anúncio da escolha do filme *Marte Um* para representar o Brasil na disputa por uma vaga ao Oscar de Melhor Filme Internacional, o mineiro Gabriel Martins vem a João Pessoa para debater sobre seu primeiro longa-metragem solo na direção. O encontro será amanhã, após a exibição do filme marcado para as 19h, no Cine Bangüê do Espaço Cultural José Lins do Rego, com ingressos custando R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

O filme tem emocionado o público ao contar a história de uma família negra da periferia convivendo entre trabalhos, utopias, amores e traumas em um país que acaba de eleger um presidente de extrema-direita. Os destinos da família são representados no personagem de Deivinho, que quer integrar uma missão tripulada para colonizar Marte em 2030. Um sonho comparável com o do realizador negro que desde criança fazia planos de ser diretor de cinema.

O elenco é formado por atores pouco conhecidos, além da pequena participação do paraibano Pablo Giorgio. Na entrevista a seguir, o Martins destaca os pontos fortes de sua produção, além das influências cinematográficas que teve e como pretende contornar a falta de apoio do Governo Federal para levar seu filme para a premiação de cinema de maior visibilidade do mundo.

■ No anúncio de ‘Marte Um’ como representante do Brasil para uma vaga no Oscar de Melhor Filme Internacional, os jurados pontuaram que seu filme dá a possibilidade de as pessoas seguirem sonhando em meio a tantas dificuldades econômicas e políticas. Isso representa o longa com fidelidade e a sua própria visão de cinema?

Eu me sinto contemplado, sim, por essa fala. Mas, às vezes, com uma leitura mais apreciada da frase, pode dar a entender que é um sonho ingênuo. No caso de *Marte Um*, tem um espaço de projeção de intenção tão grande, que ela me parece ser a única forma necessária. Muitas vezes quando se faz um gesto utópico, ele pode ser confundido com algo ingênuo. Mas essa utopia carrega nossos projetos com intensidade para o futuro, faz com que a gente tenha mais paciência e que a gente não desista de imediato quando a gente se encontra com o primeiro obstáculo.

■ No filme, todos os personagens possuem profundidade e enredos próprios. Por onde a história lhe chegou? Foi desde sempre o Deivoid que lhe guiou para a construção da história da família?

Deivinho foi quem guiou o pensamento desde lá de trás. Ele é o fio que começa a desenrolar e de onde essa tecelagem começa a ser feita. Ele é o grande ponto que vai unindo essas quatro histórias, que têm importâncias iguais, mas é o Deivinho que vai fazer tudo olhar adiante. É nele que começa o filme é nele que a gente vai para o espaço.

■ O caminho da autoficção foi algo que você sempre buscou percorrer ou

percebeu no estágio da produção do filme em si?

Não sei se posso configurar como autoficção porque talvez seja algo mais “livremente inspirado”. Mas não é só a minha história, mas a história de muitas pessoas parecidas comigo, coisas que eu vi. Não sei se essa é a melhor denominação, mas, óbvio, que tudo que parte do campo pessoal está lá desde o início. Acho que eu entendia a maior parte das coisas, mas muitas, confesso, estou entendendo agora que concluí o filme. Estou descobrindo coisas que falam sobre mim e conscientemente eu não me toquei durante o filme.

■ Você consegue fazer uma ligação de ‘Marte Um’ com outros nacionais que ele dialogaria, em especial nesse contexto de revelar um drama social e político pelo microcosmo de uma família de classe média baixa brasileira?

Eu consigo ver paralelos que me influenciaram. *Eles não usam black-tie* (longa de 1981, dirigido por Leon Hirszman), de alguma forma, apesar de ser um filme bastante distinto na questão do tom, ele tem uma relação forte ali de pai e filho, e de como uma família reage em meio a mudanças que podem ter a ver com política. Obviamente com o nosso próprio trabalho em *Ela volta na quinta*, que também está em um tom totalmente diferente e, sem dúvida alguma, ressoa na minha cabeça como possibilidade de entender um filme guiado pelo cotidiano de uma família. Um pouco o *Bröder*, de Jeferson De. *Marte Um* é um filme bem particular, mas é influenciado por outras esferas, porque essa relação familiar ela não é totalmente ausente no cinema

brasileiro. O *Central do Brasil*, como filme que se utiliza de uma identidade forte brasileira para poder falar de várias questões através de detalhes, pensando na jornada de uma mulher e um menino para falar de Brasil, sem dúvida alguma, eu me comunico com isso.

■ Quando você percebeu que tinha um grande filme nas mãos?

Nunca tive facilidade para poder enxergar se *Marte Um* seria um filme grande. Eu pude entender no primeiro contato com os atores, quando eles começaram a ler as falas, que, independente de onde esse filme chegasse ou a quem chegasse, seria um filme muito sincero, e isso para mim seria mais que o suficiente. Não importava se ia ganhar prêmio, se iria passar em 10 salas e morrer em uma semana, ou se iria ampliando o circuito, como está indo agora. O importante é que fosse um filme verdadeiro comigo, com a história do produtor, com a equipe e o elenco que fez o filme.

■ ‘Marte Um’ tem causado comoção nas pessoas. Fazendo uma análise que talvez extrapole suas funções de cineasta, por que os espectadores estão tão sensibilizados por essa história?

O filme sensibiliza as pessoas porque ele é um filme de complexidade humana. Ele coloca no centro uma família, que podemos não dizer que representa várias famílias brasileiras, mas de alguma forma, cinematograficamente, ela sintetiza muitos sentimentos. Família negra e periférica, como temos várias no Brasil. Mas para além desse grupo do qual os personagens fazem par-

te, o filme os complexifica. Ele cria dramas e coloca questões que fazem as pessoas se aproximarem do filme. Sinto que isso é um ponto de identificação que é forte porque o filme te permite rir, chorar e te lembra que você tem emoções. Acho que isso não é uma coisa tão comum, ou pelo menos há um bom tempo a gente não tinha uma relação com o filme nacional nesse lugar.

■ Para um filme estar na lista final de concorrentes de Melhor Filme Internacional do Oscar é preciso investir em marketing e publicidade. Você terá apoios públicos e privados para isso? Você teme que ‘Marte Um’ sofra devido ao boicote que o Governo Federal impõe a produções cinematográficas?

Estamos neste momento buscando os apoios públicos e privados para poder acontecer. Nesse caso, é uma corrida. A gente está pouco a pouco construindo esse orçamento com muita responsabilidade. Já conseguimos alguns apoios. Existe muita boa vontade de prefeituras de Contagem e Belo Horizonte, de empresas que já estão com a gente. Eu não tenho medo que *Marte Um* sofra boicote do Governo Federal, porque ele já está boicotando o cinema há pelo menos quatro ou cinco anos. Não é agora que isso vai surtir efeito porque *Marte Um* já está selecionado e inscrito, então essa trajetória vai seguir independente do Governo Federal. A verba que a Ancine antes dava e hoje não dá mais seria fundamental e seria o justo porque é um produto brasileiro e é algo que representa o Brasil. Cabe ao Governo Federal entender o seu lugar e vir junto com a gente.

Fotos: Filmes de Plástico/Divulgação



Família negra e periférica de ‘Marte Um’ é formada pelos atores e atrizes (da esq. para dir.): Carlos Francisco como o pai, Cícero Lucas como o filho, Camilla Damião como a filha e Rejane Farias como a mãe

Artigo

Elizabeth Marinheiro
Especial para A União*

João Cabral e a geometria da pedra

As leituras que fazemos das obras literárias não se limitam aos elaborados ensaios, pois permitem, igualmente, nossas impressões. As técnicas do *centeur* são inúmeras.

Há autores que usam a disciplina moderna de forma despojada; outros com notações surrealistas, porém, matéria nacional, e alguns exageram tanto a fala “caipira” que se torna engraçada e passam aos estudos da dialetologia.

Não devemos esquecer aquela literatura em que há sombras que se partem, há a revelação do profundo mistério do homem, há a criação de um espaço singular onde as formas se movem de outro modo. Estas considerações nos levam a pensar como é temeroso estudar escritores consagrados, sem patinar no já dito. Quando se dispensa eruditismos e dogmatismos percebe-se que a flexibilização crítico-literária permite coerentes impressões de leitura e/ou revisitas.

João Cabral de Melo Neto, a nosso ver, independe de rótulos. Nossa revisita move-se entre sensibilidade e apuro técnico. Visualidade e geometria.

“Vi apenas que no céu do sonho / a lua morta já não existe mais” (*Marinha*). Parafraseando Edu Logo, esta voz pode ver e dizer no escuro. A dureza da construção antecipa-se aos modismos da modernidade: “O canto a palo seco / não é um canto a esmo; / exige ser cantado / com todo o ser

aberto” (*Palo Seco*). O canto seco, talvez, seja uma oposição à vulgarização das metalinguagens.

“Essa cova em que estás, / com palmos medida, / é a conta menor / que tiraste em vida” (*Morte e Vida Severina*). A “anti-lira” denuncia a escravização nordestina e/ou brasileira.

O exemplário da estética pensadora ultrapassa nossas citações. Desde *O cão sem plumas* a consciência social, transformada em arte, sedimenta a defesa do mundo igualitário. A dialética do desterramento e a paisagem hispânica não afastaram da obra o musical e o visual; o abstrato e o social.

A *Educação Pela Pedra* e *Pedra do Sono* robustecem a artesanania de quem fala a paisagem urbana “de fora para dentro”, confirmando o racionalismo poético.

Síntese epistemológica, desenho formal e equilíbrio da escritura baniram qualquer sotaque espetacular. Disse bem Murilo Mendes: “...com efeito, a pedra resume dureza e unidade”. A temática crítica e existencial evitou o confeiteor sem expurgar o sentimento.

Em *A Lição de Poesia*: “Toda a manhã consumida / como um sol imóvel / diante da folha em branco: / princípio do mundo, lua nova”.

Em *Os olhos*: *Juntos os peitos bateram e os olhos todos fugiram* (*Os olhos ainda estão muito lúcidos*).

o olhar cabralino nos conduz à saudade: Setembro! verão anunciando-se palmeiras neblinadas violetas escondidas ninhos duplicados a pássara-mãe não se assusta aquece os ovinhos nascem os filhotes asinhas voando uma aura perfuma o jardim algaravias perdem o significado há um poema bandeiriano há um timbre lispectoriano há um ser heideggeriano e o sonhar é iluminado sonhar com a paz do planeta paz das pensoas com o fim da fome socorro para desabrigados final da demagogia império da sinceridade calor dos afetos o terraço chama contemplo o céu sol frio nuvens azuis melancolia estrelas brilham uma delas brilha pra mim você está me ouvindo????

(*) Excepcionalmente não teremos a coluna de Estevam Dedalus, que voltará na próxima semana

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Distúrbios sexuais e suas pulsões sociais

A teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1939) descreve a pulsão sendo um conceito situado na fronteira entre os fenômenos mentais e o somático, é um representante psíquico dos estímulos que se originam no próprio corpo e alcança o psíquico, e apresenta uma exigência feita à consciência ou à imaginação no sentido de trabalhar em consequência de sua conexão com a estrutura física de corpo humano. A partir disso, pode-se afirmar que não existe um caminho natural para a sexualidade humana, de forma a não existir uma única maneira eficiente que satisfaça um desejo pulsional. Isso gera ao ser humano de estar insatisfeito com a sua estrutura corporal. Diante disso, Freud se refere a pulsão sexual, que se torna um padrão de comportamento fixo; e, enquanto uma pulsão, não implica em comportamento pré-formado e nem em objeto específico.

Nos estudos da psicologia e da psiquiatria em sexualidade humana, a escopofilia é descrita sendo um prazer sexual que um indivíduo obtém ao falar ou observar algo de sentido erótico, que é um “substituto” a satisfazer uma carência em um relacionamento sexual. Na teoria psicanalítica freudiana, esse conceito é analisado por ser uma curiosidade inata num processo infantil por formar uma personalidade; e que uma pulsão de prazer possa ser sublimada em um olhar ou numa fala sexualizada, que a faz ser um sintoma de uma neurose obsessiva. A partir dessa interpretação, surge um enquadre de que uma “inibição de um impulso escópico” pode levar a doenças psíquicas e físicas, também como “distúrbios de uma convivência social” e de males fisiológicos de uma percepção visual. Em alguns casos, as práticas da escopofilia conduzem um indivíduo escopofílico a um transtorno mental. Isso é observado através de sua realidade adoecida em ódio e de perversos prazeres sexuais obsessivos, constituído num imaginário do próprio delírio, caracterizado em falas, a fim de sublimar sua falsa afirmação sexual.



Supervalorização em relação à autoimagem

Algumas pulsões sociais são impulsionadas por recalques e se caracterizam por se afastarem de seu acesso à consciência, tornando-se um processo neurótico, que é responsável pela formação de uma falsa autoafirmação da própria sexualidade. Já a inversão em seu oposto são dois processos: um dá-se em uma mudança da atividade para a passividade; outro, numa inversão de conteúdo. O primeiro é exemplificado pela mudança de uma meta pulsional ativa, como o sadismo e a escopofilia, para outra passiva, que corresponde ao masoquismo e o exibicionismo. O segundo é exemplificado pela transformação do amor em ódio. Por fim, em um destino desse percurso, há uma mudança do objeto da pulsão para um próprio eu. Por exemplo, o masoquismo é o sadismo dirigido à própria pessoa, que pode envolver a passividade em relação a um indivíduo ou em sua convivência social, que é um caso de uma neurose obsessiva e as relacionou à necessidade de uma sublimação, seja através de uma fala de afirmação sexual ou de degradação ao respeito humano. Esses distúrbios e suas pulsões sociais não renunciavam suas fantasias sexuais, geralmente al-

gumas resistências internas restringem seu êxito e se conformam com certas aproximações de uma satisfação, é por isso que estabelecem comportamentos e falas repetitivas sem uma convivência social e familiar. Logo, a própria imaginação doentia se torna uma experiência de vida comum, que lhe é assemelhada à dissolução dos limites do eu, quando esse indivíduo se autorepresenta fora de si diante de outros indivíduos, que têm essa mesma patologia.

Tanto na sublimação quanto numa inibição da pulsão ao desejo, um alvo sexual é substituído por outro não sexual. Entretanto, a renúncia à dignidade humana – enquanto degradação – é consequência de atitudes manifestadas em ódio, egoísmo ou a supervalorização da autoimagem. Nessa situação, geralmente, a sublimação direciona à glorificação de um Deus, com uma ideia de autosalvação. Essa sublimação é um processo que substitui uma meta sexual por outra não sexual, sem perder a sua intensidade. Nesse processo, os objetos da satisfação pulsional, originalmente sexuais, são substituídos por outros não sexuais e socialmente aceitos e valorizados. E tem uma vantagem de evitar seu recalque e de assegurar uma satisfação que é comparável à satisfação encontrada pelo exercício da sexualidade. Um recalque/repressão apresenta um mecanismo mental de defesa contra ideias que são incompatíveis com o próprio eu, porque sua satisfação – através de uma sublimação – é frágil se comparada ao prazer pulsional sexual. Diante disso, quando não se permite uma manifestação direta de uma sexualidade, sente-se à vontade em expressá-la com a finalidade de criar uma falsa autoafirmação, seja através da própria fala ou em uma pulsão social.

Sinta-se convidado à audição do 385º Domingo Sinfônico, deste dia 11, das 22h às 0h. Em João Pessoa -PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Apresentarei a vida e vários tangos do bandeonista argentino Astor Piazzolla (1921-1992).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Ode a Odair

“Só existe dois tipos de música: a boa e a ruim”, diz Odair José durante uma apresentação com Arnaldo Antunes. Eles cantam, juntos, o *hit* ‘Eu vou tirar você desse lugar’ numa voz elástica, e a pessoa daquele lugar já se sente noutro lugar. É tão bonito e não interessa o que outros vão pensar.

Odair chegou aos 74 anos em 16 de agosto passado e está tinindo, e o que está valendo é o sonho do cara, que começou como crooner na adolescência, até os 17 anos, quando começou a compor.

Ainda cedo se transferiu para a cidade do Rio de Janeiro em busca de um ocupar seu espaço no cenário artístico nacional, através da sua música. Tá vendo, é assim que o cara acredita no seu potencial, se manda para outro lugar.

No Rio de Janeiro, Odair caiu nas graças de Rossini Pinto, compositor e produtor que viu o vaga-lume Odair, levando-o para a gravadora CBS. O primeiro trabalho do novo cantor para a gravadora foi a canção ‘Minhas Coisas’, incluída no disco *As 14 Mais*, um dos principais produtos da companhia naquela época.

Brega? Ele explica: “Eu num sei, esse negócio do brega ou é um preconceito ou um conceito. Em alguns lugares, essa palavra é mais um preconceito contra uma música mais simples, e em outro lugar é um conceito. Tem pessoas que dizem que existe o estilo brega. Na verdade, o brega é mais dito como coisa ruim, malfeita, quando não é verdade”.

Há muito que Odair José é merecedor de uma biografia. Há muito tempo, Caetano Veloso cantou, em dueto ao vivo com ele, a canção ‘Eu vou tirar você desse lugar’, no show ao vivo *Phono 1973 O Canto de um Povo*. Há muito Odair José é reconhecido pelo talento de ter cantado as peruas, putas, empregadas, amores.

Como ele mesmo diz, sua música vem das ruas, dos lugares nos quais o artista está bem próximo das pessoas, como uma delas, e não como um “deus” e distante num pedestal, como acontece com Anitta. Mas Odair José de Anjos é a própria cena, num cenário de possibilidades bem emplacadas, desde que se mandou de Morrinhos, Goiás.

Às vezes, escuto ele nas plataformas. Eu sou brega? Pode ser, mas não sou fã de Anitta, cuja “performance” sensual é só visual. Odair é foda. Garoto, escutava ele cantando nas rádios de Cajazeiras, “pare de tomar a pilula porque ela não deixa o nosso filho nascer”.

Não me lembro de Roberto Carlos ter convidado Odair José para seus shows especiais de fim de ano. Só se foi antes de eu nascer. Não é de hoje que Odair vê suas canções na boca do povo.

Tenho cada vez mais tempo para escrever, sobre esse tempo que nos resta para escutar músicas e, por vezes, entender as “curtidas” de todos os dias, mas não sou muito ligado em detalhes históricos. Eu vou na frente.

Vez em quando canto sozinho, falo sozinho, mas não sou marinho só. O meu estilo de escrever, me permite a licença, porque algo está acontecendo, já aconteceu. Belo é a arte e o canto de Chico César, Odair José e Arnaldo Antunes, Alan Brandão, Athur Nogueira, os novos e velhos baianos, os bárbaros, as canções de Benito de Paula, seu amigo Charles e ‘Charles, Anjo 45’, do Jorge Ben Jor.

Kapetadas

1 - Não mudei, só passei a te tratar como você merece (?).

2 - Quem se acha, não encontra nada.

3 - Som na caixa: “Olha, a segunda vez que eu estive aqui, já não foi pra distrair, eu senti saudades de você”, dele.



Registro de encontro entre Caetano Veloso (E) e Odair José (D)

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Parahyba’ revê atos de resistência à colonização

Que fundamentos dispomos para contar a nossa própria história? Essa, que vem sendo narrada sempre por estrangeiros, que, inicialmente, fizeram de nossos ancestrais meros “colonizados”? Pior, desvirtuando os reais fatos acontecidos durante a sua colonização.

Comprovado está, os tais escribas menosprezaram a resistência de uma Nação – quer seja indígena ou territorial – abonando a eles próprios um certo privilégio heroico. O que cabe uma simples indagação: A nós sobrou apenas a inércia nativa e aceitação submissa do domínio estrangeiro? Claro que não! A reação dos aborígenes foi a mais eficaz. Esses, sim, são os legítimos heróis...

No documentário *Parahyba*, que realizei numa parceria com o cineasta Jureny Machado Bitencourt, com apoio do historiador José Octávio de Arruda Mello, rebobinando versões do insigne paraibano Horácio de Almeida, gestos de aversão ao invasor português, pelos aborígenes, está na emblemática cena de abertura do nosso documentário. Uma tese que sempre defendemos e que contradiz à insistente versão contada pela História Oficial.

Recentemente, por ocasião da efeméride da Independência do Brasil – e sobre sua importância jamais questionaria –, vejo pelo jornal que a polêmica da “resistência nativa”, sobretudo paraibana, aos colonizadores



Foto: Reprodução

‘Parahyba’, filme realizado em 1985, é um relato da colonização à Revolução de 30

portugueses e outros, precede ao próprio Grito do Ipiranga. Voltou à baila nas exposições do antropólogo Carlos Azevedo, no Jornal **A União**, que tem toda razão em se preocupar com o rumo dado à nossa história.

O filme *Parahyba*, que foi multipremiado nacionalmente em festivais de cinema, realizado no ano de 1985, portanto, havia 400 anos depois de 1585, data da fundação da Parahyba, explora muito bem a questão da resistência local aos invasores, quer sejam eles os estrangeiros portugueses, holandeses, franceses, ou que tenha sido por grupos locais cooptados a fazê-lo.

Segundo relato histórico, alguns tabajaras, fugindo do jugo português se fixaram às margens do Rio Paraíba (Samaraguai, à época) e na várzea da hoje cidade de Santa Rita, na localida-

de que denominaram de Tibiri, talvez numa homenagem a um de seus líderes de nome Tibiriça, que morreu lutando nas terras de São Paulo.

Parahyba deu origem a um audiovisual de análise crítica sobre o evento dos 400 anos, então festejado, e ao próprio filme. São depoimentos de José Octávio, historiador, dos realizadores do vídeo, e do diretor de *Parahyba*, Machado Bitencourt. *Saga e Cinema no Quarto Centenário da Paraíba* está no YouTube: www.youtube.com/watch?v=LAgNeizeHM4.

Nesses 400 anos de independência, questão sobre resistências (ou não) aos invasores do solo brasileiro arrefece. É sempre assim. Veja-se a polêmica sobre a Amazônia, atualmente... – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexssantos.com.br.



Intercom homenageia ex-presidente da APC

A Academia Paraibana de Cinema se congratula com os realizadores da Intercom Nordeste, pela homenagem prestada ao professor Moacir Barbosa de Sousa, cadeira 7 e ex-presidente desta entidade, falecido prematuramente.

Professor Moacir, que exerceu gestão invejável à frente da APC, também muito querido no Departamento de Comunicação da UFPB, teve participação importante nos encontros da Intercom por todo o país. O ato de homenagem a Moacir Barbosa se deu na abertura da Intercom Nordeste, no Teatro Paulo Pontes, do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, na terça-feira passada (dia 6), às 19h, sendo ele representado pela família e alguns amigos.

Em cartaz

ESTREIAS

ALÉM DA LENDA (Brasil. Dir: Marília Mafé e Marcos França. Animação. Livre). Lendas do folclore vão atrás de livro sagrado. CINE BANGÜÊ: 16h (11/9).

CASA DAS ANTIGUIDADES (Brasil, França. Dir: João Paulo Miranda. Drama. 16 anos). “- Caipira” do interior do Brasil que busca em outras terras melhores condições de trabalho. CINE BANGÜÊ: 18h (11/9).

HOMEM-ARANHA SEM VOLTA PARA CASA (Spider-Man: No Way Home. EUA. Dir: Jon Watts. Fantasia. 12 anos). Versão estendida. CENTERPLEX MAG 3: 17h15 (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 15h15 (dub.) - 18h30 (leg.) - 21h45 (dub.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h- 18h15 - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 20h.

INGRESSO PARA O PARAÍSO (Ticket To Paradise. EUA. Dir: Ol Parker. Comédia. 12 anos). Casal divorciado (George Clooney e Julia Roberts) vão tentar impedir que a filha cometa o mesmo erro que eles. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h30 - 17h45 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 16h - 18h30 - 21h.

A LUTA DE UMA VIDA (The Survivor. EUA, Canadá e Hungria. Dir: Barry Levinson. Drama. 18 anos). A vida de um boxeador (Ben Foster) que, para sobreviver, lutou contra outros prisioneiros em campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 18h15 - 21h15 (exceto qua.).

MEN - FACES DO MEDO (Men. Reino Unido. Dir: Alex Garland. Terror. 16 anos). Acontecimentos estranhos surgem quando uma jovem (Jessie Buckley) busca refúgio no campo após uma tragédia pessoal. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 19h15 - 21h30.

MINHA FAMÍLIA PERFEITA (Brasil. Dir: Felipe Joffily. Comédia. 12 anos). Denise (Isabelle Drummond) só casará com Fred (Rafael Infante) após conhecer a família (excêntrica) dele. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 16h45 - 18h45

- 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h15 - 20h.

PINOCCHIO - O MENINO DE MADEIRA (Pinocchio - A True Story. Rússia. Dir: Vasily Rovenskiy. Animação. Livre). O jovem Pinóquio foge de seu criador. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45 - 16h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h50.

TROMBA TREM (Brasil. Dir: Zé Brandão. Animação. Livre). Um elefante desmemoriado quer provar sua inocência quando é acusado de raptos. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h50.

CONTINUAÇÃO

AFTER: DEPOIS DA PROMESSA (After Ever Happy. EUA. Dir: Castille Landon. Romance. 14 anos). O casal Hessa está crescendo e pode nunca mais ser o mesmo. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 17h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h15.

DRAGON BALL SUPER: SUPER-HERÓI (Dragon Ball Super: Super Hero. Japão. Dir: Tetsurô Kodama. Animação. 12 anos). O exército Red Ribbon havia sido destruído por Goku, mas um novo foi criado. CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h15; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h40 (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h40 (sáb. e dom.).

ELVIS (EUA. Dir: Baz Luhrmann. Biografia. 12 anos). A vida de Elvis Presley (Austin Butler) e sua ascensão à fama. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h30.

ERA UMA VEZ UM GÊNIO (Three Thousand Years of Longing. EUA. Dir: George Miller. Fantasia. 14 anos). Dra. Alitheia Binnie (Tilda Swinton) encontra um “djinn” (Idris Elba), o que no ocidente, é comumente denominado como “Gênio”. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 22h10; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h50 - 21h.

O LENDÁRIO CÃO GUERREIRO (Paws Of Fury: The Legend Of Hank. EUA. Dir: Rob

Minkoff e Mark Koetsier. Animação. Livre). Cachorro que sonha em ser um grande samurai. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h - 16h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h (sex. e sáb.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h (sex. e sáb.).

UM LUGAR BEM LONGE DAQUI (Where the Crawdads Sing. EUA. Dir: Olivia Newman. Suspense. 14 anos). Uma mulher torna-se suspeita do assassinato de um homem que esteve envolvida. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 16h15 (dub.) - 19h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h15 - 22h10; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h05 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h05 - 20h30.

MARIA - NINGUÉM SABE QUEM SOU EU (Brasil. Dir: Carlos Jardim. Documentário. Livre). A cantora Maria Bethânia, que completou 55 anos de carreira em 2020, fala sobre a sua trajetória. CENTERPLEX MAG 2: 18h45.

MINIONS: A ORIGEM DE GRU (Minions: The Rise of Gru. EUA. Dir: Kyle Balda. Animação. Livre). Sequência da franquia. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h30 (exceto seg.) - 16h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h35 - 16h25; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h35 - 16h25.

NÃO! NÃO OLHE! (Nope. EUA. Dir: Jordan Peele. Terror. 14 anos). Residentes de uma fazenda testemunham uma descoberta estranha. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 19h - 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h (exceto seg.) - 22h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4: 20h15.

PREDESTINADO (Brasil. Dir: Gustavo Fernandez. Drama. 14 anos). A história do espírito Zé Arigó (Dalton Mello). CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 19h15 (exceto seg. e ter.) - 21h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 6: 15h40 - 17h50; CINE SERCLA PARTAGE 2: 15h40 - 17h50.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Visões sobre Augusto

Em 19 de julho de 1907, Gilberto Amado escrevia, em sua coluna *Golpes de Vista*, do *Diário de Pernambuco*, as seguintes palavras, depois transcritas no segundo volume de suas memórias, *Minha formação no Recife* (1955):

“A maioria (dos jovens) atira-se a fazer versos pelo simples motivo de que no Brasil é costume tradicional dos 20 aos 25 anos ser poeta. Começa também um movimento de imitação a um rapaz histórico, mas de extraordinário talento que vive isolado, misantropo, no interior da Paraíba, Augusto dos Anjos”.

É curioso que, na visão do escritor sergipano, Augusto já apareça como figura catalítica de um movimento poético, uma vez que o *Eu* só seria publicado em 1912, inclusive em meio ao quase absoluto desconcerto da crítica.

Vê-se, no entanto, que o poeta do engenho Pau d’Arco, apesar do isolamento em que vivia na várzea paraibana, marcava presença nos meios literários através de suas colaborações com os jornais da época, em especial com *O Comércio*, de Arthur Aquiles. Poeta inédito em livro, tinha, não obstante, ressonâncias estéticas nos ambientes literários da cidade da Paraíba e do Recife, principalmente na Faculdade de Direito desta capital cultural do Nordeste, fermentada pela forte tradição de sua escola filosófica e científica.

Chama-nos a atenção, no trecho citado, a caracterização do poeta Augusto dos Anjos como “histórico” e “misanthropo”, embora de “extraordinário talento”.

Quanto ao talento, não se discute. O tempo e o destino da fortuna crítica de sua obra vão confirmar a opinião do memorialista. Quanto ao “histórico” e ao “misanthropo”, não se sabe, ao certo, em que se baseou Gilberto Amado para emitir parecer tão taxativo, de certo modo contribuindo para a construção de uma imagem, senão extravagante, pelo menos exagerada da personalidade do poeta. Até porque, a levarmos em conta as páginas de suas memórias, o autor não chegou a conhecer pessoalmente o bardo paraibano.

Orris Soares, no célebre prefácio que escreveu em 1919 para a edição do *Eu*, acrescentado de “outras poesias”, em 1920, sem usar termos médicos que sinalizassem para alguma enfermidade psíquica, reforça, ainda, a imagem insólita do poeta, quando assinala: “Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada”. E, mais à frente, recordando o momento em que iniciou suas relações pessoais com o poeta, ressalta: “Feriu-me de chofre o seu tipo excêntrico de pássaro molhado, todo encolhido nas asas com medo da chuva”.

Há quem diga que esse prefácio caricaturiza a figura física do poeta e serve de apoio a certas leituras de sua poesia, vendo, nela, tão somente uma fotografia verbal das distorções e mazelas que coexistiam doentamente em sua alma. Ou seja, dito de outra forma, o prefácio, nas suas considerações de ordem biográfica e de ordem estética, apenas põe em prática a equação determinista e linear entre vida e poesia, entre subjetividade e texto poético.

Augusto dos Anjos, na materialidade expressiva de sua lírica, sofreu e ainda sofre dos males causados por aquilo que Umberto Eco chama de mero “uso do texto”, por meio do qual as leituras de suas imagens inventivas e desconcertantes, são nada mais nada menos que simples projeções impressionistas de leitores despreparados para assimilar e compreender a complexidade artística de sua linguagem e de sua visão de mundo. Certas ilações, que se extraem do cotejo direto entre vida e poesia, não condizem, portanto, com as exigências do processo interpretativo, constituindo-se, assim, naquilo que o semiólogo italiano denomina de “superinterpretação”.

O estranho da poética, resultado de uma refinada e renovadora formulação vocabular e vérsica, onde a dissonância rítmica e a originalidade da percepção se equilibram nas simetrias de som e sentido, não pode nem deve ser reduzido à veracidade dos elementos biográficos. O poema, que converte a experiência poética em expressão verbal e artística, é, antes de tudo, fantasia criadora, imaginação imagética, espetáculo da palavra.

Não poderia concluir este artigo sem me referir a Humberto Nóbrega. No seu livro *Augusto dos Anjos e sua época* (1962), considerado injusta e exageradamente “imprestável” por Otto Maria Carpeaux, reconstitui, decerto, a imagem mais adequada do poeta, trazendo à tona, depois de intensas pesquisas, a figura do homem como um ser normal, professor, pai de família, sociável e inteiramente à vontade na vida cotidiana, inclusive, com pitadas de galanteio e de humor. Além do que, foi o primeiro a provar que Augusto não morreu de tuberculose, como ainda hoje se propaga na voz de alguns incautos, mas, de pneumonia.

Colunista colaborador

AUDIOVISUAL

Devoção à trajetória de Bethânia

Em cartaz na capital paraibana, documentário ‘Maria - Ninguém Sabe Quem Sou’ fala de palco, religião e amores

Danilo Casaletti
Agência Estado

A chave do filme *Maria - Ninguém Sabe Quem Sou* está logo no começo, no texto introdutório da longa entrevista que a cantora Maria Bethânia concedeu em novembro de 2021 ao jornalista Carlos Jardim, que dirige e roteiriza o longa que está em cartaz na capital paraibana.

“Maria Bethânia só faz o que quer”, lê a jornalista Mariana Gross – o filme é da Turbilhão de Ideias em parceria com a Globo Filmes, Globo News, no qual Jardim é chefe de redação, Canal Brasil e Noticiarte Produções.

A sentença poderia ser também: Maria Bethânia só fala o que quer E, nesse sentido, o documentário avança pouco em questões pessoais que a cantora faz questão de preservar. Não há, por exemplo, nenhuma confissão – e não que isso seja importante e nem seja o foco do filme seja novidadeiro – como a que Caetano Veloso fez em sua *live* de 80 anos, na qual disse que já viveu paixões (todas fugazes) por homens. Quem espera isso, pode se frustrar.

Ao lado de outras produções que já enfocaram a cantora – o poético *Música é Perfume* (2005), do diretor francês Georges Gachot, e do documental *Fevereiro* (2017),

de Marcio Debellian, *Maria – Ninguém Sabe Quem Sou* deixa Bethânia confortável em temas caros a ela: a relação com o palco, a religião, a amorosa relação com a mãe, Dona Canô, e sua forte ligação com o irmão Caetano Veloso e a identificação com o diretor Fauzi Arap. O show *Opinião* e a identificação com a obra de Chico Buarque também estão presentes.

Alguns desses papos soam repetidos para os fãs de Bethânia. Nara Leão, como a fada madrinha de sua carreira, é um deles – e Bethânia lê o poema que o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu quando Nara foi ameaçada de prisão pela ditadura militar. Cena parecida está na série *O Canto Livre de Nara Leão* (2022), produção do Globoplay.

Embora curioso, o motivo de Bethânia usar microfone com fio até hoje, é muito bem conhecido pelo séquito fiel que acompanha a carreira da cantora.

Mas Jardim tem trunfos justamente na extensa entrevista que colheu com a cantora, e na qual o longa se concentra. Bethânia, por exemplo, narra com detalhes sua prisão pelos militares quando estes tomaram ciência do livro Maria Bethânia Guerreira Guerrilha, de autoria do jornalista Reynaldo Jardim.

Lançado em 1968, ano do AI-5, ato que endureceu a ditadura militar, o livro foi recolhido das livrarias e Bethânia levada ao Dops para ser interrogada por um milico cujo nome a história não fez questão de guardar.

A cantora também revela (ou não) o que há dentro de uma caixinha de ouro que ela carrega para dentro do palco em todas suas apresentações. O amuleto lhe foi dado por Mãe Menininha do Gantois. A ialorixá baiana, aliás, é um dos três pilares fundamentais no roteiro costurado por Jardim – ao lado de Dona Canô, mãe de Bethânia, e de Nossa Senhora, de quem Bethânia é devota.

Com olhar apurado para as imagens escondidas nos acervos das emissoras, sobretudo o da TV Globo, Jardim resgata para o filme raridades do quilate de Bethânia interpretando ‘Beijo Partido’, composição de Toninho Horta, no espetáculo *A Hora da Estrela*, de 1984. Bethânia jamais gravou essa canção.

Dos ensaios do show *As Canções Que Você Fez Para Mim*, de 1994, com a obra de Roberto e Erasmo Carlos, o filme mostra a pulsante performance da cantora para ‘Eu Preciso de Você’.

Toda essa sensibilidade para garimpar essas preciosidades se dá porque, além



Filme sobre a cantora baiana está em única sessão diária, às 18h45, no Centerplex (MAG Shopping)

de jornalista, Jardim é um fã confesso de Maria Bethânia. Ele, inclusive, lança, junto com o filme, o livro *Ninguém sabe quem sou eu (a Bethânia agora sabe!)*, da Máquina de Livros, no qual narra algumas das loucuras que já fez para se sentir mais perto de seu ídolo, como, por exemplo, pegar qualquer tipo de objeto que ela deixasse pelo caminho ou madrugar em filas para comprar ingresso para as apresentações da cantora.

Abelha rainha

Jardim traz para o longa *Maria - Ninguém Sabe Quem Sou* textos que falam sobre Bethânia escritos por Ferreira

Gullar, Nelson Motta, Fauzi Arap, Caio Fernando Abreu e Reynaldo Jardim lidos pela atriz Fernanda Montenegro. Eles complementam a narrativa proposta pelo roteiro e são ilustrados por fotos raras de Bethânia – sempre no palco.

Um deles, o escrito pelo gaúcho Caio Fernando Abreu, aborda um assunto que Bethânia refuta em sua entrevista – ela diz achar bonito que os fãs a coloquem no altar, com gritos de “abelha”, “rainha”, entre outros, embora se recuse a deitar na cama do sucesso –, mas que filmes como o de Jardim, Gachot e Debellian, juntamente com o desfile arrasador e vencedor que

a Mangueira levou à Sapucaí em 2016 com Bethânia como enredo, corroboram.

“Foi muito *in*, ficou inteiramente *out* – até ultrapassar as divisões maniqueístas dos manipuladores da opinião pública para ocupar esse lugar muito especial só reservados aos mitos”, escreveu Abreu sobre a cantora.

Maria Bethânia, aos 76 anos de idade, 57 de carreira, alcançou, há alguns anos, esse lugar imagético, fora do comum, que Elis Regina obteve após sua morte e que Gal Costa, apesar de sua força dentro da música brasileira e aura de musa, ainda não chegou. Coisas de fã.

MUITO ALÉM DO

GRITO DO IPIRANGA

UM MERGULHO NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

MARKETING BPC

FOTO: EDSOM MATOS

SEGUNDAS, 8H ÀS 8H30

NA TABAJARA FM 105.5

Tabajara

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

TABAJARA CONTA A HISTÓRIA

DESIGUALDADE NA POLÍTICA

Minorias sem espaço, apesar da lei

Mulheres ocupam apenas 15% das cadeiras parlamentares; indígenas e pretos têm ainda mais dificuldades

Iluska Cavaleante
cavaleanteiluska@gmail.com

Quantas leis são necessárias para consertar séculos de desigualdade na política? Mulheres ocupam apenas 15% das cadeiras parlamentares, mesmo sendo maioria do eleitorado. Indígenas, sequer chegam perto desse percentual, enquanto candidatos pretos ainda são minoria. Após 200 anos de independência, o Brasil ainda precisa lidar com a falta de representatividade de minorias nas Eleições 2022.

Na Paraíba, apenas três pessoas indígenas são candidatas neste pleito, sendo apenas 0,3% dos mais de 700 registros realizados na Justiça Eleitoral. Já as pessoas que se autodeclararam pretas, são 12,8%. Apesar do baixo percentual, o número ainda é maior do que o das últimas eleições nacionais. Em 2018, apenas um indígena realizou o registro de candidatura e as pessoas pretas eram apenas 8% do total de candidatos.

No entanto, o crescimento pode não ter a intenção correta. Segundo avalia o cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba, José Artigas, com a nova legislação eleitoral que prevê um aumento no fundo eleitoral para negros e mulheres, há candidatos mudando a declaração de cor para se beneficiar da lei.

“A gente percebe que, por exemplo, nas eleições de 2018 o número de deputados estaduais que declararam-se negros ou pardos era 30%, e o número saltou em quatro anos para 52%. Percebe-se que muitos candidatos que nas eleições passadas diziam-se brancos, agora se declaram negros ou pardos, ou seja, é óbvio que isso é uma tática de ampliar o fundo eleitoral sem ter uma maior participatividade nesses grupos na composição das chapas e parlamentos”, comentou.

Segundo a legislação, o objetivo seria de ampliar a participação de negros e mulheres na composição das candidaturas. “Com isso, haveria um favorecimento relativo a negros e mulheres, uma vez que candidaturas negras e mulheres receberão o dobro das outras candidaturas. Mas, como já era esperado, isso já também vem causando algum desvio”, explicou o cientista político.

No entanto, as tentativas de burlar leis que favorecem minorias não vem de agora. As mulheres representam, de forma obrigatória, 30% das candidaturas em composição de chapas em elei-

Na Paraíba, três pessoas indígenas são candidatas neste pleito, sendo apenas 0,3% dos mais de 700 registros realizados na Justiça Eleitoral

ções. Dessa forma, os partidos e federações precisam lançar, no mínimo, 30% de candidaturas femininas. Mas o que deveria ser uma forma de valorizar as mulheres, acaba tendo o efeito contrário.

Cada vez mais os Tribunais Regionais Eleitorais têm julgado casos de candidaturas laranja. As mulheres são alvo de candidaturas fictícias como forma de burlar a lei. Na maioria dos casos elas recebem poucos, ou nenhum voto, não fazem campanha para si, e o fundo eleitoral é utilizado para candidatos homens.

“Essa lei não efetivamente promoveu uma maior participação feminina nas representações parlamentares. Na verdade, favoreceu o aumento do número de candidaturas laranjas, que não eram competitivas, mas serviam para preencher a lista de candidaturas para que o partido pudessem lançar seus outros candidatos na eleição”, enfatizou José Artigas.

Na opinião do cientista político, as mulheres acabam sendo inferiorizadas. “Isso deprecia o papel da mulher na participação política eleitoral, porque acaba sendo alvo da manipulação das direções partidárias, que ficam com o fundo eleitoral para distribuir entre outras candidaturas mais competitivas e desestimulam a participação das mulheres”, avaliou.

É possível ter um exemplo recente disto na Paraíba. No município de Monte Horebe, todos os vereadores do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB) tiveram seus mandatos cassados por fraude eleitoral na cota de gênero. Com a decisão do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) o município terá que passar por novas eleições suplementares proporcionais para a escolha de novos.

Ficou comprovado, segundo a Justiça Eleitoral, que haviam candidaturas laranjas de mulheres. Uma delas é esposa de um dos vereadores, chegando a desistir da própria candidatura e fazer campanha para o marido nas redes sociais.



Mulheres vão às ruas e cada dia tentam mais espaços políticos, mas desigualdade com os homens ainda é grande no Brasil

Problema tem raiz estrutural e histórica

De acordo com o especialista, o problema vem de uma raiz estrutural e histórica. “São problemas que não resolvemos a curto prazo, mas é fundamental que enfrentemos com alterações nas leis eleitorais, organização dos partidos políticos, porque só assim a gente vai estimular uma participação efetiva”.

O professor comentou ainda que a elite sempre ocupou os cargos legislati-

vos e executivos, causando a desigualdade vista atualmente. “Na arena política, desde sempre, houve uma grande maioria de elites à frente dos cargos legislativos e executivos. Essas elites provem das classes dominantes, abastardas, brancas e sempre houve um forte peso patriarcal, machista, que levou a um domínio quase que absoluto de representantes do sexo mas-

culino”, disse o cientista.

Organização partidária

Um desses critérios que dificultam o acesso as formas de representação política do país diz respeito a organização interna dos partidos. “Os partidos não estimulam as minorias a participarem mais ativamente das suas instâncias de deliberação. Poucos são os partidos com critérios de composição

das suas direções nacionais e executivas com critério de cotas para mulheres, negros e eventualmente jovens”, comentou.

Na avaliação do especialista, o critério de cotas estimula a participação mais ativa dessas minorias na atividade política e partidária. “Isso abre caminho para a formação de novas lideranças políticas entre esses grupos minoritários”.

Falta de representação amplia desigualdades

A falta de representatividade de minorias nem cargos políticos faz com que essas vozes não sejam ouvidas. Segundo enfatizou José Artigas. “São homens brancos e ricos legislando por mulheres, indígenas e negros”. Isso faz com que a desigualdade aumente ainda mais, em to-

dos os âmbitos. “Muito difícil que homens brancos legislem em prol de mulheres e negros. Isso acaba reproduzindo um padrão de desigualdade histórico que na política é ainda mais intenso do que em outras esferas, social, econômica e cultural”, completou.



Artigas: cotas são caminho para democratizaçã das pautas

As cotas vêm representando uma boa alternativa de política compensatória

José Artigas

Para ele, a modalidade de cotas com número de cadeiras nos parlamentos poderia contribuir tanto para diminuir a desigualdade, como as fraudes eleitorais. “Eu acredito que as cotas, em duas modalidades de representação, deveriam estimular a participação ativa das minorias. E não apenas para as mulheres, eu penso também para indígenas, negros. As cotas vêm representando uma boa alternativa de política compensatória. E a gente tem alguma experiência, desde 1992 iniciamos no Brasil a política de cotas”.

O professor explicou ainda que esse modelo parte do pressuposto do reconhecimento da desigualdade que essas minorias enfrentam para promoção da equidade, “de forma que os desiguais sejam tratados desigualmente no sentido da redução das desigualdades históricas estruturais. Nesse sentido, eu acredito que apenas com cotas de participação mínima das minorias é que podemos conquistar uma participação equânime para ter mudanças estruturais”.

O resultado disso é uma maior democratização

das pautas parlamentares. “Quando as minorias legislam, a gente vê pautas sendo inseridas na agenda parlamentar que não são corriqueiras, sobre temas que geralmente ficam para trás no conjunto dos interesses parlamentares. Isso é muito importante, porque a ação parlamentar envolve um debate público sobre temas que nem sempre são de interesse dos grupos dominantes, por isso é tão importante a participação desses grupos”.

AUTOFINANCIAMENTO

MPF investiga fraudes em pesquisas eleitorais no país

Augusto Rocha é acusado de manipular levantamentos em campanhas

Rayanderson Guerra
Agência Estado

Recordista na supervisão de sondagens eleitorais nas duas últimas eleições, o estatístico Augusto da Silva Rocha voltou a ser alvo do Ministério Público Federal em 2022 por fraudes em pesquisas de intenção de voto. Rocha é investigado por suspeita de manipular levantamentos em diferentes campanhas nos últimos anos. Também enfrenta apurações no Conselho Federal de Estatística. Foi o profissional que liderou o maior número de levantamentos financiados pelos próprios institutos desde 2018 no país. Somente em 2022, tem sob sua responsabilidade 62 trabalhos com essa modalidade de financiamento. A sua defesa nega que ele tenha cometido irregularidades.

As sondagens autofinanciadas geram desconfiança. Há suspeitas de que sejam produzidas sem qualidade. Ao informar que realizaram as pesquisas sem contratante externo, esses institutos não precisam revelar a origem do dinheiro. O temor é de que candidatos tentem forjar sondagens para influenciar os eleitores. O objetivo seria induzir votos.

O número de pesquisas eleitorais aumentou significativamente em 2022. Ao mesmo tempo, as sondagens viraram alvo de questionamentos judiciais. De 1º de janeiro a 30 de agosto de 2022, o volume de processos em todo o país saltou 582% na comparação com o mesmo período de 2018, segundo levantamento feito pelo Estadão/Broadcast em Tribunais Regionais Eleitorais e no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O Instituto Ranking Brasil, sob responsabilidade de Rocha, fez sete pesquisas sobre a eleição para presidente em 2022. Há ainda quatro pesquisas em Mato Grosso do Sul. Todas foram pagas com recursos próprios. Mas a empresa é investigada pelo MPF por suspeita de irregularidades. Foi aberta em janeiro do ano passado, em Campo Grande (MS), como microempresa indivi-



Foto: Marcelo Camargo/gência Brasil

Sondagens autofinanciadas despertam suspeitas de que sejam produzidas sem qualidade

dual. Seu capital social é de R\$ 25 mil. Pelo tamanho, o nome do proprietário não consta em registros da Receita Federal.

Em um dos trabalhos, o presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) lidera em Mato Grosso do Sul. A sondagem foi registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Também foi divulgada por um veículo local. Diante da ação do MPF, saiu do ar.

“Ainda que não exista proibição expressa na legislação eleitoral quanto à própria empresa patrocinar suas pesquisas, há a necessidade de ser justificada a procedência da disponibilidade financeira, sendo que a inexistência desta informação descumpre o previsto na resolução do TSE que

dispõe que devem ser informados, obrigatoriamente, o valor e a origem dos recursos gastos na realização da pesquisa”, disse Pedro Gabriel Siqueira Gonçalves, procurador regional eleitoral de Mato Grosso do Sul.

Siqueira assina uma manifestação do Ministério Público Federal sobre Rocha. No documento, pede a apuração dos levantamentos feitos pelo estatístico. Em parecer enviado ao juiz eleitoral Alexandre Branco Pucci, sustenta que a prática das empresas de pagar os próprios levantamentos pode mascarar caixa 2. “Com recursos próprios, a empresa não precisa apresentar nota fiscal, tampouco prestar contas sobre a origem do dinheiro.”

■
O número de pesquisas eleitorais aumentou significativamente em 2022. Ao mesmo tempo, as sondagens viraram alvo de questionamentos judiciais

Profissional atua como avalista de empresas

As pesquisas bancadas por institutos representam 63% de todas as sondagens registradas no TSE. Deputados tentaram incluir no projeto do Código Eleitoral, em 2021, regra que proibia pesquisas autofinanciadas por institutos, mas ela não avançou.

Segundo o Conselho Regional de Estatística da 4.ª Região (Conre-4), Rocha tem atuado como “verdadeiro avalista de empresas que exercem ilegalmente a profissão de estatístico”. Em 2020, disse o órgão, o profissional trabalhou como estatístico responsável por 11 empresas que descumpriam a exigência de registro no conselho da categoria. “Não seria possível o registro de trabalhos estatísticos sem a convivência de um estatístico que assinas-

Regra

Deputados tentaram incluir no projeto do Código Eleitoral, em 2021, regra que proibia pesquisas autofinanciadas por institutos, mas ela não avançou

se os mesmos na condição de responsável técnico”, afirma o relatório assinado pelo presidente do conselho, Gabriel Afonso Marchesi.

Há práticas suspeitas em outros institutos. O Ipop Cidades & Negócios liderou pesquisas autofinanciadas na eleição passada. Virou alvo de operação do Ministério Público de Goiás. Reportagens mostraram que o dono do instituto, Márcio Rogério Pereira Gomes, era suspeito de produzir pesquisas fraudulentas. Ele foi preso. O MP o acusou de falsidade ideológica, lavagem de dinheiro e associação criminosa.

Censura

Em nota, o Instituto Ranking Brasil afirmou que “repudia as tentativas de cen-

sura e a intenção de macular a imagem da empresa”. “Várias ações judiciais têm sido apresentadas com a intenção de colocar em dúvida os levantamentos de dados do instituto. Repetimos o plano amostral para sabermos as mudanças de opiniões e o comportamento dos eleitores ao longo de uma eleição”, diz a nota.

A defesa de Rocha declarou que “não há obrigatoriedade legal de emissão de nota fiscal pelo instituto”. Sobre a origem dos recursos, o advogado Marcio Antônio Santana da Silva, que defende o estatístico na Justiça Eleitoral, afirmou que a empresa “tem como objeto social pesquisa de mercado e de opinião pública” e que os recursos seriam oriundos daí.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Olhares filosóficos enviesados e não registrados

Compadre Heráclito era um filósofo oral presente na comedia dell’arte da ciranda, no aboio, no papangu, no babau e nos ponteados de violeiros repentistas. Esse estimado pensador vinha da cidade por nome Mogeiro, na região de Agreste da Paraíba, na plenitude dos seus trinta e três anos, idade do Eterno, quando resolveu atravessar a nado o rio Paraíba. Para encurtar caminho, flutuou de braçada até o lugar chamado Salgado de São Félix, onde deu de cara com o violeiro Manoel Xudu em uma birosca na beira do rio cheio. Depois de tomar duas garrafas de zinebra, famoso conhaque de pobre, Manoel Xudu pediu um mote ao filósofo Heráclito. Movido pela experiência de ter atravessado o rio a nado, de olho na realidade circundante, Heráclito largou a estrofe para um curruchiado de viola nos seguintes termos galopantes: “A vida é brinquedo de transformação, cantando galope e mudando geral”. Cumprindo sua missão sagrada de espalhar arte naqueles áspetros torrões de fortes ligações com o curso de água nascido na serra de Jabitacá, nos confins do cariri, Xudu modulou sua voz rouquenha de cigarro Astória sem filtro e acunhou, ao tinido de viola “Dinâmica”:

Passando no rio em pleno mormaço
Botei a pensar nessa aventura
Criei um bordão na literatura
Que a travessia será um cabaço
Que eu quebrarei toda vez que eu passo
Pelo mesmo rio que nunca é igual
Mudamos nós todos para o bem ou mal
A todo momento e ocasião
A vida é brinquedo de transformação
Cantando galope e mudando geral

Nisso aparece um cidadão por nome Artur Fumaça, hábil tocador de violão, nascido na cidade Itabaiana do Norte, acompanhado de um jovem conhecido por Biu da Rabeca. Os dois artistas mambembes também eram chegados com um “chá de filosofia” feito com caldo de cana-de-açúcar. Foram logo se abancando e declamando estrofes do poeta Zé da Luz com limão e tira-gosto de isca de jabá. Sem pátria nem genealogia, os filósofos são assim mesmo, se assentam em qualquer assembleia de bufões saltimbancos e deitam logo “filosofança”, como diria Zé Limeira, o poeta da incoerência racional, que é o osso de sopa dos trovadores insígnies, feito o próprio Artur Fumaça, um sujeito em si negativo e incrédulo quanto ao sentido da vida. No intervalo de uma sambada de Biu da Rabeca, depois de se lamentar muito porque passou a noite cantando “incelença” em louvor à “Ave Maria brandosa e bela, divina estrela, guia do povo, honesta flor, joia mimosa e luz formosa” e mesmo assim morreu Maria Preá, o agora descrente Artur Fumaça jogou o seguinte conceito no balcão sujo da bodega: “Nós veem morrer e de minuto em minuto nós bate um prego no caixão da caridade”.

Transcorria caudalosamente farta de sabedoria e conveniente amizade a brincadeira dos debochados artistas, quando surge na porta do boteco o cachorro Pitu, vira-lata presente nas variadas cenas rurais e urbanas desde o descobrimento do Brasil, figura metafórica de formação do povo brasileiro, cão que lambeu o sangue dos romeiros derramado no arraial de Canudos e correu campo com Zumbi, respirando rebeldia e latindo para preto, branco, sarará ou sem raça definida como o próprio Pitu, em instintivo tradução do sonho de uma nação de iguais, serraprimidos. Um capiau que assistia à folgança levantou-se com a intenção de pontapear o cachorro magro. Assustado, Pitu desapareceu, com a cauda devidamente enfiada entre as perninhas descamadas. Nisso levanta-se o ferreiro Emanuel alcunhado de Emanuel Quente devido ao seu ofício de manipular ferro em brasa. Metido a glosador e gozador, Emanuel saiu-se com esse verso: Eu estando aqui presente / O cachorro ele não chuta / Esse cabra vive irado / Com a consciência em luta / Porque teve quatro filhas / E elas deram pra puta

Sem saber, esse ferreiro Emanuel Quente reproduzia o conceito do grande pensador da Modernidade, Immanuel Kant, também artesão, autor da frase: “Podemos julgar o coração de um homem pela forma como ele trata os animais”.

CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA

A opção do Brasil pelos latifúndios

Assinada há 170 anos por Dom Pedro II, Lei das Terras oficializou os privilégios dos grandes senhores

Ricardo Westin
Agência Senado

No Segundo Reinado, o Brasil tomou uma medida que seria determinante para a sua histórica concentração fundiária. Em 18 de setembro de 1850, o imperador Dom Pedro II assinou a Lei de Terras, por meio da qual o país oficialmente optou por ter a zona rural dividida em latifúndios, e não em pequenas propriedades.

Atualmente, apenas 0,7% das propriedades têm área superior a dois mil hectares (20 km²), mas elas, somadas, ocupam quase 50% da zona rural brasileira. Por outro lado, 60% das propriedades não chegam a 25 hectares (0,25 km²) e, mesmo tão numerosas, só cobrem 5% do território rural. Os dados são do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

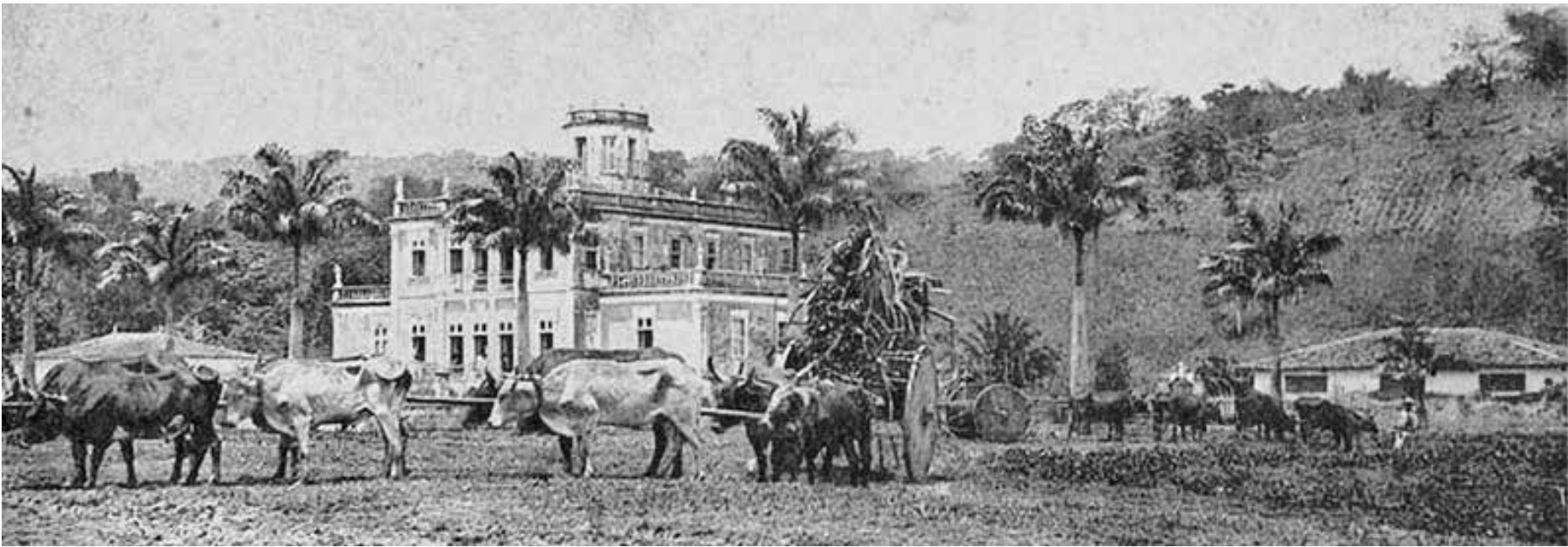
Antes de chegar às mãos de Dom Pedro II, a primeira lei agrária do Brasil independente percorreu um lento e tortuoso caminho dentro do Senado e da Câmara. O projeto da Lei de Terras entrou no Parlamento em 1843, baseado num anteprojeto redigido por conselheiros do imperador. Após sete anos de debates, negociações, impasses e reviravoltas, os senadores e deputados enfim deram ao projeto de lei a versão definitiva.

Documentos da época hoje guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, revelam como a composição do campo brasileiro foi planejada. Os próprios senadores e deputados eram, em grande parte, senhores de terras. O senador Costa Ferreira (MA), por exemplo, discursou:

“Isso de repartir terras em pequenos bocados não é exequível. Só quem nunca foi lavrador é que pode julgar o contrário. São utopias. Ninguém vai para lá (o interior do país). Ninguém se quer arriscar”.

O argumento dele era que os pequenos camponeses não tinham força para expulsar os indígenas e que, por isso, era natural que a terra fosse para os grandes senhores. Costa Ferreira continuou:

“Existem nas províncias muitas terras, mas algumas não se acham demarcadas nem são beneficiadas porque estão infestadas de gentios (indígenas). Nas minhas fazendas já tenho tido alguns prejuízos por essa causa em gado, escravos etc. A maior parte dos (pequenos) lavradores da minha província não lavra para o interior porque o gentio não os deixa. Mas um lavrador poderoso, logo que entra, pode beneficiar as terras. Muito lucro, pois, a nação em se venderem as fazendas nacionais a particulares que as cultivem”.



A tração animal era usada em praticamente todas as atividades rurais do período; ao fundo, um dos casarões, muito comum nas grandes propriedades

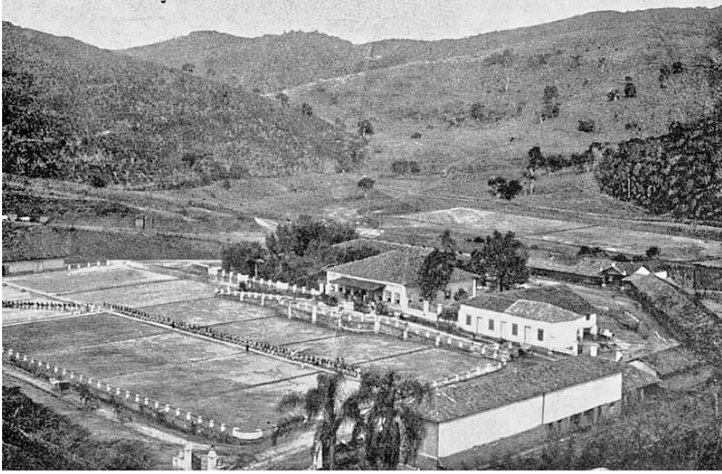
Zona rural estava mergulhada no caos e na insegurança jurídica

Na época do Império, embora o Brasil fosse agrário e dependesse da renda gerada pela exportação do café, a zona rural estava mergulhada no caos e na insegurança jurídica. Ao contrário de hoje, poucos eram os fazendeiros com o registro da propriedade. Eles eram os donos das chamadas sesmarias, terras doadas de papel passado pelo rei português, ainda nos idos da Colônia, com a exigência de que fossem cultivadas.

Sendo extensas demais e tendo só um pedaço efetivamente explorado, as sesmarias viviam sob o constante risco de serem confiscadas.

Em 1823, logo após a Independência, Dom Pedro I proibiu a doação de novas sesmarias, mas não pôs no lugar nenhuma nova regra para a apropriação da zona rural. No vácuo legal, as pessoas começaram a invadir as terras públicas desocupadas. Nesse Brasil despovoado, ainda longe dos 10 milhões de habitantes (hoje são 210 milhões), havia terras livres de sobra. Assim, por meio da simples ocupação, surgiram humildes camponeses cultivando para a própria subsistência e também poderosos latifundiários plantando para a exportação.

Na ausência do título oficial da propriedade, tanto pobres quanto ricos não passavam de posseiros e, como tais,



Terras cultivadas por posseiros na época do Império no Brasil

também corriam o risco de terem a terra confiscada a qualquer momento. Enquanto os sesmeiros eram minoria, os posseiros eram maioria.

“No Brasil, têm sido esbanjadas as terras — queixou-se o senador Bernardo Pereira de Vasconcellos (MG). Só não é proprietário o que não quer ser. Depois da suspensão das sesmarias, qualquer um pode apodera-se de terreno devoluto, fixa nele sua residência, planta, colhe e ninguém lhe disputa.

Para o senador Vergueiro (MG), o problema eram apenas os pequenos posseiros:

“Se não se puser obstáculo a essas invasões, apenas restarão algumas terras devolutas nas províncias do Pará, de Mato Grosso e de Goiás (as atuais Regiões Norte e Centro-Oeste inteiras). Para as mais, acabam-se em pouco anos. E será isso útil? Não, é preju-

dicialíssimo não só aos interesses do Tesouro, mas da civilização, porque essa gente espalha-se pelo meio do sertão e barbariza-se, não reconhece autoridades senão as suas paixões.

O senador Carneiro Leão (MG) concordou. Na visão dele, apenas os grandes posseiros eram dignos da proteção pública:

“Em presença da inércia, do desleixo do governo, a população cansou-se de esperar e entrou sem mais cerimônia pelas terras da nação, prestando assim um verdadeiro serviço ao país, pois contribuiu para o aumento e progresso da lavoura. Não se pense que todas as posses se reduzam a uma pequena roça e à construção de uma casinha de palha. A princípio podia ser assim, mas depois em boa parte delas estabeleceram-se grandes plantações”.

ses de muitos donos. Cada um deles fixa os seus limites arbitrariamente. Quando há contestações, a questão quase sempre se decide pelo bacamarte (espécie de espingarda), afirmou o senador Francisco de Paula Souza (SP). “Agora mesmo tenho notícia de que na Vila da Constituição [atual Piraicaba], em São Paulo, nos últimos meses houve 13 ou 14 assassinatos em consequência de questões de terras. Eu estou convencido de que esta lei é sumamente necessária, principalmente para preve-

nir os abusos e as violências que se praticam no interior.

Para tentar pôr alguma ordem no campo, o primeiro artigo da Lei de Terras dizia que não mais se toleraria a invasão de terras públicas. Quem desobedecesse a lei iria para a cadeia. A partir de então, elas seriam vendidas. No entanto, haveria uma anistia geral para quem vivia na corda bamba até aquele momento.

“Ora, se devemos providenciar para o futuro e passar uma esponja sobre o passado, essa esponja deve abranger posseiros e sesmeiros”, defendeu o senador Vergueiro.

Dessa forma, os fazendeiros que haviam descumprido a exigência de cultivar suas sesmarias seriam perdoados, e os posseiros que tinham se apossado de terras que não lhes pertenciam ganhariam a escritura. Seria algo parecido com o que hoje se chama de regularização fundiária, recorrente em terras públicas invadidas por particulares na Amazônia.

Na prática, porém, a anistia de 1850 alcançaria apenas os grandes posseiros. Os pequenos acabariam sendo barrados.

“Sabe-se quantas vezes têm acontecido que homens que apenas levam consigo um bocado de farinha dentro de um saco e uma foice e um machado ao ombro têm se introduzido no interior dos matos virgens das fazendas ou matas devolutas da nação, derrubando e roçando, e se apresentando dizendo: “Esta terra é minha, porque dela tomei posse”. Não é possível que a lei consinta em tal absurdo”, indignou-se o senador Clemente Pereira (PA).

“Convém que sejamos generosos com aqueles posseiros dignos de equidade”, disse o senador Visconde de Abrantes (CE), referindo-se aos grandes posseiros. “O homem empregou seu tempo, afrontou talvez perigos, sujeitando-se às febres que sempre aparecem depois das derrubadas da mata virgem, e foi regar a terra com o seu suor. Como se diz a esse homem que lhe tiramos o fruto de tantas

fadigas? Um homem nessas circunstâncias, aventureiro e corajoso, é digno de proteção.

O grande obstáculo que a Lei de Terras impôs aos camponeses, afastando deles a anistia, foi a cobrança de taxas para a regularização da propriedade. Para os grandes posseiros, as taxas não pesavam no bolso. Para os pequenos, elas podiam ser proibitivas.

Não foi por acaso que a Lei de Terras nasceu em 1850. Duas semanas antes de ela entrar em vigor, outra norma histórica havia sido assinada por Dom Pedro II: a Lei Eusébio de Queirós. Foi a primeira das leis abolicionistas. Por meio dela, o Brasil, pressionado pela Grã-Bretanha, proibiu a entrada de novos escravos africanos no território nacional. Embarcações britânicas passaram a interceptar navios negreiros no Oceano Atlântico e confiscar a carga humana.

Os latifundiários entenderam que a escravidão, mais cedo ou mais tarde, chegaria ao fim e que os seus cafezais corriam o risco de ficar sem mão de obra. A Lei de Terras eliminaria esse risco. Uma vez tornadas ilegais a invasão e a ocupação da zona rural, tanto os ex-escravos quanto os imigrantes pobres europeus ficariam impedidos de ter suas próprias terras, ainda que pequenas, e naturalmente se transformariam em trabalhadores abundantes e baratos para os latifúndios.

Da mesma forma, os pequenos posseiros que fossem expulsos de seus antigos lotes, excluídos da anistia por não poderem pagar as taxas previstas na Lei de Terras, também reforçariam o contingente assalariado dos cafezais.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



Parte de integrantes da mídia paraibana, liderados pela jornalista e assessora de imprensa Cristina Lira, vai fazer um fampress ao município cearense de Canoa Quebrada, entre os dias 16 a 19 deste mês, onde serão recebidos pelo presidente da Associação dos Empreendedores de Canoa Quebrada-CE, José Ruy Barbosa, também dono da pousada Latitude, pelo seu vice, o empresário Luis Nogueira, dono da barraca Chega Mais Beach, por Karla, dona do Restaurante Mezza Luna e da pousada Gro, entre outros.



Ívia Leal, na foto com sua mãe Marcélia e seu irmão José Januncio dos Santos Neto, festejou seu aniversário no badalado restaurante Adega. Claro que o evento foi regado a muita alegria e descontração.



Beth Menezes, Rogerio Freire, Lucima Padilha, Fátima Grisi, Odilon de Lima Fernandes, Cleantho Gomes, Carminha Madrugá Lopes, Clóvis Albuquerque e Sales Dantas são os aniversariantes da semana

O jornalista Ewerton Vieira, na foto entre amigas queridas, vai festejar seu aniversário durante evento a realizar-se na Sonho Doce Recepções, no próximo dia 14.



Lúcia Padilha, na festa de seu aniversário, recebeu o carinho das amigas Analine Azevedo, Marcélia Leal, Roberta Aquino, Aparecida Farias, Edna Martins, Almira Mendes e desta columnista.



Lucimar, Kaynara e Júnior, unidos e felizes, festejaram o aniversário da querida mãe, Lúcia Padilha, que reinou entre os filhos e netos amados.



Na última terça-feira (6), no auditório do Procon, em João Pessoa, aconteceu o lançamento do livro "Além do Ipiranga - a extraordinária vida de Pedro Américo, resgate histórico importante, escrito pelo advogado e escritor Thélío Queiroz Farias (na foto, entre a esposa Carolina Steinmüller Farias e a sua mãe, a advogada e professora Celeide Queiroz Farias).



Por ocasião do lançamento do livro de Thélío Queiroz Farias, que pertence a Academia de Letras de Campina Grande, ocupando a Cadeira 23, a Mesa Diretora estava composta pelo presidente da Academia Paraibana de Letras, Ramalho Leite; pelo desembargador federal, Rogério Fialho; pelo secretário de Estado da Cultura, Damião Ramos, e pelo presidente do TRT da Paraíba, Leonardo Trajano.

O escritor e editor Juca Pontes, a presidente da Empresa Paraibana de Comunicação, jornalista Naná Garcez, e o diretor de mídia impressa do Jornal A União, William Costa, prestigiaram o lançamento do livro do pesquisador Thélío Queiroz.



Selic Fixado em 3 de agosto de 2022 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial -1,13% R\$ 5,148	Euro € Comercial -0,67% R\$ 5,171	Libra £ Esterlina -0,89% R\$ 5,968	Inflação IPCA do IBGE (em %) Agosto/2022 -0,36 Julho/2022 -0,68 Junho/2022 0,67 Maio/2022 0,47 Abril/2022 1,06	Ibovespa 112.300 pts +2,17%
--	---	--	--	---	---	--

FRANQUIAS

Setor cresce 30% e supera índice pré-pandemia na PB

Receita chegou a R\$ 2,49 bilhões no ano passado e continua subindo em 2022

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

As atividades do setor de franquia (*franchising*) na Paraíba estão em expansão e alguns segmentos já apresentam crescimento que supera os índices prévios à pandemia de Covid-19. O faturamento do setor foi de R\$ 2,49 bilhões no ano passado, o que corresponde a um crescimento de 41,7% sobre 2020 e de 30,4% sobre 2019. A Associação Brasileira de Franchising (ABF) aponta que o faturamento das franquias aumentou 76,35% no primeiro semestre do ano, em relação ao mesmo período de 2020, época

mais restritiva da pandemia. Sobre o primeiro semestre de 2021, a alta foi de 22,47%. De acordo com a ABF, o crescimento do setor está relacionado à maior movimentação de consumidores nas lojas físicas, à retomada dos hábitos presenciais e eventos sociais e à demanda reprimida por serviços, sobretudo os de alimentação e turismo, sem prejuízo para as atividades de delivery e de e-commerce. No Brasil, o faturamento das atividades de franchising apresentou alta de 12,9%, no primeiro semestre deste ano, na comparação com os primeiros seis meses do ano passa-

do, saltando de R\$ 81,021 bilhões para R\$ 91,432 bilhões. Em relação ao primeiro semestre de 2020, houve crescimento de 32%, em 2022. A ABF explica que o desempenho da Paraíba ante à média nacional é comum nas regiões mais turísticas que apresentam maior recuperação em relação às quedas do período de pandemia, com destaque para os segmentos de hotelaria, entretenimento e lazer. Até o fim de junho deste ano, havia 1.941 unidades de franquias, na Paraíba, empregando 15.365 pessoas. No Brasil, o setor emprega 1.453.852 pessoas. Segundo o presidente

da entidade, André Friedheim, o franchising é a porta de entrada não só para os empreendedores, como para os jovens no primeiro emprego. Em âmbito nacional, houve crescimento de 3,7% na abertura de unidades de franquias no período citado. A entidade revisou para cima as projeções do segundo semestre, com base no desempenho do segundo trimestre do ano. A estimativa de crescimento do faturamento passou de 9% para 12% a de novas unidades subiu de 7% para 8%. Já as projeções do crescimento do número de redes, previsto em 5%, e a de empregos, no mesmo percentual, foram mantidos.

Turismo e hotelaria lideram faturamentos

Na Paraíba, o segmento com maior representatividade no que se refere ao faturamento é o de hotelaria e turismo (28,7%). As franquias do segmento apresentaram o maior crescimento entre as demais categorias, com uma alta de 685%, na comparação entre o primeiro semestre de 2020, quando o faturamento foi de R\$ 46,23 milhões, e o primeiro semestre deste ano, com R\$ 363,6 milhões. Em igual período do ano anterior, o segmento já demonstrava recuperação, com faturamento de R\$ 250,4 milhões. A franqueadora paraibana Clube Turismo conseguiu abrir 120 unidades franqueadas, no ano passado, e projeta encerrar o ano de 2022 com mais 180. Atualmente, a empresa tem 539 franqueados e ocupa a sexta posição entre as microfranquias, em ranking da ABF,

a única do Nordeste entre as 10 maiores do país. De acordo com a CEO e cofundadora da Clube Turismo, Ana Virgínia Falcão, a expansão das atividades ocorre pela criação de novos produtos e pela demanda reprimida causada pela pandemia de Covid-19. “O setor de turismo foi muito afetado pela pandemia. No primeiro ano, demos suporte aos franqueados, com orientações sobre as regulamentações sobre deveres e direitos treinamentos e investimos em comunicação. As empresas que já não estavam bem financeiramente fecharam, outras deixaram a associação com a ABF para reduzir custos”, conta Ana Virgínia. A executiva explica que a pandemia também gerou oportunidades de negócios, a exem-

plo do Crediviagens, um produto criado para que as pessoas possam financiar suas viagens pagando antecipadamente e, quando quiserem, utilizar o valor do crédito pago no destino escolhido. Ela cita que, com o fechamento de muitas agências, agentes de viagens decidiram empreender, abrindo sua própria empresa, até mesmo como franqueados. “A Clube Turismo tem três modelos de negócios: Home Office, Home Office Prime e Loja, com investimentos que variam de R\$ 6.900 a R\$ 25 mil, sempre com um atendimento personalizado aos clientes para dar segurança e confiança nessa relação consumerista”, comenta Ana Virgínia. Segundo ela, o ticket médio está mais caro, em razão da demanda pelos serviços e pela inflação e cotação do dólar.



Foto: Arquivo pessoal

O setor de turismo foi muito afetado pela pandemia. No primeiro ano, demos suporte, com orientação e treinamentos

Ana Virgínia

Alimentação emprega mais de 2,2 mil pessoas

As unidades paraibanas dos serviços de alimentação cresceram 26,24%, no comparativo entre o primeiro semestre de 2020 (R\$ 119,6 milhões) e o de 2022 (R\$ 151 milhões). As 206 unidades empregam 2.240 pessoas. Incluída no segmento, a empresária Marcela Fujii, franqueada da rede Copenhagen há 15 anos, em um shopping da capital paraibana, abriu uma nova unidade na orla de Cabo Branco, no ano passado. Ela relembra que os negócios ficaram difíceis no ano de 2020, já que os shoppings foram fechados por alguns meses, e a solução foi implantar o serviço de entregas, o que minimizou os danos. Naquele ano, o faturamento caiu 20%. “O segmento de chocolates finos está muito associado ao momento de presentear. Os produtos trazem memó-

rias afetivas e apostamos nisso ao iniciarmos o *delivery*. Estamos em todas as plataformas e passamos a utilizar as redes sociais”, conta Marcela Fujii. Em meio à fase de recuperação da economia, ela decidiu abrir outra unidade, focada também no oferecimento do serviço, onde o cliente pode sentar para beber um chocolate ou um café, no *deck* da loja, e ter uma experiência de consumo completa. O segmento de saúde, beleza e bem-estar conta com 475 unidades e emprega 3.470 funcionários, tendo obtido um faturamento de R\$ 304,3 milhões no primeiro semestre deste ano. O desempenho superou o do mesmo período de 2021 em 16,7% e o de 2020, em 44,16%. O segmento é o maior em número de unidades. O ramo da moda regis-



Foto: Divulgação

Franquias de chocolates conseguiram melhores resultados nas vendas

trou resultados positivos em quase todos os indicativos. O segmento cresceu 45% no primeiro semestre deste ano, em comparação com igual período de 2020, atingindo o patamar de R\$ 124 milhões. Há 265 unidades de franquias

na atividade, o que representa praticamente uma estabilidade com 2020, quando havia 274. A redução foi de 3,28%. Quanto à quantidade de funcionários, houve acréscimo de 6,5%, com a ocupação de 1.809 postos de trabalho.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

PIB tem alta de 1,2% no 2º trimestre, acima das expectativas

O PIB faz uma avaliação do esforço produtivo de uma economia num determinado período. Para contabilidade do PIB o que importa é a produção final de cada indicador (Agropecuária, Indústria, Serviço, Formação Bruta de Capital Fixo, Consumo das Famílias e Consumo do Governo). O baixo crescimento do PIB pode significar um empobrecimento da população. Se um país não produzir nada em um ano, o seu PIB será nulo. Contudo, não pode ser considerado como o total de riqueza existente.

No primeiro trimestre de 2022, o PIB brasileiro avançou 1%, um pouco abaixo do esperado (1,2%). Neste segundo trimestre cresceu 1,2%, acima das expectativas (0,9%). Comparado ao mesmo trimestre do ano passado, o PIB cresceu 3,2%. No ano, o PIB acumula alta de 2,5%. Frente ao trimestre anterior, houve queda em apenas um indicador, o Consumo do Governo (-0,9%). Enquanto no primeiro trimestre do ano o PIB registrou queda em outros dois indicadores, a Formação Bruta de Capital Fixo (-3,5%), que representa a aquisição de bens de máquinas, equipamentos e material de construção, e agropecuária (-0,9%). Logo, percebe-se que a economia brasileira evoluiu consideravelmente neste último semestre, o que para alguns foi uma grande surpresa.

O maior destaque foi da Indústria (2,2%), seguido do setor de Serviços (1,3%), e da Agropecuária (0,5%), que se recuperou levemente em relação ao último trimestre. Pela ótica da despesa, a Formação Bruta de Capital Fixo (4,8%) e a Despesa de Consumo das Famílias (2,6%) cresceram em relação ao trimestre anterior. Já a Despesa de Consumo do Governo caiu (-0,9%) nessa mesma base de comparação. No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços caíram 2,5%, enquanto as Importações de Bens e Serviços cresceram 7,6% em relação ao primeiro trimestre de 2022.

Para este ano, a expectativa de crescimento do PIB é de 2,26%. Recentemente, o Ministério da Economia elevou a projeção do PIB em 2022 para 2%. Com a taxa Selic em 13,75% ao ano, espera-se que a economia brasileira comece a desacelerar em algum momento, talvez agora neste terceiro semestre. Entretanto, com a quebra da curva inflacionária e a retomada do poder de compra da população, o consumo das famílias pode favorecer ainda mais o resultado do PIB.

Há ainda outras variáveis como o auxílio emergencial, o voucher dos caminhoneiros, vale gás (oficialmente hoje é “auxílio gás”), auxílio taxista, e outros benefícios que estimulam o consumo, elevando o PIB. Sob outra perspectiva, destaco o impacto das várias (micro) reformas realizadas no ambiente de negócios, que também contribuíram para o crescimento do PIB. Apesar do menor ritmo de crescimento previsto para 2022, os números mostram a consolidação da retomada econômica frente ao cenário mundial de incertezas e inflação elevada. Por outro lado, o próximo semestre deve ser afetado pela agitação do cenário político e o resultado das eleições. Em geral, os investidores demonstram cautela e apreensão, o que pode prejudicar o crescimento econômico.

PLANEJAMENTO NAS EMPRESAS

Falta de estratégia prejudica metas

Sem um plano específico, 60% das companhias brasileiras não alcançaram as estimativas traçadas no ano passado

Ludimila Honorato
Agência Estado

Ter um produto ou serviço que as pessoas necessitam e divulgá-lo, por exemplo, nas redes sociais pode ser insuficiente para converter vendas. Um plano estratégico se faz necessário e, por mais que as empresas saibam disso, poucas colocam em prática. Tanto que 60% das companhias brasileiras não atingiram as metas de vendas em 2021. É o que aponta a primeira edição da pesquisa Panorama de Vendas, feita pela RD Station com o apoio de TOTVS, Rock Content e the news.

Mesmo que o ano passado ainda tenha sido desafiador para as companhias devido às implicações da pandemia, o número é um alerta. O levantamento coletou 1.656 respostas de empresas em diferentes segmentos, portes variados e de todas as regiões do país entre os dias 4 e 20 de abril deste ano.

“O grande ponto é que o fato de não bater as metas é decorrente de um mau planejamento”, afirma o diretor da RD Station e de expansão internacional, Luis Lourenço. “Se a empresa tem um bom planejamento, mesmo em cenário desafiador, ela tem metas que considera o contexto, cenário, histórico, capacidade de entrega”, completa.

Ele destaca que os profissionais de vendas têm deixado de lado esses aspectos, afinal, 54% das empresas ainda não utilizam ferramentas para gerenciar o relacionamento com o cliente e fazer a gestão do time de vendas. Como não existe uma base para acompanhar as movimentações,



Além do poder de persuasão para negociações que um bom vendedor deve ter, as empresas precisam investir na integração entre as equipes de trabalho

“**Tem uma questão da natureza humana de esforço e recompensa, que muitas vezes não é imediata, vem no longo prazo**

André Siqueira

fica difícil pensar em novas estratégias, o que pode influenciar nos resultados dos anos seguintes.

Apesar disso, os empreendedores estão otimistas: 67% projetam um crescimento de 10% a 50% em 2022, o que pode ser explicado pela recuperação econômica. Porém, embora 94% dos profissionais da área de vendas concordem que os resultados dependem de um processo bem estruturado, apenas 31% das companhias dizem ter um plano previsível, escalável e sustentável.

“Tem uma questão da natureza humana de esforço e

recompensa, que muitas vezes não é imediata, vem no longo prazo”, diz o especialista em marketing digital e cofundador da RD Station, André Siqueira. “Mesmo com otimismo, tem de ajustar processos, planejamento, entender de fato por que é 10% ou 50%, quais são os fundamentos que vão levar a isso e o que vou fazer na prática para chegar nesse número”, orienta Lourenço.

Ciente da importância de um plano estratégico, a BRASAS English Course implementou, em maio deste ano, uma ferramenta de gestão de relacionamento com o clien-

te em que consegue acompanhar toda a jornada do consumidor e o desempenho do time comercial. Antes, com dados em planilhas, não tinha como visualizar detalhes que hoje impactam positivamente o negócio.

A empresa sabe, por exemplo, em que dia e horário a pessoa pesquisou sobre a escola, se o clique veio do Google ou de uma rede social. “Isso fez diferença, porque a gente sabe que esse é o horário que a pessoa costuma estar disponível e posso entrar em contato com ela. A nossa taxa de rejeição agora é muito baixa”, conta Tatiana Cordeiro, gerente co-

mercial e operacional da BRASAS no Rio de Janeiro.

O time visualiza se aquele potencial cliente foi convertido, se já conversou com um representante, se foi matriculado e está com *link* de pagamento. Todo esse panorama trouxe melhores resultados.

Só em agosto deste ano, a empresa superou o número de alunos e matrículas de 2019, melhor ano até então. Houve crescimento de 25% comparado a 2019, 35% em relação a 2020 e 95% sobre 2021. Tatiana diz que a ferramenta também otimizou o tempo da equipe e reduziu o custo de aquisição do cliente.

Habilidades e interação de times são ferramentas de sucesso

Os empreendedores que responderam a pesquisa consideram que um bom vendedor tem como principal característica o poder de negociação e persuasão. Siqueira lembra que essa capacidade só vai funcionar se o cliente chegar até ele, mas isso pode não ocorrer. É nesse ponto que entra a importante integração do time de vendas com o de marketing.

Segundo os especialistas, as

duas áreas atuam em conjunto para otimizar o trabalho, trazendo eficiência e qualidade para os processos de atrair clientes e fazer as vendas que vão gerar retorno. Outras interações positivas são com o time de produtos, que vai indicar o que o cliente precisa e como, e o setor de pós-venda, para alinhar toda a trajetória do consumidor.

Na escola de inglês Brasas, Tatiana conta que vendas e marke-

ting passaram a fazer reuniões semanais, às vezes com frequência maior, a fim de planejar as estratégias mais assertivas. “Hoje, conseguimos mudar a rota no caminho, não precisamos esperar fechar o mês. De uma semana para outra, conseguimos ver se diminuíu as oportunidades, por exemplo.”

Com esse olhar mais integrado, também foi possível prever melhor as metas. “A gente tinha

uma noção muito errada de venda, era uma coisa cultural de que matrícula é algo cíclico e só tem em alguns meses do ano. Mas se tem turma começando, é possível fazer matrícula todo mês e bater a meta mensalmente”, diz a gerente.

As novas ferramentas à disposição implicam no papel do vendedor, aponta Luis Lourenço, que passa a ter um perfil mais consultivo. Nesse caso, outras compe-

tências são importantes, em especial as *soft skills* (habilidades comportamentais).

“Para um bom profissional de vendas, a comunicação é importante, mas a escuta ativa talvez seja mais, para entender de fato o que a pessoa está procurando, o que vou resolver na vida dela”, afirma o diretor. Outras habilidades que ele indica são: curiosidade, capacidade analítica e de aprender rápido.

Atitude profissional agrega ao crescimento empresarial

“Ainda tem no Brasil, nas práticas de vendas e marketing, um viés muito instintivo e pouco técnico, pouco embasado em leituras, conhecimento, compartilhamento e isso acontece porque demanda um esforço que vai demorar para ser consolidado e trazer resultados, mas que é fundamental e vai garantir consistência no atingimento de metas”, analisa André Siqueira.

Esse instinto apontado por ele é percebido na pesquisa, em que 84% das empresas acreditam que boa capacidade de negociação e persuasão é a principal competência do profissional de vendas. Essa é uma habilidade que Nádia Laís demonstra com maestria.

Ela tem um negócio de confeitaria

ria fina desde 2006, iniciado após se formar em gastronomia. Além da indicação boca a boca, a principal estratégia de venda é bater na porta do potencial cliente, no caso de restaurantes e buffets, para oferecer o produto ou recebê-lo na loja dela, que fica em São Caetano do Sul, região metropolitana de São Paulo.

“Toda semana a gente faz degustação, em que as pessoas vão conhecer nosso produto. Com uma boa conversa, o fato de vir até a confeitaria, conversar comigo, ter essa troca de informação é muito melhor. Ter contato com o cliente é mais importante, consigo fechar mais contratos”, afirma.

Uma prática que ela fazia há 15 anos e faz pontualmente hoje é

montar *kits* de degustação e levar pessoalmente aos restaurantes da região. “Fui com a cara e a coragem, me apresentar, perguntar se tem interesse, se encaixa no cardápio deles”, explica. Ela também entrou em contato com estabelecimentos que conheceu num evento de gastronomia. Foi dessa forma que conseguiu mais três clientes.

Ela agrega essa estratégia mais pessoal à análise de dados das redes sociais em que está presente para entender quem é o público e do que mais ele gosta. A postura de Nádia reflete outra percepção da pesquisa: 63% concordam que bons resultados na área de vendas dependem mais da motivação e atitude dos vendedores e vendedoras.

Nádia conta que a importância da iniciativa é tema de discussão em um grupo de networking entre empreendedores do qual ela faz parte. “O primeiro ponto que percebi que aumentou a demanda foi quando ‘saí do anonimato’, vim para novo endereço comercial e passei a me mostrar mais”, diz.

“Um profissional de vendas pode ser super persuasivo, mas não vai ser mais do que o grupo de amigos para quem perguntei. Entendo que o profissional tem de ter capacidade de persuasão, mas mais técnica, entender qual a grande dor do cliente e ser uma pessoa mais consultiva, ajudar a resolver o problema”, comenta Luis Lourenço.

Talento

Pesquisa aponta que 84% das empresas acreditam que boa capacidade de negociação e persuasão é a principal competência do profissional de vendas

EMPREENDIMENTOS

Startups já estão em pré-incubação

Programa do Parque Tecnológico “treina” novas empresas de jovens oriundos da Rede Estadual de Ensino

Renato Félix e
Márcia Dementshuk
Assessoria SEC&T

O termo “incubação” costuma ser usado em áreas como saúde e ciência. Incubar ovos – ou seja: chocar. Ou o bebê prematuro que vai para uma incubadora para ser cuidado, se recuperar e ganhar força antes de ir para casa. Ou o ato de incubar bactérias em laboratório para pesquisas ou o tempo em que o vírus fica incubado no organismo antes dos sintomas aparecem – ou seja: o cultivo ou desenvolvimento dessas culturas. Incubação também significa, de maneira geral, preparação. E o mundo corporativo abraçou o termo para falar de novas empresas em desenvolvimento para competir no mercado. É com esse espírito que o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PHTI) já começou seu programa de pré-incubação para empreendedores oriundos de editais da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (Seect) e apoiados pelo parque.

“No ambiente de um parque tecnológico você tem um conjunto de agendas estruturadas e planejadas para empresas inovadoras. E estamos falando de empresas em diferentes estágios”, explica Francilene Garcia, coordenadora do Parque Tecnológico. “Aqueles recebidas em estágio de ideação, precisa geralmente passar por um processo de incubação, onde recebe mentorias e apoios que são importantes para que deem um salto. Do ponto de vista do produto, que está em estágio inicial, e avança para a fase de protótipo. E do ponto de vista de gestão de negócios, com ênfase em captação de investimentos”.

O programa é de pré-incubação porque o PHTI ainda está em reforma e os encontros e workshops continuam sendo feitos de maneira virtual.

“O que a gente está fazendo não é bem uma incubação. Está trabalhando com um programa de aceleração

de oito, nove meses. Para levar o projeto a um estágio de incubação propriamente dito”, explica a coordenadora. “Para que, quando a gente tiver a sede física, essa incubação já receba os empreendimentos formalizados, com seu plano de negócio minimamente estruturado, com parcerias estratégicas, e mais próximos de uma captação de investimento”.

Neste primeiro ciclo, o programa conta com 14 equipes de empreendedores oriundos de editais como o Ouse Criar, Ideias Inovadoras e do Programa Celso Furtado – totalizando 56 participantes. O Ouse Criar e o Celso

On-line

O programa é de pré-incubação porque o PHTI ainda está em reforma e os encontros e workshops continuam sendo feitos de maneira virtual

Furtado, com editais executados pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), selecionam seus participantes principalmente entre alunos da Rede Estadual de Ensino. “A gente está dando a jovens egressos do Ensino Médio a perspectiva de serem empreendedores, dando melhores condições para que esses jovens possam de fato ter as condições a favor deles”, diz Francilene Garcia.

Ela ressalta ainda que muitos desses projetos foram criados em desafios envolvendo problemas do estado. “A gente vai encontrar questões ligadas ao Semiárido, à cadeia do turismo, à gameificação em algumas áreas... E que trarão certamente algum impacto”, avalia.

Workshops ajudam a preparar empresas

O programa de pré-incubação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação teve sua reunião de abertura no dia 12 de agosto e mais três workshops foram realizados, com os temas “Desenvolvendo o perfil empreendedor”, “Canvas do modelo de negócio” e “Design thinking e suas ferramentas”, sempre através de videoconferências.

Esses encontros continuarão sendo realizados até que a sede do parque, no antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, esteja pronta para receber fisicamente as empresas, já em um estágio mais preparado.

“Na incubação você trabalha com estágios de ma-

turidade do produto acima do que está hoje”, explica. “Uma parceria na área de prototipação, de mercado propriamente dito. Na incubação, eles já vão ter uma visão do quanto precisam investir para o produto chegar ao mercado... Agora, estamos em uma fase de qualificação desses potenciais empreendimentos”.

O Parque Tecnológico Horizontes de Inovação tem previsão de estar apto a receber essas empresas no primeiro semestre de 2023. Nesse período, com as orientações do programa de pré-incubação, elas já deverão estar formalizadas no mercado e prontas para dar um novo e ambicioso passo.

“

A gente vai encontrar questões ligadas ao Semiárido, à cadeia do turismo, à gameificação

Francilene Garcia



Foto: Divulgação/SEC&T

Equipe formada por estudantes da Escola Cidadã Integral Professor Crispim Coelho, da cidade de Cajazeiras



Foto: Renato Félix

A coordenadora Francilene Garcia ressalta que jovens egressos do Ensino Médio podem ser empreendedores

■

Entre os projetos pré-incubados, o Rota 83 visa fomentar a atividade turística no Centro Histórico de João Pessoa



Foto: Divulgação/SEC&T

Equipe da escola Tempo Não Para desenvolve plataforma para conectar condutores de turismo com os turistas

Projetos buscam soluções para problemas locais

Entre os projetos pré-incubados, o Rota 83 visa fomentar a atividade turística no Centro Histórico em João Pessoa e com isso alavancar oportunidades para pequenos comerciantes locais. Uma equipe de oito pessoas, sendo dois professores mentores e seis alunos, da escola Tempo Não Para – HUB Educação, desenvolve uma plataforma para conectar condutores de turismo com os turistas. Será um site, com aplicativo para celular, além de atrativos para crianças, como games interativos, e conteúdos sobre os pontos turísticos.

“Esperamos que a operação tenha impacto na localidade de João Pessoa, de forma a revitalizar a região do Centro, proporcionando aumento do fluxo de pessoas, resgatando a economia da região”, ressalta o mentor do projeto, professor Tomaz Diego.

Contudo, o professor chama a atenção para o objetivo

maior, que é “colocar em prática uma metodologia ativa, uma forma de ensinar, aprender, mais adaptada com a realidade, o futuro e com o que a gente acredita. Fazer com que essa juventude possa sair do Ensino Médio com oportunidades dentro do mercado de trabalho e financeiro.”

“Esperamos que o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação cumpra a função de agregar empresas, startups, um ecossistema de diferentes ideias e que isso possa criar um ambiente corporativo favorável ao desenvolvimento de vários negócios. E sonhamos que esses negócios possam ser realizados por estudantes que estejam saindo da educação básica”, frisa Tomaz Diego.

Outro projeto em pré-incubação é oriundo do Sertão paraibano: “Reaproveitamento das águas pluviais e cinzas no Se-

miárido paraibano”. A equipe é formada por estudantes da Escola Cidadã Integral Professor Crispim Coelho, da cidade de Cajazeiras. Nasceu por meio do programa Ouse Criar, voltado para incentivar o jovem empreendedor, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Segundo o professor mentor da equipe, Renato Ramalho, o projeto foi desenvolvido com o intuito de transformar o espaço escolar em um local de inovação de pequenas ideias e de pluralismo cultural, enfatizando que a sustentabilidade não é feita somente de forma individual ou de pequenos grupos segregados.

“A ideia é construir um sistema hídrico sustentável, utilizando bambus como tubulação, cera de abelha arapuá para vedação da tubulação, caixas de geladei-

ras velhas para reservatório de água que será captada da chuva e das águas sujas dentro da instituição, construímos também uma bomba de hidrogênio, que é a fonte de energia limpa, para destinar a água aos reservatórios e suas destinações.”

“O impacto social do projeto resultou no desenvolvimento de uma cultura de cuidado ambiental na escola, na comunidade e serviu de piloto para a sua ampliação na rede estadual de ensino. É um trabalho pensado e executado pelos próprios estudantes no intuito de amenizar o problema da escassez d’água no Semiárido paraibano”, salienta o professor Renato Ramalho.

A equipe espera que o período de pré-incubação no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação conduza essa ideia para a formação de uma startup que ofereça um produto e um curso de qualificação aos clientes.

Ilustração: Domingos Sávio



Pesca do pintado será proibida a partir de dezembro

Peixe entrou na lista das espécies brasileiras ameaçadas de extinção

Andreia Verdélio
Agência Brasil

A pesca do pintado será proibida em todo o país a partir de 5 de dezembro deste ano. A espécie *Pseudoplatystoma corruscans* foi incluída pelo Ministério do Meio Ambiente na Lista Oficial das Espécies Brasileiras Ameaçadas de Extinção, na categoria Vulnerável. O documento atualizado foi publicado em 8 de junho deste ano, mas novos prazos de proibições de captura foram definidos pela pasta.

De acordo com a analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Carla Polaz, o pintado foi incluído na lista de espécies ameaçadas porque suas populações foram reduzidas em até 30% no país, em algumas bacias mais, como a do Rio São Francisco e do alto Rio Paraná, e em outras bacias menos, como na do Pantanal.

“Por ser um peixe migrador, são os barramentos (as barragens) que interrompem as suas rotas migratórias, sendo a principal causa de redução”, disse. A proliferação de híbridos e a sobrepesca em algumas localidades também prejudicaram a espécie, segundo a analista.

O surubim ou pintado é um peixe de couro de grande porte que pode medir até 1,5 metro e pesar até 50 quilos. Ele é encontrado na bacia do Rio São Francisco e na bacia do Rio da Prata, que engloba vários países (Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e parte da Bolívia). Ele é um peixe de importância pesqueira, principalmente no Pantanal, e muito apreciado na pesca esportiva.

Para outras espécies conhecidas como pintados e surubins (*Pseudoplatystoma punctifer* e *Pseudoplatystoma tigrinum*) não houve proibição de pesca, devendo ser respeitadas apenas as legislações vigentes quanto ao defeso e ao tamanho mínimo de captura.

Mais de 200 espécies estão em perigo

De acordo com Carla Polaz, 219 espécies entraram como ameaçadas na última atualização da lista de animais em perigo de extinção. “Isso é bastante preocupante porque revela que os impactos, principalmente antrópicos [pela ação humana], que tornam as espécies ameaçadas, não diminuíram”, disse.

Por outro lado, 220 espécies tiveram melhora, indo para categorias de menor risco do que estavam em 2014, incluindo 144 que saíram da lista.

O ICMBio elabora estratégias de conservação para combater as principais ameaças de extinção, conhecidos como planos de ação nacional. Hoje, há 50 planos de ação para toda a fauna brasileira. O ICMBio é responsável pela avaliação do risco de extinção da fauna, enquanto o Jardim Botânico do Rio de Janeiro é o responsável pela avaliação da flora.

Das espécies de fauna, 1.249 foram consideradas ameaçadas: 465 estão na categoria Vulnerável; 425 na categoria Em Perigo, 358 estão Criticamente em Perigo e uma está extinta na natureza. Elas são 257 espécies de aves, 59 espécies de anfíbios, 71 espécies de répteis, 102 espécies de mamíferos, 97 de peixes marinhos, 291 de peixes continentais, 97 de invertebrados aquáticos e 275 invertebrados terrestres.

Segundo o ICMBio, o Brasil possui aproximadamente 20% das espécies existentes no mundo, o que faz da Lista Oficial brasileira um dos maiores esforços em avaliação da biodiversidade empreendidos em nível global.

As espécies constantes da lista ficam protegidas de modo integral, incluindo, entre outras medidas, a proibição de captura, transporte, armazenamento, guarda, manejo, beneficiamento e comercialização. Para a lista da fauna e da flora, as proibições entraram em vigor na quarta-feira, 6, e para as espécies de peixes e invertebrados aquáticos, elas começam a valer em 5 de dezembro.

Foto: Gabriel Paitax/Arquivo pessoal



Peixe surpreende pescadores ao ser ftsgado. Animal foi solto, no rio Miranda (MS)

Saiba Mais

Nome Popular
Pintado/Speckled Catfish
Nome Científico
Pseudoplatystoma corruscans
Família
Pimelodidae



Ilustração: Pixabay

Descrição
Peixe de couro; corpo alongado e roliço; cabeça grande e achatada. A coloração é cinza escuro no dorso, clareando em direção ao ventre, e esbranquiçada abaixo da linha lateral. Pode ser separada das outras espécies do gênero pelo padrão de manchas: pequenas, pretas e arredondadas ou ovaladas, espalhadas ao longo do corpo, acima e abaixo da linha lateral. Espécie de grande porte, pode alcançar mais de 1m de comprimento total.

Ecologia
Espécie piscívora. Ocorre em vários tipos de habitats como lagos, praias e canal dos rios. Realiza migrações de desova. É importante na pesca comercial e esportiva.

Fonte: mundopesca.wordpress.com

Fotos: Kairelphoto/Divulgação



Léo Barbosa segue determinado a brilhar no automobilismo em busca de seu maior sonho na categoria mais badalada

PILOTO DA PARAÍBA

LÉO BARBOSA

“Fórmula-1 ainda é a minha meta”

Pandemia da Covid-19 atrapalhou os planos do piloto, que aos poucos vai retomando os treinos e sonhando alto

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

“A busca pela expectativa de um dia representar o Brasil numa prova de Fórmula 1 deixou de ser um sonho e passou a ser uma meta”. A afirmação é de Léo Barbosa, paraibano de 21 anos, piloto das categorias inferiores à Fórmula 1. Desde os seus 15 anos, ele vem construindo uma trajetória vitoriosa no automobilismo e se consolidando como um dos grandes nomes da categoria no país.

Léo começou cedo a sua paixão pelas quatro rodas, aos 15 anos, em 2015, já se arriscava nos volantes de kart nos autódromos de João Pessoa, mas foi numa viagem de férias à cidade de Gramado-RS que o ca-

samento Léo e automobilismo começou, de fato, a ter início. Lá ele se encantou com uma pista de kartódromo, no entanto, uma situação inesperada marcava o início de sua trajetória como piloto.

No kartódromo, um grupo de jovens pilotos o menosprezou de forma preconceituosa, chegando a utilizar a “Paraíba” como termo pejorativo, ao mesmo tempo em que diziam que ele não conhecia o kart e que não seria um piloto de ponta. Situação que segundo o próprio Léo, o impulsionou a desafiá-los para uma prova de testes no kart.

“Hoje posso confidenciar que a motivação para que eu pudesse escolher o automobilismo para a minha vida foi movida pelo fato de ter sido vítima de preconceito, por ter escutado absurdos de jovens pilotos que se colocaram como superiores, meramente pelo fato de serem de outras regiões do país. No fim das contas, venci o desafio e a partir daquele momento decidi seguir com os planos na trajetória do automobilismo”, revelou.

No retorno à Paraíba, Léo se dedicou aos treinos e durante três dias migrava para Recife-PE, onde realizava as sessões de treinamentos na categoria junior. Em 2016 começou a mostrar seu talento, logo na disputa da primeira competição oficial. Ele conseguiu resultados incríveis, que garantiram os títulos de campeão no kart paraibano, pernambucano e alagoano. O sucesso meteórico chamou a atenção de equipes que disputavam o Campeonato Brasileiro de Fórmula 3, ao ponto de receber o convite para fazer testes numa equipe, em São Paulo-SP.

“Passado um ano no kart profissional, aconteceu uma situação inusitada. Meu pai recebeu uma ligação do tio de Rubens Barrichello me fazendo um convite para fazer testes numa equipe que disputava a Fórmula 3 e simplesmente meu pai desligou o telefone pensando que se tratava de um trote (risos). Posteriormente recebemos novamente o contato que se tratava de uma veracidade e prontamente aceitei o convite. Então, consegui passar nos testes da equipe Propcar Racing, de São Paulo, e fui selecionado para disputar a Fórmula 3, em 2017.

A disputa da Fórmula 3 foi desafiadora. Com a mudança de categoria, Léo passou a enfrentar dificuldades para se adaptar até conquistar os primeiros pódios. Mas logo na sua primeira competição nacional, conseguiu subir ao pódio em nove corridas de quatorze disputadas, terminando a temporada com o vice-campeonato. Sem a disputa da Fórmula 3 no Brasil, em 2018, migrou para o Chile, onde participou do Campeonato Sul-Americano 2019, defendendo uma equipe chilena, e na primeira experiência internacional acabou a prova na terceira posição. Paralelo a isso, conquistou o Campeonato Paulista de Fórmula 3 no mesmo ano. A última competição que disputei foi o Campeonato Paulista da Fórmula 3 em 2020 em plena pandemia, no fim, fiquei com o vice-campeonato. E por falar em pandemia... Foi a partir da crise enfrentada nesse período, com o avanço da Covid 19 que Léo teve de interromper a rotina de treinos e, principalmente, os planos de bus-

car as oportunidades nas disputas de competições europeias, com a perspectiva de novamente impulsionar a sua carreira.

“A crise enfrentada no período da Covid -19 frustrou os nossos projetos. Embora continue me preparando no kart, enfrente dificuldades no sentido de contar com patrocínios, um treino custa em torno de R\$ 15 mil. Estou viabilizando a retomada nas competições a partir das parcerias com novos patrocinadores, no entanto não sei bem se as disputas serão pelo kart ou na Fórmula 3”, comentou.

Iniciada e retomada de treinos e o enfrentamento de desafios dentro e fora das pistas, o piloto paraibano traça novos projetos para ir além, atravessar o oceano e buscar, em solo europeu, a oportunidade abraçar a chance de pilotar na principal categoria do automobilismo mundial, a Fórmula 1.

“Tenho recebido convites de equipes na Europa, mas demanda um custo de vida que preciso ava-

liar com cuidado. Temos que estar sempre focados nas categorias principais, a partir da Fórmula 3 e, claro, em campeonatos internacionais”, pontuou.

Apesar de ter a influência do pai para optar pelo vôlei, Léo escolheu o automobilismo, mas sem deixar de receber o apoio familiar, pois é nela que ele recebe apoio e impulso para seguir buscando novos horizontes, conquistas e desafios na carreira. De acordo com o próprio piloto, ter o apoio familiar é ter o combustível para “acelerar” as conquistas.

“A busca pela expectativa de um dia representar o Brasil numa prova de Fórmula 1 deixou de ser sonho e passou a ser uma meta. O automobilismo é minha vida, toda prova que participo, me dedico como se fosse a última. Minha família adotou a ideia de que podemos ir além e superar os próprios limites na trajetória do automobilismo, através da disciplina e perseverança”, finalizou.

Conquistas

- Campeão Fórmula Fest Brasil F3
- 3º - Sul-americano F3
- 2º - na seletiva F3 Brasil, ANEF
- Vice-campeão brasileiro F3 academy
- 3 vezes campeão do Kart Jr



Hoje posso confidenciar que a motivação para que eu pudesse escolher o automobilismo para a minha vida foi movida pelo fato de ter sido vítima de preconceito

Léo Barbosa

REGINALDO SOUSA

Auto Esporte se fortalecerá em 2023

Clube aposta no trabalho e na experiência do técnico, que tem uma carreira vitoriosa no futebol paraibano

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Diz um ditado que o que é bom se repete. A diretoria do Auto Esporte levou à risca a mensagem e manteve o técnico Reginaldo Sousa como técnico da equipe para a temporada 2023. Ele chegou ao clube no Paraibano deste ano, quando o clube corria risco de rebaixamento, e conseguiu manter o clube na primeira divisão. Um dos grandes resultados do Clube do Povo foi um empate contra o favorito Botafogo, quando por muito pouco, o Alvirrubro não conseguiu a vitória. Após o campeonato, o técnico permaneceu no clube como coordenador de base e espera garimpar grandes talentos para o time profissional no próximo ano.

“Eu fiquei muito contente com a decisão da diretoria. É sempre um grande prazer trabalhar no Auto Esporte. Se Deus quiser, não vamos

“
Este é um trabalho que faço com garotos carentes na faixa etária dos cinco aos 20 anos. É uma forma de revelar atletas e tirar os jovens da ociosidade das ruas
Reginaldo Sousa



Reginaldo Sousa dirigiu o Auto Esporte, este ano, no Campeonato Paraibano e conseguiu manter a equipe na primeira divisão com uma campanha bastante regular

mais brigar contra o rebaixamento no próximo ano. Será um time com os pés no chão. Estamos sempre fazendo um ou dois amistosos por mês, para garimpar grandes talentos. Foi assim que descobrimos em 1987 o Maia, um grande atleta, que acabou jogando até na Espanha. Antes, os times paraibanos tinham 60 por cento de jogadores formados aqui mesmo em João Pessoa e um Botauto levava 37 mil pessoas ao Almeidão. Não acredito que a garotada desaprendeu a jogar aqui na capital. Estamos fazendo um laboratório e vamos fazer um time bom e barato”, afirmou o treinador.

A aposta do Auto Esporte em Reginaldo Sousa se baseia não só no bom trabalho que fez no clube este ano, mas também no seu currículo vitorioso, por onde passou. Ele já foi campeão paraibano pelo Sousa, em 2009 e vice-cam-

■
Reginaldo se divide entre muitas atividades, e no momento, faz um trabalho social no município de Caaporã

peão pelo Atlético duas vezes, em 2001 e 2017. Reginaldo também conquistou títulos em Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte. Ele foi campeão alagoano invicto da segunda divisão pelo Penedense, em 2000 e também conquistou o título pernambucano, pelo Chã Grande, em 2015. No Rio Grande do Norte, foi campeão invicto também da segunda divisão pelo Açú, além de outras boas colocações em outras competições com clubes da região.

Trabalho social
Reginaldo Sousa se divide entre muitas atividades, e no momento, também faz um trabalho social no muni-

cípio de Caaporã. Ele trabalha no Caaporã Clube Academy. “Este é um trabalho que faço com garotos carentes na faixa etária dos cinco aos 20 anos. É uma forma de revelar atletas e tirar os jovens da ociosidade das ruas. Alguns poderão até realizar o sonho de ser um jogador de futebol profissional”, afirmou.

Futebol de travinha
O polivalente treinador do Auto Esporte é chegado a desafios e recentemente resolveu apostar em outra modalidade esportiva, o futebol de travinha, que nasceu aqui em João Pessoa e hoje já tem 16 federações estaduais no

País. Até em outros países, a modalidade já começou a ser praticada com grande sucesso.

“Eu recebi um convite da Federação Paraibana de Travinha para assumir a presidência da federação do nosso Estado. O convite foi feito pelo ex-presidente André Greco, que se mudou para Portugal. Nosso objetivo é tornar o esporte olímpico, como aconteceu com o vôlei de praia e outras modalidades. Nós já estamos montando um calendário para 2023 e teremos agora um curso para árbitros. Vamos fazer este esporte crescer muito e gosto de desafios”, acrescentou Reginaldo Sousa.

FUTEBOL DE CEGOS

Atletas da Paraíba vão treinar no Centro Paralímpico em SP

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Cinco atletas da Paraíba estão entre os 14 convocados para o campo de treinamento de futebol de cegos, que acontece entre os dias 24 de setembro e 1º de outubro, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. Será o quarto encontro realizado pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) este ano.

Paulo Gabriel, da Associação Paraibana de Cegos (Apac) e os atletas do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste (IEACN), Carlos Henrique, João Pedro e Ryan Pablo e Renner Pietro terão a oportunidade de treinar a parte coletiva e a individual de motricidade. Faz parte do treinamento também o trabalho de

consciência corporal onde cada atleta é corrigido individualmente.

Os atletas da IEACN, que integram a Seleção Brasileira de Futebol de Cegos na categoria de 10 a 15 anos, estão tendo a terceira oportunidade de participar do treinamento. Josinaldo Costa, auxiliar técnico da seleção brasileira há 11 anos, conta que é

nítida a evolução dos jogadores, que estão no esporte há cerca de um ano. “Estão em fase inicial mas já é possível perceber que eles têm futuro. Por isso o trabalho de fomento é muito importante e é tão incentivado pela CBDV e pelo comitê paralímpico”.

Sobre o esporte
O futebol de cegos é exclusivo para cegos ou deficientes visuais. As partidas são disputadas em quadra de futsal adaptada ou em campos de grama sintética. O goleiro tem visão total e não pode ter participado de competições oficiais da Fifa nos últimos cinco anos. Cada time é formado por cinco jogadores, sendo um goleiro e quatro na linha sendo o jogo dividido em dois tempos de 15 minutos, com 10 minutos de intervalo.

Base
Atletas de 10 a 15 anos estão tendo uma grande oportunidade de participar do treinamento



Os paraibanos Pedro, Ryan e Renner, do IEACN, com o técnico Josinaldo Costa, da seleção brasileira

FUTEBOL

Divergências atrapalham liga única

LFF e Libra ainda não chegaram a um consenso, e os entraves ficam por conta da divisão dos recursos

Ricardo Magatti
Agência Estado

Todos os representantes da Liga Forte Futebol do Brasil (LFF) se reuniram na última terça-feira, 6, em um hotel em São Paulo com o objetivo de apresentar suas propostas, com números e projeções detalhadas, para a criação de uma liga única independente da CBF, com a participação 40 clubes das Séries A e B do futebol brasileiro. Todos os 25 clubes que compõem a LFF foram representados no evento. A comissão, formada por Mario Bittencourt, Mario Celso Petraglia, Sergio Coelho, Marcelo Paz, Alessandro Barcelos, e Marcos Salum, presidentes de Fluminense, Athletico-PR, Atlético-MG, Fortaleza, Inter e América Mineiro ficou responsável por expor as propostas e os números.

No encontro, também foi anunciada a parceria do Futebol Forte com a XP Investimento, que passa a ser interlocutora exclusiva do grupo para buscar investidores no mercado em nome dos 25 clubes do bloco, que também é assessorada por Alvarez & Marsal e LiveMode.

As discussões entre a LFF e a Liga do Futebol Brasileiro (Libra) para consolidar a liga têm acontecido há meses em busca de um consenso. O principal ponto de divergência é a partilha dos recursos, sobretudo a divisão de receitas provenientes dos direitos de transmissão do Brasileirão.

Dessa maneira, os membros da LFF decidiram apresentar suas propostas e explicaram os critérios de distribuição, com ênfase na partilha das receitas vindas dos direitos de TV. Eles dizem que o propósito principal é maximizar o Campeonato Brasileiro. O entendimento é de que o produto é mal explorado pela CBF, pouco conhecido no exterior e que existe um notável desequilíbrio de receitas.

“Esse desequilíbrio afugenta os investidores. O futebol brasileiro não é conhecido no mundo inteiro. Os países não conhecem nossas marcas. Eles conhecem a seleção brasileira. A ideia é fazer todo o bolo crescer com a melhor divisão de receitas”, argumentou o presidente do Fortaleza, Marcelo Paz.

A divisão do dinheiro proposta pela LFF tem 45% divididos de forma igualitária, 30% sobre performance e 25% por apelo comercial. Eles entendem que a diferença máxima de receita entre o primeiro e último clube não deva ultrapassar 3,5 vezes. A organização se apoia no modelo de receita adotado pelas principais ligas do mundo, como a Premier League a La Liga.

“Precisamos olhar para frente e decidir se vamos ser uma das três maiores ligas do mundo, seguindo os modelos que geraram sucesso no mundo todo, ou se vamos ficar discutindo como manter o futebol brasileiro como mero exportador de talentos, tentando manter os privilégios gerados pelo mo-



O Atlético Mineiro é defensor do modelo de proposta da Liga Forte Futebol do Brasil (LFF), que incuiu mais 25 clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro



O Palmeiras, ao lado do Flamengo, não concorda com o modelo apresentado. Estes clubes são os que mais ganham dinheiro com o direito das transmissões

delo atual”, afirmou o presidente do Fluminense, Mario Bittencourt.

Ele é uma das lideranças do movimento, cujo decano é Mario Celso Petraglia. O mandatário do Athletico-PR reforçou que o que se busca é “uma igualdade maior entre os clubes para que a gente possa vender melhor o produto”.

“A nossa intenção é crescer as receitas. Se não tivermos esse limitador decrescente, as distâncias ficarão cada vez maiores. Está provado que performance em campo é diretamente proporcional ao fluxo de caixa. Queremos igualdade, não diferenças absurdas”, pontuou

Petraglia. O Athletico-PR é o único clube da Série A que não tem acordo com o Grupo Globo pelos direitos de transmissão na TV fechada.

“O Athletico-PR não vendeu os direitos para a Globo porque o Flamengo deve faturar R\$160 milhões no Pay-per-view e a nos caberiam R\$ 2 milhões”, justificou, fazendo a comparação entre os valores. “Quem tem mais ganha mais. Mas olhando pros dados históricos, essas diferenças nunca serão como no PPV. Isso gera estímulo positivo para que os times aumentem a atratividade, melhora audiência e melhora o produto. Ai a gente sai desse ciclo vicioso. A distribuição meritocrática

vai ser melhor pra todo mundo”, defende Edgard Diniz, sócio da LiveMode, empresa que auxilia os clubes da LFF.

Também houve nesta terça outro encontro, com representantes técnicos que auxiliam a LFF e a Liga do Futebol Brasileiro (Libra) em mais uma tentativa de avançar na discussão sobre os cálculos para resolver o principal impeditivo do acordo: chegar em um modelo que não permita que o primeiro da fila receba mais de 3,5 vezes do que ganha o último.

Conversas lentas

O Estadão apurou que as conversas para a construção

da liga única têm avançado lentamente. Embora alguns clubes que pertencem à Libra concordem com o modelo apresentado pela LFF, Flamengo e Palmeiras, principalmente, não estão de acordo. Os dois, além de Corinthians e São Paulo, são os que mais ganham com direitos televisivos. A diferença máxima de 3,5 vezes entre o primeiro e o último time proposta pelos 25 clubes da LFF não agrada principalmente o Flamengo, um dos poucos que têm direito ao mínimo garantido do contrato atual de pay-per-view.

O Forte Futebol considera que nenhum clube deve receber menos do que a receita de

2022 e sustenta que o bolo total traga uma divisão na proporção 80/20 com as equipes que disputam a Série B.

A LFF é composta por América-MG, Athletico-PR, Atlético-GO, Atlético-MG, Avaí, Brusque, Chapecoense, Coritiba, Ceará, Criciúma, CRB, CSA, Cuiabá, Fluminense, Fortaleza, Goiás, Internacional, Juventude, Londrina, Náutico, Operário, Sampaio Corrêa, Sport, Vila Nova e Tombense.

A Libra é formada por Botafogo, Cruzeiro, Corinthians, Flamengo, Grêmio, Guarani, Ituano, Novorizontino, Palmeiras, Ponte Preta, Red Bull Bragantino, Santos, São Paulo e Vasco.

Foto: Pedro de Souza/Atlético-MG

Foto: Cesar Greco/Palmeiras

BRASILEIRÃO

Goiás é o novo desafio do Flamengo

Time carioca joga fora de seus domínios, pressionado por vitória para não se distanciar mais do líder, Palmeiras

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Flamengo entra em campo hoje, pelo Brasileiro, com dois objetivos: se recuperar do tropeço contra o Ceará, na última rodada, quando empatou em 1 a 1 no Maracanã, e ao mesmo tempo tentar uma vitória para se aproximar mais do Palmeiras, líder da competição. O Flamengo enfrenta o Goiás, nono colocado, com 35 pontos, e que vem de uma vitória surpreendente sobre o Santos, por 2 a 1, na Vila Belmiro. A partida está programada para as 19h, no Estádio Hailé Pinheiro, em Serrinha-GO.

No Flamengo, as comemorações pela classificação para a final da Copa Libertadores, no meio de semana, com uma vitória por 2 a 1 sobre o Vélez Sarsfield, já ficaram para trás. O clube agora está focado no Brasileiro lutando ainda pelo título, apesar da enorme distância para o líder Palmeiras. Segundo o técnico Dorival Júnior, o clube vai lutar enquanto houver chance.

No próximo meio de semana, o rubro-negro terá outra partida decisiva contra o São Paulo, valendo uma vaga para a final da Copa do Brasil. Por este motivo, é possível que o treinador não escale a sua força máxima, e sim o time B, que vem jogando a competição nacional, mesmo não tendo tido uma boa atuação contra o Ceará. A ideia inicial é que os atletas considerados titulares só entrem em campo, em caso de necessidade, para mudar o placar da partida.

Sendo assim, o Flamengo deverá entrar em campo com Santos, Matheuzinho, Pablo, Fabrício Bruno e Airton Lucas; Pulgar, Vidal e Victor Hugo;

Marinho, Mateuzão e Everton Cebolinha.

Se depender do Goiás, o Flamengo não terá uma vida fácil neste domingo. O clube está invicto há quatro jogos no Brasileiro e vem subindo na tabela de classificação. Na última rodada, a equipe mostrou contra o Santos, em plena Vila Belmiro, que não está entre os 10 melhores times do campeonato por acaso.

Para o jogo contra o Flamengo, o técnico Jair Ventura disse que a motivação dos jogadores é muito grande e todos acreditam que será possível enfrentar um dos melhores elencos do país de igual para igual. “Vamos buscar uma vitória”, afirmou o treinador mostrando muito otimismo.

Botafogo x América-MG

Os jogos deste domingo começam bem cedo, logo às 11h, com Botafogo x América-MG, no Estádio Nilton Santos, no Rio de Janeiro. O Botafogo, depois de uma sequência de resultados ruins, conseguiu uma grande vitória sobre o Fortaleza, por 3 a 1, no Ceará. O clube hoje está na 13ª posição, com 30 pontos. Já o América vem fazendo uma excelente campanha. O clube mineiro é hoje o oitavo colocado, com 35 pontos, e vem de uma vitória por 2 a 0 sobre o Coritiba.

Avaí x Athletico-PR

No mesmo horário, na Resaca, em Florianópolis, o Avaí, que está na zona de rebaixamento, em 18º lugar, vai enfrentar o embalado Athletico Paranaense, que acaba de se classificar para a final da Libertadores, eliminando o poderoso Palmeiras. O rubro-negro do Paraná venceu o Fluminense na última ro-

dada do Brasileiro, por 1 a 0, e está na sexta colocação, com 42 pontos.

São Paulo x Corinthians

A partir das 16h, no Morumbi, em São Paulo, será disputado o clássico paulista entre o São Paulo e o Corinthians. Ambos os times empataram

na rodada passada. O tricolor com o Cuiabá, em 1 a 1, e o Timão com o Internacional, em 2 a 2. O São Paulo vem mal na competição. O clube ocupa um modesto 14º lugar com 30 pontos, enquanto o rival tem uma das melhores campanhas da competição, com 43 pontos, na terceira colocação.

Coritiba x Atlético-GO

No mesmo horário, no Couto Pereira, em Curitiba, Coritiba e Atlético Goianiense fazem um jogo de times que estão na zona de rebaixamento. O Coxa está na 17ª posição, com 25 pontos. O time vem de uma derrota por 2 a 0 para o América-MG. Já o Atlético está na 19ª

colocação, com apenas 22 pontos. O clube vem de uma eliminação da Sul-Americana para o São Paulo, no meio de semana, e agora vai se concentrar em melhorar a sua posição no Campeonato Brasileiro e evitar o rebaixamento. Na última rodada, o time goiano perdeu por 2 a 0 para o Atlético-MG.



Jogadores do Goiás comemoram gol na vitória de 2 a 1 sobre o Santos, na Vila Belmiro, o que comprova a boa fase do time goiano

Foto: Assessoria Goiás E.C.

GRÊMIO X VASCO

Reencontro de Renato e Jorginho na 29ª rodada da Série B

O reencontro dos técnicos Renato Gaúcho, do Grêmio, e Jorginho, do Vasco, se torna a grande atração do jogo deste domingo a partir das 16h, na Arena do Grêmio, válido pela 29ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B. As duas equipes estão no G4 e com amplas possibilidades de retornarem à elite do futebol nacional. O confronto, inclusive, é uma disputa direta pela terceira posição, ocupada pelo time gaúcho com 47 pontos contra 45 dos cariocas. As probabilidades de acesso das equipes são altas com 95,2% para o Grêmio e 64% para o Vasco.

Os dois técnicos são velhos conhecidos e foram campeões pelo Flamengo em 1987 e estiveram juntos no grupo que disputou a Copa do Mundo de 1990, na Itália.

Contemporâneos como jogadores, Renato e Jorginho iniciaram suas respectivas carreiras como treinador no início dos anos 2000. E parte da trajetória deles como técnicos passa por São Januário.

Curiosamente, Renato Gaúcho é o treinador que mais comandou o Vasco no século XXI. Foram 133 jogos. O segundo é justamente Jorginho, com 97

partidas. O novo treinador da equipe carioca, que tem contrato até o fim da Série B (10 partidas), disse que quer tentar quebrar a marca do amigo e adversário de domingo.

Além de serem os dois treinadores que mais comandaram o Vasco neste século, Renato e Jorginho conseguiram algo raro em São Januário. Iniciar e terminar uma temporada como treinador do time carioca.

Renato atingiu o feito em 2006. Em sua primeira passagem pelo clube, comandou o Vasco entre 2006 e 2007. Jorginho, por sua vez, ficou toda temporada de 2016 à frente do time carioca.

Além deles, no século XXI, apenas Dorival Junior, em 2009, conseguiu iniciar e terminar uma temporada à frente do Vasco.

Como adversários, à beira do campo, Renato e Jorginho se enfrentaram oito vezes. O técnico do Grêmio tem um retrospecto favorável.

De acordo com levantamentos dos sites “o gol” e “Zero Hora”, Renato Gaúcho venceu quatro vezes, todos sob o comando do Grêmio. Também houve dois empates e duas vitórias de Jorginho.



Renato Gaúcho e Jorginho são as duas atrações do jogo, que vale a disputa pela terceira posição do Brasileiro da Série B

Foto: Rafael Ribeiro/Vasco

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

A cidade de Cajazeiras, Alto Sertão do Estado, foi palco de um dos maiores atentados já registrados na história da Paraíba. Já passava das 21 h, do dia 2 de julho de 1975, quando uma bomba de fabricação caseira explodiu dentro do Cine Teatro Apolo 11. O barulho estrondoso do artefato acordou a população local, que tinha o hábito de dormir cedo. Saldo do delito: duas pessoas mortas e mais duas gravemente feridas e sequeladas.

O crime causou grande repercussão e passou a ser investigado pelas Forças Armadas e pela Polícia Federal. Os resultados dos inquéritos nunca foram revelados, os motivos dos sigilos, decretados pelas autoridades policiais em torno do episódio, também não. Do ocorrido, o surpreendente e forte indício de que o atentado teve como alvo o bispo da Diocese, Dom Zacarias Rolim de Moura. As motivações para tirar a vida do religioso, detentor de harmonia convivência com a sociedade e líderes políticos locais, também nunca foram esclarecidas.

Aos que se debruçaram a investigar e pesquisar por iniciativa própria o delito, a asseveração, não mais o prenúncio, de que Dom Zacarias, era de fato a pessoa a ser vitimada, e o escopo não foi alcançado por uma série de circunstâncias e coincidências que os mais religiosos creditam a um milagre. Um artefato artesanal, colocado em uma pasta tipo 007, explodiu logo após às 21h, causando destruição no Cine Teatro, pertencente à Diocese de Cajazeiras. Com a explosão morreram, dias depois de serem socorridos para hospitais de João Pessoa, o soldado Altino Soares, conhecido por Didi, e Manuel Conrado. Outras duas pessoas ficaram gravemente feridas: Geraldo Conrado e Geraldo Galvão.

O bispo era um aficcionado por cinema, frequentador assíduo do local, e sentava-se sempre em uma cadeira, já costumeiramente reservada a ele. A bomba foi colocada exatamente ao lado do seu acento. “Por uma série de coincidências, as perdas humanas e materiais não foram mais graves. Explicando melhor: nesse dia, a projeção da

Foto: Arquivo pessoal



Pesquisas do escritor Francisco Cartaxo sobre o caso resultaram nas informações publicadas em seu livro

película foi suspensa cerca 15 minutos antes de terminar porque era velha e se partiu várias vezes. Isso fez com que os responsáveis encerrassem a sessão. Portanto, a plateia já se retirara. Na hora da explosão poucas pessoas ainda estavam no interior do cinema. Além disso, nessa data, Dom Zacarias não foi ao cinema, ele havia viajado ao Recife”, detalhou o escritor, sócio efetivo da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Francisco Sales Cartaxo Rolim. A sua ida à capital pernambucana ocorreu justamente com o intuito de procurar distribuidoras e alugar filmes para os cinemas da Diocese, e o Cine Teatro, que ele fundou.

A bomba foi encontrada após o encerramento da sessão pelo soldado Didi, que junto com outros auxiliares, faziam a arrumação da sala. Em uma das cadeiras, ele se deparou com a pasta e dentro dela, um objeto retangular, que ele acreditava ser um gravador. Ao pegar, foi surpreendido por um grito de Manuel Conrado, alertando que ele estava com uma bomba nas mãos. Assustado, o soldado deixou o objeto cair. Isso foi suficiente para que o artefato explodisse, ferindo a ele e outras três pessoas.

“Nunca me dei por satisfeito com a falta de resposta que ficou por ser dada a esse atentado

Francisco Cartaxo Rolim

O atentado que abalou o Sertão paraibano

Na noite de 2 de julho de 1975, em Cajazeiras, uma bomba explodiu no Cine Teatro Apolo 11, ferindo quatro pessoas e assustando a população, em um atentado que teria como alvo o bispo Dom Zacarias Rolim de Moura



Foto: Arquivo/Diocese de Cajazeiras

Suposto alvo do atentado, Dom Zacarias Rolim era conhecido pela harmonia que mantinha com todos



Fotos: Arquivo A União

Crime foi notícia em vários jornais na época, incluindo A União

Escritor detalha episódio em livro que traz reconstituição do atentado

Francisco Cartaxo é, até hoje, uma das pessoas mais dedicadas a ter pesquisado sobre o misterioso delito da cidade sertaneja. Sua dedicação a tentar esclarecer o fato, ou buscar um indício do que levou alguém a ameaçar a vida do religioso, rendeu o capítulo de um livro. Na obra “Do bico de pena à urna eletrônica”, escrito em 2006, no capítulo oito, “Atentado contra Dom Zacarias Rolim de Moura”, ele narra fatos do ocorrido, dedicando-se a uma reconstituição do episódio.

“Nunca me dei por satisfeito com a falta de resposta que ficou por ser dada a esse atentado, a negligência a se esclarecer todas as circunstâncias. Foi um fato gravíssimo, um atentado contra um bispo, e que resultou na morte de duas pessoas,

e outras duas feridas. Questiono até mesmo o silêncio da imprensa paraibana”, analisou. A madrugada do crime e os dias subsequentes ao atentado em Cajazeiras, que na época tinha cerca de 40 mil habitantes, foram de absoluta perplexidade, suspense, e medo que algo semelhante voltasse a acontecer. A população se perguntava quem poderia ter planejado e executado. À época o país estava sob o regime da ditadura militar, o que impedia que debates ou discussões abertas fossem travados com o intuito de desvendar ou a um viés que levasse a uma linha de investigação. “O Brasil estava sob rigorosa censura aos meios de comunicação. A especulação se fazia à boca pequena, mesmo assim, com reservas. O episódio foi ab-

solutamente inusitado para Cajazeiras e para o Brasil”, disse. Descartar-se que o atentado contra a vida de Dom Zacarias, aos 60 anos de idade, tenha tido relação com a política da cidade, confrontos passados ou disputas internas de líderes que dominavam a região. “O crime não tem nenhuma raiz em debates políticos ou intrigas locais. O acirramento, por ventura, existente na política local, naquela época, era decorrência da presença na cena política do deputado estadual João Bosco Braga Barreto, do então MDB”, citou o escritor, revelando que o parlamentar chegou a ser apontado como suspeito. Todavia, essa suposição logo foi desfeita, levando em consideração a boa relação que ele tinha com Dom Zacarias.

Inquérito foi mantido em sigilo por anos

Passados 47 anos do episódio, nunca se descobriu os autores, motivação para atentar contra a vida de Dom Zacarias. Em 2018, o escritor Francisco Cartaxo teve acesso a peças do inquérito policial, instaurado logo após o atentado pela Polícia Federal e Forças Armadas. Os poucos documentos ainda existentes repassados ao cajazeirense, foram fornecidos pela Comissão da Verdade, instituída na Paraíba. Porém, as informações e dados guardados, até então, pouco acrescentaram. “Pouco se sabe dos resultados. Fragmentos do inquérito só vieram ao conhecimento público, após a instalação da Comissão da Verdade, criada na gestão da presidente Dilma Rousseff (2011-2016)”, lembrou.

Falecimento

O bispo Dom Zacarias morreu 17 anos depois da explosão da bomba. Informações que correm entre os moradores que vivenciaram o episódio na época, garantem que o religioso foi o único a saber da autoria do atentado contra sua vida. Entretanto, foi impedido de revelar por ter conhecido a verdade em segredo da confissão. O sigilo nesses casos é princípio fundamental para a Igreja Católica. “E Dom Zacarias sempre foi um obediente fiel e rigoroso até mesmo às normas emanadas da hierarquia, embora, às vezes, não concordasse integralmente. É isso que se deduz também da leitura da biografia Dom Zacarias Rolim de Moura, escrita pelo seu sobrinho, Helder Ferreira de Moura, sócio fundador da Academia Cajazeirense de Artes e Letras. Helder Moura conviveu com o tio bispo na intimidade da família. Pois bem, nem mesmo ele, autor da única biografia, lançada do bispo, que dirigiu a diocese de Cajazeiras durante 37 anos, arrisca um palpite”, lembrou Cartaxo.

Dom Zacarias teria sido o único a conhecer os detalhes do atentado, revelado a ele por meio de confissão

Joaquim Barroso

Jornalista, teatrólogo e defensor do abolicionismo em Mamanguape

Hilton Gouvêa
hiltongouveaunio@ gmail.com

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@qpc.pb.gov.br

O jornalista e teatrólogo Francisco Joaquim Pereira Barroso nasceu na cidade de Mamanguape, no Litoral Norte paraibano, no dia 10 de abril de 1856. Inicialmente, estabeleceu-se como farmacêutico prático em sua cidade natal. Abolicionista convicto, fundou no município, junto com Castro Pinto, Luiz Aprígio e Rodrigues de Carvalho, um dos poucos clubes libertadores da Paraíba.

Na juventude, viajou para a cidade do Porto (Portugal), terra dos seus pais, onde estudou e depois retornou ao Brasil como jornalista. Em Portugal, colaborou no Diário Mercantil e no Jornal Nacional. Também redigiu e fundou com Luiz Pereira Ferraz as Distrações Literárias.

De acordo com informações do “Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand”, organizado por Socorro de Fátima Pacífico Barbosa e lançado pela Editora Universitária/UFPB em 2009, ao retornar ao Brasil, Joaquim Barroso deixou os estudos de lado para se dedicar ao jornalismo. Foi redator de diversos jornais, nos estados do Amazonas e de Pernambuco.

Também desempenhou a função de redator em vários periódicos da Paraíba, como de “A Philipéia”, revista literária, comercial, agrícola, política, religiosa, científica, artística, industrial e humorística. Em jornais, trabalhou no “Correio da Manhã” e na “Gazeta do Comércio”, da qual foi diretor e em cujas páginas escreveu “Notas Históricas sobre a Revolução de 1817”.

Envolvimento com as artes

Após se fixar em João Pessoa, Joaquim Barroso se tornou conhecido por sua atuação na imprensa, mas também por ter se dedicado à teatrologia, escrevendo vários dramas, comédias e romances. Entre as suas obras de prestígio nas artes cênicas estão “Depois da lua-de-mel” e “O Queimado Sr. Praxedes”.

Conforme o biógrafo Liberato Bittencourt, em 1914, o jornalista teria feito o romance de costumes “A princesinha”. Ainda sobre a sua atuação nas artes cênicas, o livro “Memorial do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano” cita que Joaquim Barroso também chegou a ser diretor do Teatro Santa Roza, no Centro da capital paraibana.

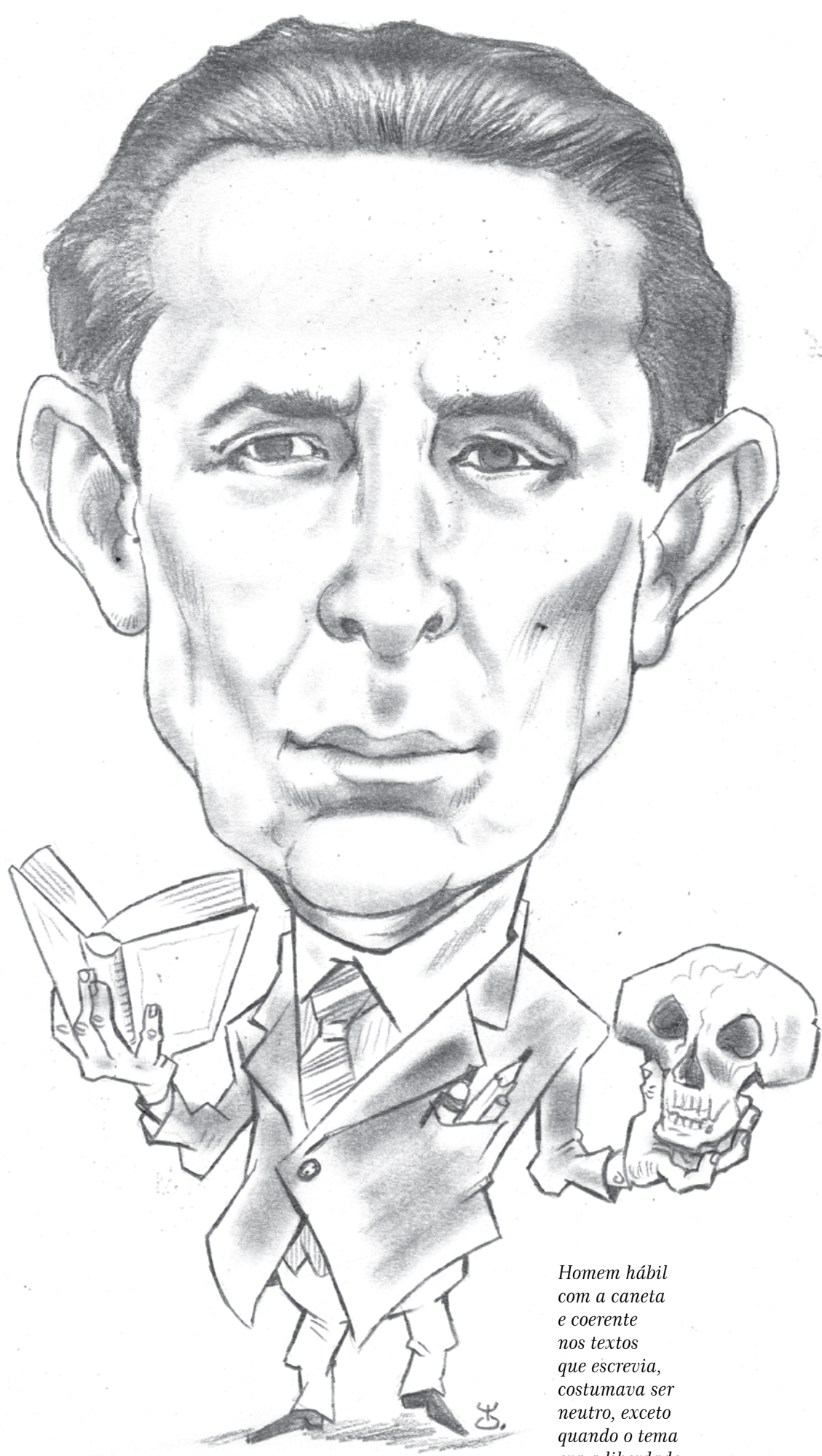


Ilustração: Tono

Homem hábil com a caneta e coerente nos textos que escrevia, costumava ser neutro, exceto quando o tema era a liberdade

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Afinal, para que serve a transparência jornalística?

O Observatório da Ética Jornalística (objETHOS), vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, acaba de lançar uma publicação digital que aborda a transparência no jornalismo. O e-book integrou as comemorações de 13 anos do observatório, que também incluiu um seminário.

Com 45 páginas, “Transparência no Jornalismo: o que é e como se faz?” é uma publicação gratuita e disponível on-line que foi desenvolvida a partir do projeto “Transparência no jornalismo: valor ético, compromisso público e desafio prático para profissionais e a indústria”, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) entre 2019 e 2022.

O livro contou com a coordenação editorial do professor Rogério Christofoletti, que é um dos coordenadores do objETHOS. Na apresentação do e-book, ele lembra que o jornalismo é uma atividade que trabalha pela transparência, mas que, de forma muito contraditória, tal prática não é tão transparente quanto exige de personagens da vida pública.



Ilustração: Pixabay

“Muitas vezes, não sabemos como uma informação foi obtida, quais são os interesses envolvidos numa reportagem, quem a financiou e nem quem são os proprietários daquele meio de comunicação. Quase sempre isso é de interesse público e deve ser conhecido”, registra Christofoletti. Ele aproveita para convidar o leitor a saber porque as redações devem se abrir para

os públicos, que estratégias alguns veículos vêm adotando para isso e como a transparência pode melhorar a relação entre quem produz e quem consome informações.

Ao longo de seis capítulos, redigidos em linguagem simples, o e-book trata, dentre outras questões, do conceito de transparência no jornalismo, o motivo de a transparência no jornalismo ser necessária, como a transparência melhora o jornalismo e boas práticas de transparência no jornalismo.

Mas o que é mesmo transparência no jornalismo? A pesquisadora Denise Becker responde: “Transparência é um princípio fundamental para o jornalismo profissional porque significa abertura e acesso à informação – duas condições essenciais para um jornalista realizar seu trabalho de informar”.

Já a pesquisadora Kalianny Bezerra traz recomendações para dirigentes e proprietários de mídia, além de repórteres, editores e produtores de conteúdo, visando à construção diária da transparência no jornalismo. A autora ressalta, porém, que

apenas dá pistas, afinal, não se trata de receita pronta! “Não se trata de um modelo fixo ou um conjunto inflexível de regras e, sim, orientações para que cada veículo e profissional consiga encontrar caminhos para uma atuação mais transparente e próxima da sociedade”.

Em seu texto, Kalianny também lembra que os cidadãos também podem e devem ajudar nesse processo. Conforme a autora, a transparência pode contribuir não apenas para que o jornalismo (re)conquiste a confiança do público, mas também possibilita um resgate do debate público nas sociedades democráticas.

Para finalizar, resgato outra frase de Denise Becker: “Quanto mais transparência, maior será a credibilidade, atributo valioso para o jornalismo. Sem credibilidade, o trabalho de informar perde o sentido, pode ser confundido com conteúdo mentiroso, além de afetar a confiança das pessoas na informação jornalística e no jornalista, o que é pior”. No mais, acesse o e-book na página do ObjETHOS (<https://objethos.wordpress.com/>) e boa leitura!

Escritor era dedicado à preservação da história

Além das experiências no jornalismo e no teatro, Francisco Joaquim Pereira Barroso fez parte do grupo de 51 sócios fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), a mais antiga instituição cultural da Paraíba em funcionamento. São considerados sócios fundadores do Instituto, as personalidades que assinaram os estatutos, compareceram ou se fizeram representar nas sessões preparatórias, ou então assinaram a ata de instalação do IHGP em 12 de outubro de 1905.

Nos antigos documentos da entidade, podem ser encontrados, inclusive, a Revista do Instituto cuja primeira publicação ocorreu no ano de 1909, além da primeira participação do jornalista e teatrólogo, que aconteceu em 1910. Seus textos estão presentes no local junto a publicações relacionadas à Colônia, ao Império e a República, mapas, jornais e revistas fora de circulação, livros raros, arquivos privados, dentre outros itens de vários autores.

Entre as publicações de Joaquim Barroso na Revista do IHGP estão “A Capitulação Holandesa” (Revista 2 – 1910); “Ilha da Camba” (Revista 2-1910); “Invasão Holandesa” (Revista 3-1911); “Revolução Paraibana de 1817” (Revista 4 – 1912) e “Fragmentos históricos” (Revista 4 – 1912).

O escritor Liberato Bittencourt e outros historiadores costumam descrevê-lo como “um homem de hábitos taciturnos, hábil com a caneta, coerente nos textos que escrevia e que, já revelando tendências para um jornalismo moderno, saía sobressair-se com neutralidade nos artigos que escrevia, exceto quando se tratava de abolicionismo ou da instauração da República”. Falava-se que “simultaneamente fazia o papel de abolicionista ou pró-republicano ativo, sem temer as represálias das autoridades portuguesas.”

Francisco Joaquim Pereira Barroso exerceu ainda o magistério. Ele faleceu em 1931, aos 75 anos de idade.



Foto: Divulgação/IHGP

Entre as ações do jornalista, está a colaboração para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O Ufanismo na Música Popular Brasileira – Conclusão

Dentre as canções que, mesmo demonstrando seu caráter de certa forma ufanista, exaltam as pretensas belezas ainda hoje consideradas clichês tupiniquins, façamos algumas curtas divagações.

Basta que se recorde do nosso paraibano Geraldo Vandre(gisilo), que nos deixou a música que ainda hoje se mantém na “linha de frente” e serve de bandeira para movimentos ditos sociais e populares, sua “Pra não dizer que não falei de flores” (ou “Caminhando”), de 1979. Daí, não restarem dúvidas de que, em certos e determinados momentos, a música possui esse dom de unir ou possibilitar a arregimentação em torno de um mesmo ideário: “[...] Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!”

E o que não dizer daquelas criações específicas para as Copas do Mundo de Futebol? Até o nosso Jackson do Pandeiro fez relativo sucesso com o seu “Frevo do Bi” (1962), hoje esquecido.

Foram tantas, das quais o imaginário popular ainda conserva algumas, como “A taça do mundo é nossa” (de Wagner Mangeri, Mangeri Sobrinho, Lauro Müller e Victor Dagô), para a Copa de 1958, ou “Pra frente, Brasil” de Miguel Gustavo (Copa de 1970): Noventa milhões em ação / pra frente Brasil, no meu coração. / Todos juntos, vamos pra frente Brasil / Salve a seleção!

Surge então, talvez, a mais polêmica criação do nosso cancioneiro dito ufanista: a dupla Dom & Ravel (foto). Quem se não há de lembrar o estrondoso sucesso da marcha “Eu te amo, meu Brasil”, considerada, segundo o estudioso Rodrigo Faour (in História da Música Popular Brasileira – sem preconceitos), “A canção ultraufanista, exaltando as belezas clichês do país, totalmente alheia ao ambiente de terrível controle e repressão – [que] acabou virando um símbolo da era do ‘milagre econômico’ do regime militar, criando uma grande antipatia da intelectualidade e parte da imprensa [...]”. E o conjunto de rock Os Incríveis que o diga, uma vez que,



Foto: Reprodução

após o enorme sucesso que conquistaram, mesmo junto ao público jovem, caiu no ostracismo, sendo até também esquecida, por certo tempo, aquela que é o sucesso maior do grupo, “O Milionário” (The Millionaire), de Mike Maxfield, 1967.

Algumas dessas músicas, como a dos artistas cearenses, foram compostas com conotações futebolísticas, por mera coincidência em momento específico, como aquele em que o país sofria seus momentos mais duros da repressão por parte do regime militar. A dupla “pagou o pato”, uma vez que o “Pra frente, Brasil” passou a ser usada pelos governantes de plantão como propaganda

política. (Na época, a nossa população era de apenas noventa milhões em ação”, longe, portanto, dos nossos 215 milhões de habitantes de hoje.) Mas, “como diz o aforismo, “a mão que ataga é a mesma que apedreja”, a dupla caiu no ostracismo e na ‘desgraça’ quando teve censurada uma das suas mais emblemáticas canções – “Animais Irracionais (Somos todos meio...)”, banida das emissoras de rádio e TV por aqueles mesmos que a agradeceram, sob a alegação de tratar-se de um ‘protesto social’: “Às vezes, eu olho pra terra sem compreender / a luta dos seres humanos pra sobreviver; / o grande açoitando o pequeno, / terceiros mandando apartar,

/ mas, na maioria das vezes, / o grande não quer parar”, uma verdadeira aula de protesto contra uma situação que se arrastava e continua se arrastando em nossos dias. Mas, momentos são momentos: no melhor estilo do educador Paulo Freire (1921-1997), Dom & Ravel tiveram uma outra composição deles “Você também é responsável” (1971), utilizada, sacramentada e transformada pelo ex-ministro da Educação, Jarbas Passarinho, em hino oficial do MOBRAF – Movimento Brasileiro de Alfabetização (1967): “Então me ensine a escrever / Eu tenho a minha mão domável / Eu sinto a sede do saber”. E o que não dizer de “Obrigado ao homem do campo” (1971)? Bem que poderia ser, independentemente do governo de plantão, o hino oficial do agronegócio, hoje assunto tão em voga: “Obrigado ao homem do campo / pelo leite, o café e o pão / Deus abençoe os braços que fazem / o suado cultivo do chão”.

Dom (Eustáquio Gomes de Farias – Itaipaba-CE, 1944 – Fortaleza, 2000) e Ravel (Eduardo Gomes de Farias – Itaipaba-CE – 1947 – São Paulo, 2011) surgiram na década de 60, quando, devido ao sucesso deles, a família se mudou para São Paulo (anos 50), tendo os dois alcançado enorme sucesso em apresentações em rádios, TVs e shows. (Curiosidade: o pseudônimo Ravel lhe foi colocado, ainda na infância, em homenagem a Maurice Ravel, o francês compositor do famoso Bolero, por um professor que, certamente, já previa o dom musical do menino Eduardo).

Além dos sucessos já referidos, o aspecto telúrico de suas composições já aparecia, como em “Praia de Iracema” (1971), gravada pelos Demônios da Garoa, criação musical aos moldes de “Praia de Mucuri” (Belchior, 1970) revidada e renovada por Elis Regina (1972) e por Fagner (1973).

Lamentavelmente para este cronista e para quem adota gosto musical semelhante, a dupla nos deixou longe da fama de que eram mercedores, como criadores de músicas para nós inolvidáveis.



BA’RA Hotel treina equipes

A expectativa está grande para a estreia do BA’RA Hotel, o primeiro hotel de luxo da Paraíba e que contará com restaurantes, SPA e espaço para encontros. Faltando exatamente um mês para abrir suas portas, o BA’RA está em processo de finalização dos treinamentos das equipes para garantir a melhor experiência aos hóspedes e clientes.

“O sentimento é que estamos construindo pontes, conexões para a realização de vários sonhos, sobretudo o de recebermos as pessoas da melhor forma e com o máximo de profissionalismo que a Paraíba merece e sabe fazer”, destaca o diretor-geral do BA’RA, Gefferson Alves.

Para o diretor de Vendas e Marketing do BA’RA, Marcel



Hotel está em processo de finalização dos treinamentos para inaugurar

Marin, o sentimento é de responsabilidade e entusiasmo pela realização do trabalho. “A ansiedade é grande, principalmente nós que estamos à frente, ao mesmo tempo, é preciso tomar as melhores de-

cisões, cumprir o planejado e manter o controle emocional. É uma ansiedade boa e o que passamos muito para o time é sobre curtir essa jornada, curtir cada momento, cada conquista, aprendendo com

os erros desde já e, acima de tudo, ser feliz”, destaca.

O hotel

Localizado na praia de Cabo Branco, o BA’RA Hotel é fruto da união entre a Construtora Massai, do jogador de futebol e empreendedor Hulk, da Florense Paraíba e da Hofmann Station. A propriedade conta com 123 unidades, sendo quatro suítes de dois tamanhos diferentes e 119 apartamentos de 22 a 36m². O projeto arquitetônico é assinado pelo Plan-B Arquitectos, o paisagismo por Patrícia Lago e os interiores por Sandra Moura.

Será um excelente local que já está pronto em nossa capital, e que será logo inaugurado.

Walter Ulysses

Walter Ulysses
| Colaborador

RuralTur vai gerar negócios de R\$ 1,8 mi

A 18ª edição da Feira de Turismo Rural do Brasil (RuralTur) teve início na última quinta-feira (8) e promete movimentar o Brejo paraibano, não apenas pelos visitantes que irão a Bananeiras, cidade sede da feira, mas também pelos negócios que serão gerados. A estimativa para os expositores para os próximos seis meses, segundo a gestora de Turismo do Sebrae-PB, Regina Amorim, é de R\$ 1,8 milhão em negócios. Já movimentação financeira da economia de Bananeiras, deve ficar em torno de R\$ 900 mil durante a RuralTur.

Isto porque, segundo Regina, são esperados mais de seis mil visitantes presenciais e 10 mil pessoas acompanhando de forma on-line. “São três dias nos quais vamos colocar agências de turismo interessadas em ampliar seu portfólio de negócios e uma vasta oferta de produtos turísticos que serão apresentados”, destaca.

Expositores – Ao todo serão 108 expositores do Brasil, sendo 19 apenas do Brejo paraibano. A RuralTur havia realizado um planejamento para 80 stands, mas devido à grande procura, foi necessário aumentar o número para atender a demanda dos participantes ávidos pelo retorno das atividades presenciais. Com tamanho médio de nove metros quadrados, os espaços darão destaque à comercialização do turismo rural e artesanal dos municípios, empresas e artistas expositores.

Estrutura – Com aproximadamente três mil metros quadrados, a estrutura física já começou a ser montada na cidade de Bananeiras. O evento terá programação nos três turnos, para que o visitante realmente viva a experiência. “Pela manhã serão feitas visitas técnicas, nas quais o participante poderá fazer benchmarking, se auto avaliar e tirar dali alguma inspiração. À tarde e noite as rodadas de negócios acontecem em paralelo ao Seminário de Turismo Rural (8 e 9/8), apresentações culturais e o Encontro das Instâncias de Governança do Turismo do Brasil (10)”, destaca Regina.

A RuralTur acontece de 8 a 10 de setembro, em Bananeiras e vai contar com feira de turismo rural, visitas técnicas, rodadas de negócios, Seminário de Turismo Rural, Encontro Nacional de IGRs e atrações culturais. O evento conta com apoio da Prefeitura de Bananeiras, Fórum de Turismo do Brejo, Governo do Estado, Fecomércio, Sebrae nacional e ainda com os Sebrae de outros estados.

Vivass Assessoria e Comunicação



Walter Ulysses - Chef formado no curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa), com especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

QUENTINHAS

O Restaurante



O Bercy – Crepes e Salada tem seu cardápio elaborado pelo Chef Joca Pontes, que também comanda os restaurantes Ponte Nova e Villa – Cozinha de Bistrô, buscando um conceito mais saudável, e utilizando ingredientes frescos, com seus molhos e vinagretes feitos no próprio restaurante.

Atualmente com quatro unidades estrategicamente distribuídas na Região Metropolitana do Recife (nos bairros dos Afli-

tos, Boa Viagem, Madalena e Parnamirim), e uma nova unidade no bairro do Bessa, em João Pessoa.

A partir de 2015, começou a atender também com a entrega através de delivery ou retirada em suas unidades, agradando os clientes em suas residências no almoço e no jantar..

Na edição Comer e Beber 2012/2013, foi escolhido pelos leitores da Veja Recife como o melhor crepe da Cidade.

Além de ser um lugar super agradável, a comida tem um toque todo especial, isso é muito bom para a nossa capital.



PRATO DO DIA

Rubacão de frutos do mar

Ingredientes:

- 400g de feijão verde cozido e escorrido
- 400g de arroz da terra cozido
- 200g de camarão
- 200g de carne de caranguejo cozido e refogado
- 100g de carne de sol em cubos pequenos
- 100g de queijo coalho em cubos pequenos
- 2 colheres de sopa de manteiga da terra
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 1 lata de creme de leite
- 2 colheres cheias de nata



Modo de preparo:

- Em uma panela aqueça a manteiga da terra e doure a carne de sol, em seguida, acrescente os camarões, refogue e reserve.

Na mesma panela acrescente:

- O feijão verde, o arroz, o queijo coalho e o creme de leite com nata. Deixe aquecer até levantar fervura e adicione o camarão com a carne de sol refogada e a carne de caranguejo.